



PUC RIO

ANA PAULA BRANDÃO ROCHA

DOIS, É BOM. TRÊS, É DEMAIS ?

UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO CONJUGAL
E O PRIMEIRO FILHO, EM UM CONTEXTO DE
ACELERADA MUDANÇA CULTURAL, A PARTIR
DO PONTO DE VISTA DA MULHER

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, 31 de julho de 1993

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N. Chamada: 150 / R672e / TESE UC

Título: Dois e bom tres e demais?



Ex: 1-CENTRAL

1786

ANA PAULA BRANDÃO ROCHA

DOIS, É BOM. TRÊS, É DEMAIS ?

UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO CONJUGAL
E O PRIMEIRO FILHO, EM UM CONTEXTO DE
ACELERADA MUDANÇA CULTURAL, A PARTIR
DO PONTO DE VISTA DA MULHER

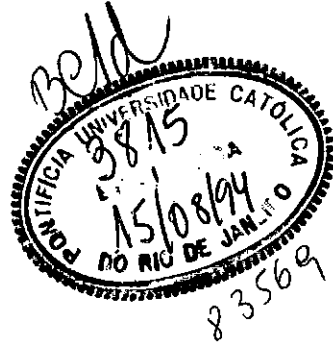
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 31 de julho de 1993

UC 57183-7



150
R6722
TESE UC

ANA PAULA BRANDAO ROCHA

DOIS, É BOM. TRÊS, É DEMAIS ?

UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO CONJUGAL
E O PRIMEIRO FILHO, EM UM CONTEXTO DE
ACCELERADA MUDANÇA CULTURAL, A PARTIR
DO PONTO DE VISTA DA MULHER

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA
PUC/RJ COMO PARTE DOS REQUISITOS
PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
MESTRE EM PSICOLOGIA.

ORIENTADORA: ANA MARIA NICOLACI-
DA-COSTA.

Rio de janeiro, 31 de julho de 1993

A todas as mulheres que, em
um mundo tão conturbado, ainda
ousam ser mães.

Meus agradecimentos

- a Ana Maria Nicolaci-da-Costa, orientadora da dissertação, pelo incentivo constante, pelo inestimável apoio e por toda a confiança em mim depositada.
- a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e ao Departamento de Psicologia, pela oportunidade que me deram de realizar este trabalho.
- a CAPES e a FAPERJ, pela ajuda financeira recebida.
- e especialmente a Margarida Brandão Rocha e a Rodrigo Otávio Lobo da Costa, pela paciência com que acompanharam esta minha caminhada e pelo apoio que me souberam dar todas as vezes em que o percurso me pareceu insuportavelmente acidentado. Devo em grande parte a vocês a minha persistência.

RESUMO

As interações mútuas entre os filhos e a relação conjugal têm sido um tema freqüentemente investigado. Alguns estudos apontam os efeitos positivos que os filhos têm para o casamento - legalizado ou não - dos pais, enquanto outros, ao contrário, priorizam os efeitos negativos. Autores brasileiros procuram abordar o assunto, de forma mais ou menos direta, contextualizando-o na sociedade brasileira marcada por um intenso e acelerado processo de mudança cultural interpretado como modernização.

O presente estudo busca investigar, e constata, através da análise dos discursos de mulheres pertencentes às camadas sociais médias da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, que as transformações subjetivas decorrentes da rápida transformação da sociedade podem interferir com o momento de transição que corresponde à chegada do primeiro filho na vida do casal, tornando - o mais difícil para ambos os cônjuges, ou pelo menos para a mulher, e assim provocando uma "crise" conjugal caracterizada por desentendimentos, brigas e cobranças mútuas.

ABSTRACT

Mutual interaction between children and marital relationship have been a subject frequently investigated. Some studies point out that children have positive effects upon their parents marriage - legal or illegal - while other studies stress their negative effects. Brazilian authors try to approach the subject, in a more or less direct way, according to the context of the Brazilian society which has been marked by an intense and accelerated process of cultural change interpreted as modernization.

The present study seeks to investigate the subjective transformations resulting from the societies rapid cultural change through the analysis of the discourse of middle-class women living in the city of Rio de Janeiro who had just had their first baby. It confirms that the aforementioned transformation may interfere with husband - wife relationship on the arrival of the first child. This can be observed through the large number of reports of marital crises made by the subjects of the study.

SUMARIO

	Pag.
LISTA DE TABELAS	VI
1 - INTRODUÇÃO	001
2 - PATERNIDADE E RELAÇÃO CONJUGAL: DIFERENTES LEITURAS	006
2.1 - PATERNIDADE E ESTABILIDADE CONJUGAL	008
2.2 - PATERNIDADE E SATISFAÇÃO CONJUGAL	014
2.3 - QUANDO DOIS SE TORNAM TRÊS: TRANSIÇÃO E TENSÃO	019
2.4 - PATERNIDADE E MODERNIZAÇÃO DA SOCIEDADE	026
2.5 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	041
3 - PATERNIDADE E MUDANÇA CULTURAL: DESORIENTAÇÃO E CONFLITO	044
3.1 - O SUJEITO E A MUDANÇA CULTURAL	046
3.1.1 - SOCIALIZAÇÃO PRIMÁRIA E SOCIALIZAÇÃO SECUNDÁRIA	047
3.1.2 - DESMAPRAMENTO	051
3.1.3 - CRISE	055
3.2 - O SUJEITO E A PRIMEIRA PATERNIDADE EM UM CONTEXTO DE ACELERADA MUDANÇA CULTURAL	058
3.3 - O CASAL E A PRIMEIRA PATERNIDADE EM UM CONTEXTO DE ACELERADA MUDANÇA CULTURAL.	065

4 - RELAÇÃO CONJUGAL E PRIMEIRO FILHO EM UM CONTEXTO DE ACELERADA MUDANÇA CULTURAL: ESCUTANDO A MULHER.	070
4.1 - APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	070
4.1.1 - SUJEITOS	072
4.1.2 - METODOLOGIA	075
4.2 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	080
4.3 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	115
5 - CONCLUSÕES	137
APENDICE	144
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	153

LISTA DE TABELAS

	Pag.
TABELA I	145
TABELA II	145
TABELA III	146
TABELA IV	146
TABELA V	147
TABELA VI	148 e 149
TABELA VII	149
TABELA VIII	150
TABELA IX	150
TABELA X	151
TABELA XI	152

1. INTRODUÇÃO

Em conversas informais com casais jovens que tenham se tornado pais pela primeira vez há relativamente pouco tempo não é difícil perceber que a chegada do primeiro filho introduz inúmeras mudanças na vida do casal e atua seus efeitos sobre a relação conjugal de modo a alterá-la substancialmente.

Muitos estudos têm sido realizados por diferentes autores, dentro das mais diversas linhas teóricas e em países também variados, sobre as interações mútuas entre a relação conjugal e os filhos. Estes trabalhos priorizam, em geral, a discussão de temas como estabilidade conjugal, satisfação conjugal e períodos de transição para o casal e para a família, sempre articulando-os à paternidade.

Alguns autores brasileiros, que em algum momento se dedicam ao mesmo assunto, levam em conta o contexto social em que o casal está inserido - e no caso do Brasil um contexto de acelerada modernização responsável por intensas e rápidas mudanças culturais, especialmente nos grandes centros urbanos - e procuram entender as questões que envolvem a paternidade e a conjugalidade a partir de uma leitura, ao mesmo tempo, psicológica e sociológica.

Seguindo por este caminho é desenvolvido aqui um trabalho de pesquisa que tem por objetivo investigar até que ponto o acelerado processo de modernização pelo qual tem passado a sociedade brasileira pode exercer alguma influência sobre este momento de transição na vida do casal, que corresponde à primeira paternidade, tornando-o mais ou menos difícil para cada um dos cônjuges e, desta forma, interferindo em sua relação conjugal.

A hipótese da qual se parte é de que a chegada do primeiro filho corresponde a uma crise conjugal para muitos casais jovens que hoje se tornam pais nas grandes cidades brasileiras. E isso porque os membros do casal, hoje adultos, viveram durante sua infância e adolescência um processo de socialização descontínuo - consequência da rápida modernização - ao longo do qual internalizaram diferentes e, por vezes, contraditórios conjuntos de valores e ideais. Quando se tornam pais e precisam definir uma linha de conduta coerente, estes conjuntos são confrontados dentro deles. Estabelece-se o conflito que, alterando as bases sobre as quais estava estruturada a relação conjugal, dá ao casal o sentimento de estar vivendo uma crise, o que é justificado pelos freqüentes desentendimentos e brigas que agora têm lugar em sua vida a dois.

Para verificar esta hipótese são realizadas entrevistas individuais com mulheres pertencentes às camadas sociais médias da cidade do Rio de Janeiro, nível universitário completo e faixa etária entre 26 e 34 anos. Estas mulheres são casadas - legalmente ou não, têm apenas

o primeiro filho e ainda pequeno, e residem na zona sul da cidade. O objetivo, ao entrevistá-las, é ouvir o que têm a dizer sobre as influências mútuas exercidas entre seu casamento e o primeiro filho, investigando, ao mesmo tempo o desenrolar do seu processo de socialização.

A análise dos discursos destas mulheres, acredita-se, veio confirmar a hipótese levantada neste trabalho, ainda que parcialmente pois não foram entrevistados os seus maridos o que permitiria uma maior precisão dos resultados. A opção de centrar esta pesquisa no discurso da mulher, e não no de ambos os membros do casal, correspondeu a necessidade de restringir o máximo possível o foco de atenção do pesquisador neste seu primeiro contacto com o tema e com a pesquisa científica. A escolha do discurso feminino e não do discurso masculino se deu em função do acesso a uma bibliografia mais vasta no que se refere ao estudo da mulher, o que dá à pesquisa um embasamento teórico mais consistente.

Apesar de todas as limitações pode-se considerar este trabalho de pesquisa útil tanto para a ampliação do estudo científico sobre as interações entre a relação conjugal e os filhos, quanto para a prática clínica da psicologia, já que fornece dados sobre o funcionamento consciente e inconsciente de sujeitos que estão inseridos em um determinado contexto, mostrando as influências do social na construção da subjetividade e seus reflexos sobre as relações estabelecidas entre os sujeitos.

Os dois primeiros capítulos, apresentados a seguir, são essencialmente teóricos, e constituem-se enquanto referencial para a realização da pesquisa a ser apresentada no terceiro capítulo.

2. PATERNIDADE E RELAÇÃO CONJUGAL: DIFERENTES LEITURAS

As interações mútuas entre os filhos e a relação conjugal têm sido objeto de estudo de alguns pesquisadores em diferentes países e a partir dos mais diversos pontos de vista. Há autores que se dedicam ao estudo dos efeitos que os filhos causam sobre o relacionamento do casal e outros que privilegiam, ao contrário, as conseqüências que o relacionamento entre os pais tem para os filhos. Da mesma forma, alguns estudos se concentram na problemática da mulher que se torna mãe, enquanto outros priorizam as questões do homem que se torna pai ou do casal que, tendo filhos, dá início à construção de uma família. E ainda, há pesquisas que adotam um referencial sociológico, e outras que se utilizam de um referencial antropológico, psicológico, psicanalítico, ou mesmo múltiplo.

De qualquer maneira, a questão da parcialidade está sempre presente na pesquisa científica. E isso porque um estudo detalhado de um determinado tema exige um certo estreitamento do campo de visão e o pesquisador se vê obrigado a escolher uma determinada área de investigação, uma das muitas facetas do problema que se dispõe a estudar, em detrimento de outras, para ele talvez igualmente

interessantes mas que, ao menos temporariamente, necessita ignorar.

Uma pesquisa é, em última instância, um recorte específico de um tema que pode ser sempre muito mais amplamente explorado. Esta é uma das suas limitações, e provavelmente a primeira com que se depara o pesquisador. Em sua ávida busca de conhecimentos que possam dar subsídios à sua pesquisa, ele entra em contacto com um número muito grande de estudos realizados por diferentes autores e dentro de abordagens distintas. Todos estes trabalhos, de um modo ou outro, inspiram o seu próprio trabalho e ajudam a definir o recorte que ele quer dar ao tema. Entretanto, algumas contribuições se tornam mais pregnantes na medida em que, como peças de um quebra-cabeça, ajudam o pesquisador na construção do seu pensamento acerca do campo de investigação pelo qual optou.

Posto desta forma, o objetivo que se quer alcançar através deste capítulo é, portanto, o de apresentar as diferentes pesquisas que, orientando o curso de pensamento deste pesquisador, possibilitaram a realização deste trabalho. E esta é mais uma característica da pesquisa científica: conhecimento gera conhecimento. Uma pesquisa realizada é uma porta a mais que se abre, um novo limiar ultrapassado na incessante busca do saber, característica da humanidade.

As pesquisas aqui apresentadas foram realizadas na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos e no Brasil, nas

últimas décadas, em contextos de fortes mudanças sociais e culturais. Estas mudanças foram e continuam sendo significativas, principalmente, no que concerne às relações entre os sexos e, por conseguinte, às relações conjugais e familiares. Elas criam um clima generalizado de confusão e incerteza no qual as confusões e incertezas típicas de momentos de transição na vida de um sujeito e de uma família ganham um significado especial e merecem maior atenção.

A opinião unânime dos pesquisadores consultados, independentemente da sua linha de pesquisa, é de que o nascimento de um filho consiste em um importante momento de transição na vida do sujeito e na vida do casal, um acontecimento que afeta a relação conjugal e que, ao mesmo tempo, recebe as influências do modo como esta relação está estruturada. E muitas vezes esta afirmativa se amplia e abrange o período que antecede o nascimento - a gravidez. Isso porque a gravidez tem sido vivida, nos últimos tempos, já como maternidade e paternidade. Enquanto esperam o filho os futuros pais já se sentem pais e percebem e lidam com o feto como se este fosse já um bebê existindo fora do útero materno. Assim, este importante momento de transição tem início já na gravidez, antes mesmo do nascimento da criança.

As pesquisas que serão citadas agora, acredita-se, têm contribuído para a compreensão, cada vez maior, da extensão com que a gravidez e o nascimento de um filho, e especialmente a gravidez e o nascimento do primeiro filho afetam o casamento dos pais. Por casamento entende-se aqui, e subseqüentemente, o relacionamento de um casal heterossexual

que vive junto, sob o mesmo teto, como marido e mulher, não importando se legalmente casado ou não.

E estas pesquisas versam, basicamente, sobre, as possíveis conseqüências que a paternidade pode ter para a estabilidade conjugal, as alterações nos níveis de satisfação no casamento decorrentes do nascimento de um filho, as tensões que têm lugar na relação conjugal em função da transição de dois para três que caracteriza a chegada do primeiro filho, e os efeitos da modernização da sociedade sobre a paternidade.

2.1 - PATERNIDADE E ESTABILIDADE CONJUGAL

No ocidente as últimas décadas têm sido marcadas por uma série de mudanças de atitude frente o casamento, a organização familiar, a separação e o divórcio. Ainda que não se tenha constatado uma diminuição significativa no número de casamentos realizados, as taxas de divórcios têm aumentado consideravelmente a cada ano, o que deixa margem ao questionamento de um possível aumento de infelicidade conjugal, embora, é claro, esta tendência crescente à separação possa estar apenas deixando ver agora o que antes ficava obscurecido pelos códigos morais da sociedade e pela máscara legislativa.

O fato é que, indubitavelmente, os altos índices de separação e divórcio são indicativos de instabilidade

conjugal, e ainda que as causas desta instabilidade possam ser as mais variadas e que não tenham sido encontradas até hoje evidências de que os filhos possam ser diretamente responsabilizados por ela, alguns autores buscam avaliá-la em correlação com a paternidade.

Thornton (1977) sugere, ao estudar os efeitos que os filhos podem ter sobre a estabilidade do casamento dos pais, que o tamanho da família esteja de alguma forma associado às taxas de dissolução das relações conjugais. Infelizmente, o modo como isso acontece e as razões que acabam ligando o número de filhos ao término ou à manutenção do casamento não chegam a ser avaliados profundamente, em todas as suas possibilidades, neste trabalho.

Mesmo assim, os resultados obtidos através dos estudos de Thornton evidenciam que casais sem filhos separam-se mais freqüentemente do que casais com filhos, e que a tendência à separação também é maior no extremo oposto, em casais com um número grande de crianças em casa. Sua interpretação destes fatos é de que, por um lado, os filhos adiam a decisão do casal pelo rompimento de uma relação que já não é para eles satisfatória, mas por outro lado, muitas crianças na família tendem a sobrecarregar a relação conjugal dos pais além da sua capacidade, e isso acaba por levar o casal mais rapidamente à separação.

Shereshfsky e Yarrow (1973), por sua vez, investigando os aspectos psicológicos da primeira gravidez e a adaptação inicial do casal ao período pós-natal, concluem

que a gravidez pré-conjugal e a concepção de uma criança imediatamente após o casamento são fatores que predis põem, senão a um subsequente rompimento, pelo menos a um nível considerável de tensão na relação conjugal.

A primeira gravidez é, segundo Shereshefsky e Yarrow, apesar de suas ramificações sociais e significado interpessoal, uma experiência essencialmente intrapsíquica, capaz de provocar distúrbios emocionais transitórios em ambos os futuros pais. Entretanto, procurando descrever as variações que acontecem ao longo do tempo na adaptação conjugal, os autores garantem que durante a gravidez o relacionamento do casal tende a melhorar. A espera de um filho, aparentemente, aprofunda e torna mais íntimo o envolvimento entre o marido e a mulher na medida em que os aproxima afetivamente.

Contudo, ao que parece, este aprimoramento da relação conjugal não se mantém no período pós-natal. Shereshefsky e Yarrow afirmam que em uma proporção significativa das famílias por eles avaliadas foram encontradas evidências de que o relacionamento entre os pais deteriora após o nascimento do bebê, podendo-se constatar inclusive um aumento na ocorrência de infidelidade sexual nesta ocasião. A explicação dos autores para esta deterioração se dá em função da pressão que para eles é exercida sobre a relação conjugal quando marido e mulher se esforçam para se adaptar às necessidades da criança e aos novos papéis que agora têm que assumir de pai e de mãe.

A deterioração da relação conjugal associada à chegada de um filho também é investigada por Oakley (1979). Em uma pesquisa realizada com mulheres pertencentes às camadas médias da sociedade londrina constatou que, se o nascimento de um bebê une os pais, a responsabilidade materna para com o filho tende a afastá-los. Em sua amostra de mães entrevistadas na ocasião em que seus bebês estavam com cinco meses de idade, encontrou fortes indicadores de uma deteriorização temporária das relações sexuais do casal após o nascimento do filho. E mais, 73% destas mulheres se referiram a um declínio na felicidade conjugal após a chegada do bebê.

Oakley acentua o aspecto de desilusão que estes fatos têm para estas mulheres e que pode ser facilmente notado em seus depoimentos. Sem dúvida, elas esperavam que o filho contribuísse para um incremento da estabilidade do casamento e não, ao contrário, para uma instabilidade conjugal provocada por um distanciamento entre elas e seus maridos.

A extensão da desilusão entre estas mulheres que se tornaram mães é avaliada por Oakley desde a gravidez. Dentre as entrevistadas, 82% afirmaram que sua experiência de gravidez não correspondeu às expectativas, 93% disseram o mesmo sobre o parto, e 90% relataram uma mudança significativa em sua imagem de maternidade a partir da experiência. Assim, para estas mulheres, a realidade habitualmente mostrou-se menos convidativa do que a fantasia e isso, conforme Oakley, teve efeitos nocivos à auto-estima

de grande parte delas.

Mas, a desilusão não é uma particularidade das mulheres que se tornam mães, ela também está presente na vivência que os homens têm da paternidade. Parseval (1986) desenvolveu na França uma pesquisa cujo principal objetivo era o de ouvir o que os homens tinham a dizer a respeito de suas experiências como pais. A autora entrevistou, com esta finalidade, homens que acabavam de ter o seu primeiro filho, homens que já tinham passado pela experiência de mais de uma paternidade, homens estéreis que se tornaram pais através de inseminação artificial de sua mulher, doadores de esperma e homens que, não querendo mais ser pais, estavam recorrendo à vasectomia.

Entre os entrevistados Parseval encontrou muitos pais queixosos que, embora gratificados pela experiência da paternidade, mostravam-se decepcionados com o papel secundário a eles atribuído em todo o processo de concepção, gestação e parto. O período após o nascimento do filho também foi marcado, em parte, por uma desilusão dos pais com relação à relevância de sua participação, o que Parseval ilustra muito claramente através da fala de um pai entrevistado: "Há uma diferença muito grande entre a importância que o pai gostaria de ter e a sua importância real" (P.193).

A desilusão dos pais frente à paternidade está, segundo Brown e Harris (1978), associada, à depressão e às experiências de perda que freqüentemente acompanham o período inicial de adaptação do casal à chegada do filho. Quando se

dedicam ao estudo das origens sociais da depressão vinculada à paternidade. estes autores conferem especial atenção às vivências de perda que o casal experimenta nesta ocasião: a renúncia da mulher - temporária ou não - à atividade profissional e, por conseguinte, ao convívio com a rede social mais ampla; a perda da intimidade na relação conjugal; a perda de espaço em casa; a perda de tempo disponível para si mesmos; a perda de recursos financeiros e físicos dispendidos para responder às demandas do bebê; e, mais do que tudo isso, a perda das ilusões, daquilo que não conseguiram realizar - das esperanças, idéias e expectativas depositadas sobre a experiência da paternidade que não estão encontrando correspondência na realidade.

Em todas estas pesquisas, no entanto, o que não se sabe precisar é em que medida as discrepâncias entre as expectativas e a realidade acerca da paternidade podem ser responsáveis pela deterioração da relação do casal e conseqüente instabilidade do casamento, ou, no sentido inverso, em que grau esta deterioração se constitui ela mesma em uma desilusão a mais. O fato é que estes estudos colocam a paternidade como um evento psicossocial que, conforme vivenciado pelo casal, pode contribuir para uma instabilidade conjugal. Instabilidade esta que pode se manifestar de diversas maneiras, e assim, variar desde uma alteração temporária nos níveis de satisfação conjugal até um rompimento da relação, com a separação e o divórcio.

2.2 - PATERNIDADE E SATISFAÇÃO CONJUGAL

No dia a dia, com o nascimento do primeiro filho, bem como dos seguintes, muito mais do que rompimentos da relação conjugal, pode-se observar alterações nos níveis de satisfação conjugal. Este fato também está documentado em diferentes pesquisas, realizadas por autores distintos, e que apresentam resultados por vezes, até mesmo, contrastantes.

Assim, alguns estudos produziram um corpo de evidências que sugere ser a satisfação conjugal adversamente afetada pela chegada de filhos. Entre eles, os trabalhos de Burr (1970) e Rollins e Feldman (1970). Outros, ao contrário, concluem que os filhos são uma fonte alternativa de satisfação ou que alguns casais encontram, após o nascimento dos filhos, uma satisfação maior em sua relação conjugal, como os estudos realizados por Luckey e Bain (1970) e por Feldman (1971).

Burr (1970) desenvolve um trabalho de pesquisa em que identifica seis áreas específicas da experiência conjugal e investiga a variação na satisfação subjetiva de cada um dos cônjuges com relação a cada uma destas áreas ao longo do ciclo de vida familiar. Observa, entre outras coisas, que há variações no grau de satisfação que os sujeitos experimentam no que concerne a certos aspectos da relação conjugal sem que necessariamente o mesmo ocorra com outros aspectos desta relação. E conclui que, ao contrário do que esperava, não há um padrão generalizado que permita afirmar que a satisfação conjugal diminui constante e gradativamente ao longo do ciclo de vida familiar, ocorrendo sim variações abruptas no grau de

satisfação experimentada entre os diferentes estágios deste ciclo.

As maiores quedas nos níveis de satisfação com o casamento ocorrem, segundo os resultados da pesquisa de Burr, tanto para o marido quanto para a mulher, após o nascimento dos filhos, no período compreendido a partir daí até o momento em que as crianças ingressam na escola. E este declínio da satisfação conjugal nesta ocasião se dá, conforme o autor, na maior parte das seis áreas investigadas: na satisfação do casal com o modo como as finanças são administradas, na satisfação com suas atividades sociais, na satisfação com o modo como cada cônjuge desempenha suas tarefas domésticas, na satisfação com o companheirismo no casamento, na satisfação com a interação sexual e na satisfação com o relacionamento pais-filhos. Com a entrada dos filhos na escola, entretanto, os níveis de satisfação do casal com sua relação conjugal em todas estas áreas voltam a subir.

Rollins e Feldman (1970) também descrevem uma queda nos níveis de satisfação conjugal após a chegada dos filhos mas; afirmam que isso ocorre de maneira diferente para os maridos e para as mulheres. A presença de crianças na família, de acordo com estes autores, tende a exercer uma influência maior sobre as mulheres do que sobre os homens, estando mais diretamente ligada a uma diminuição da satisfação com o casamento no caso delas do que no caso de seus maridos.

Após o nascimento do primeiro filho Rollins e

Feldman garantem que as mulheres apresentam um severo aumento na freqüência de sentimentos negativos que experimentam em relação ao cônjuge. Manifestam ressentimentos, não se sentem necessárias e acreditam estar sendo mal compreendidas por seus maridos. Para elas as experiências de gravidez e de maternidade têm efeitos profundos e negativos sobre a satisfação conjugal. E os autores sugerem que isso seja, ao menos em parte, conseqüência de uma redução brusca de experiências positivas de companheirismo que o casal vive nesta ocasião.

De fato, na pesquisa desenvolvida por Rollins e Feldman com 799 casais de classe média, tanto os maridos quanto as mulheres fazem referência a muitas experiências positivas de companheirismo comuns no início do casamento - tais como rir juntos, discutir tranqüilamente entre si algum assunto, ter uma estimulante troca de idéias e trabalhar juntos em um projeto qualquer - que declinam substancialmente após o nascimento dos filhos e até a entrada deles na escola. Rollins e Feldman explicam este declínio em função das pressões sofridas pelo casal, e especialmente pela mulher, através das responsabilidades que envolvem a tarefa de criar os filhos. Mas acentuam que se o companheirismo diminui, ao contrário do que acontece com as mulheres, para os maridos isso não corresponde a uma diminuição na satisfação conjugal. Para eles o período mais conturbado e de maior insatisfação no casamento é aquele que coincide com o momento em que estão deixando de exercer suas atividades profissionais, com a aposentadoria.

Contudo, nem todas as pesquisas apresentam o mesmo panorama. Luckey e Bain (1970), por exemplo, demonstram, a partir de um estudo sobre os efeitos que os filhos têm sobre a satisfação conjugal, que em muitos casos as crianças se constituem em fonte alternativa de satisfação para o casal. As autoras empreendem uma análise de dois grupos formados cada um por 40 casais casados, previamente identificados como "satisfeitos" e "insatisfeitos" em seus casamentos. Estes casais são solicitados a fornecer informações que Luckey e Bain analisam a fim de determinar se e como os filhos estão relacionados com a satisfação ou com o descontentamento dos pais com sua relação conjugal.

Os resultados deste estudo indicam que os filhos são a principal satisfação, quando não a única, para aqueles casais que admitem um baixo grau de felicidade conjugal, sendo muitas vezes a causa que apresentam para a manutenção do casamento. Estes casais, insatisfeitos com o convívio a dois, contam principalmente com os filhos como fonte de satisfação. Em contrapartida, Luckey e Bain avaliam que os casais satisfeitos gostam de estar casados, tendo ou não filhos. Para estes casais, diferentemente do que acontece com aqueles insatisfeitos, o companheirismo como um fator de satisfação tem um significado muito grande, o convívio a dois é prioritariamente o que enriquece a relação conjugal.

Feldman (1971) afirma que alguns casais encontram maior satisfação em seu casamento após a chegada dos filhos, e procura explicar as diferenças entre estes casais e outros que, ao contrário, mostram-se menos satisfeitos com sua

relação conjugal quando se tornam pais, em função da correlação que considera existir entre os níveis de satisfação conjugal e o grau de segregação de papéis no casamento.

Conforme Feldman, existem casais que se relacionam dentro de um companheirismo muito grande, marido e mulher compartilham diversos interesses e encontram um alto grau de satisfação quando realizam atividades em comum. Há outros casais, entretanto, que diferentemente dos primeiros, encontram satisfação prioritariamente em atividades e relacionamentos fora da esfera conjugal, e que se caracterizam por uma segregação de papéis claramente explicitada. Por definição, segundo o autor, estes últimos derivam menor satisfação de sua relação conjugal do que os primeiros.

Partindo da hipótese de que o nascimento de um bebê aumenta a necessidade de cooperação e envolvimento entre os pais, Feldman sugere que os casais que antes priorizavam os interesses extraconjugais, se aproximam quando se tornam pais e passam a encontrar maior satisfação em seu casamento do que encontravam anteriormente. Em compensação, aqueles que funcionavam dentro de um regime de marcado companheirismo enfretam, com a chegada do filho e a segregação de papéis que invariavelmente ela traz - já que por maior que seja a cooperação, em geral, quem lida mais diretamente com o bebê é a mãe - uma crise de diferenciação - agora os interesses e as atividades são obrigatoriamente desiguais - o que contribui para um declínio do grau de satisfação que derivam de sua

relação conjugal.

Mas, se a paternidade aumenta ou diminui o grau de satisfação conjugal o importante é perceber que, muito mais do que dos filhos, isso vai depender da dinâmica do casal, do modo como a relação está estruturada e da habilidade de cada um dos pais, e dos dois juntos, para se adaptar às mudanças que a criança traz para o seu casamento. E, entender que, mesmo uma boa adaptação não se faz livre de um certo nível de tensão, comum a todo período de transição na vida de um sujeito e também na vida de um casal. Esta tensão transicional gerada pelo nascimento de um filho atua seus efeitos sobre a relação conjugal e pode explicar, em parte, a instabilidade e a insatisfação que podem surgir no casamento quando marido e mulher se tornam pais.

2.3 - QUANDO DOIS SE TORNAM TRES: TRANSIÇÃO E TENSÃO

Quando um casal tem o seu primeiro filho este evento inaugura um novo estágio na vida familiar. O filho se introduz como um terceiro na relação dos pais e isso traz mudanças significativas para a interação entre eles já que ocorrem alterações de posições e papéis familiares. Para falar apenas na família nuclear - pai, mãe, filho - o nascimento da criança corresponde a um momento de transição em que o homem e a mulher deixam de ser apenas filhos de seus pais e passam a ser também pai e mãe de seu filho, e em que o casal deixa de

ser apenas marido e mulher e passa a ser marido-pai e mulher-mãe. As transformações muito intensas que marcam este momento transicional tendem a provocar um aumento nos níveis de tensão conjugal e, por isso, a transição da paternidade tem sido objeto de estudo de alguns pesquisadores.

Na França, Eiguer (1985) procura entender o nascimento de um filho, e especialmente o do primeiro filho, como um acontecimento psicossocial ligado ao ciclo histórico da família. Para ele este acontecimento, tanto quanto outros como o casamento, a entrada na escola e a adolescência dos filhos, a passagem dos filhos para a vida adulta e a saída de casa, etc., é vivido como uma descontinuidade em relação à relativa estabilidade anterior, e se constitui por isso mesmo em um "trauma" capaz de desencadear uma crise familiar.

O que Eiguer chama de trauma é a ruptura que a chegada de um bebê, bem como os outros eventos acima citados, impõe à vida do casal. Uma ruptura entre o passado e o presente, entre o modo como o marido e a mulher estavam interagindo antes de se tornarem pais e o modo como estão lidando agora um com o outro e ambos com o filho e com o mundo ao seu redor. O evento é traumático porque acarreta mudanças profundas e implica, entre outras coisas, na aquisição de um novo estatuto familiar e de um novo papel para cada um dos cônjuges.

A crise sobrevém, segundo Eiguer, quando todas estas alterações vêm reatualizar os antigos problemas do casal, desvendar os equilíbrios precários, despertar emoções e

angústias, gerar um certo luto pela antiga maneira de viver, provocar a modificação das regras a partir de então inadaptadas e permitir a definição de novas perspectivas. É sua superação vai depender da capacidade do casal de se dar conta do que está de fato se passando em sua vida e dos efeitos para sua relação conjugal, e da habilidade de ambos os côjuges para, a partir daí, acomodar as mudanças.

Clulow (1982) também valoriza a habilidade do casal para lidar com as mudanças que se seguem ao nascimento do seu primeiro filho e, principalmente, aquelas que dizem respeito às posições e aos papéis que cada um assume dentro da família. Conforme este autor as transições de marido para pai e de mulher para mãe são parte da transição de dois para três que o casal enfrenta quando chega o bebê, e o sucesso com que a relação conjugal vai poder acomodar esta terceira pessoa depende em grande parte da habilidade dos pais para acolher as mudanças inerentes a esta transição.

Segundo Clulow, o modo como os pais vão poder se adaptar aos seus novos papéis a às circunstâncias alteradas é fortemente influenciado pela maneira como sua relação conjugal está estruturada. Mas, mesmo para aqueles casais muito bem ajustados e com plasticidade suficiente para adequar sua relação às transformações que têm lugar em sua vida, a transição da paternidade, em função das pressões psicológicas e sociais, é tensa e estressante. E assim, se o casamento influi na maneira com que o casal vai poder administrá-la, ele será igualmente afetado por esta mesma transição e pelo impacto emocional a ela associado. Para Clulow, casamento e

paternidade exercem, pois, influências mútuas um sobre o outro.

O impacto emocional causado pelo bebê sobre os pais como sujeitos e sobre sua relação conjugal é decorrente não apenas da necessidade premente de assumir novos papéis e posições dentro da família, mas também de outros fatores que permeiam estas mudanças. De acordo com Clulow o nascimento de um filho, bem como outros eventos importantes, pode evocar novamente experiências passadas da vida de cada um dos pais e os conflitos a elas vinculados. Sentimentos de infância são redespertados e os pais se vêem diante da difícil tarefa de ter que lidar, ao mesmo tempo, com duas realidades: uma externa e outra interna.

Clulow afirma que ao nível da realidade externa o pai e a mãe têm em relação ao filho inúmeras responsabilidades e um papel a cumprir. Enquanto que ao nível da realidade interna cada um deles tem dentro de si o filho, a criança que foram um dia, com suas necessidades, experiências e sentimentos, os quais estão sujeitos a ressurgir neste momento de sua vida adulta, influenciando seu comportamento e suas relações.

As discrepâncias entre estas duas realidades geram parte da tensão experimentada pelo casal quando as pressões psicológicas resultantes do redespertar destas vivências passadas esbarram com as pressões sociais provenientes dos novos papéis que, como pais, o homem e a mulher adultos têm agora que assumir. Todavia, Clulow acredita que a relação

conjugal pode regular os fluxos entre as realidades externa e interna, potencialmente ela tem todas as condições de conter e re-elaborar - no sentido psicanalítico - os conflitos que surgem com a experiência da paternidade, promovendo, desta forma, o desenvolvimento pessoal e familiar. Assim, em sua concepção, um casamento seguro tende a amenizar a tensão adaptativa comum à paternidade.

E, quando se preocupa em desvendar as transformações na relação conjugal que se seguem ao nascimento do primeiro filho, Clulow percebe que estas mudanças envolvem tanto perdas quanto ganhos. O autor chega a esta conclusão através da pesquisa que realizou em Londres com 57 casais que tinham tido o seu primeiro filho nos últimos 15 meses. Estes casais, convidados a descrever o modo como o seu casamento foi afetado pela chegada do bebê, responderam a um questionário e suas respostas, conforme a avaliação de Clulow, evidenciaram os aspectos positivos e negativos que atingem a relação conjugal a partir da paternidade.

Clulow, então, assim como Eiguer, considera a paternidade um evento crítico na vida adulta mas, entendendo crise não como catástrofe e sim como mudança comum a todo momento de transição na vida de um sujeito ou na vida de um casal. Algo com que marido e mulher têm condições de lidar, na medida em que superem a tensão transicional que, ao menos a curto prazo, vivenciam quando se tornam pais.

Entretanto, outros autores têm pontos de vista diversos. Le Masters (1957), embora considere a paternidade

como um momento de transição, crítico para o sujeito e para o casal, define crise como uma mudança aguda e decisiva para a qual os meios existentes de administração são percebidos como deficientes. Com a chegada do primeiro filho, segundo este autor, os pais, e especialmente aqueles muito jovens, dão o último passo doloroso para entrar no mundo adulto.

A pesquisa de Le Masters foi realizada nos Estados Unidos com casais pertencentes às camadas médias urbanas. A partir dos resultados obtidos, relata que as mulheres, quando se tornam mães, tendem a reclamar de um cansaço crônico, de um confinamento prolongado dentro de casa, de uma vida social menos ativa, das longas horas de vigília a que são submetidas e de uma queda vertiginosa nos padrões de arrumação de sua casa. Além disso, elas demonstram uma certa insatisfação e uma preocupação excessiva consigo mesmas e com sua aparência.

Os maridos, por sua vez, tendem a repetir os mesmos temas, adicionando a eles uma determinada desilusão com relação ao que esperavam da experiência da paternidade. Dentre as queixas masculinas, de acordo com Le Masters, as mais comumente referidas são a de um aumento considerável na pressão econômico-financeira e a de um declínio que percebem ocorrer com frequência na correspondência sexual de suas esposas.

Conforme os resultados encontrados na pesquisa de Le Masters, 83 % da amostra de casais entrevistados afirmaram ter a paternidade correspondido a uma crise ampla e severa em suas vidas. Contudo, as reações destes casais a esta crise levam o

autor a compará-los a veteranos do serviço militar, que mesmo tendo passado por uma experiência tempestuosa acabam sempre por considerar que valeu a pena.

Outros autores, entretanto, centram o foco de seus estudos nos aspectos positivos e considerados agradáveis do tornar-se mãe e do tornar-se pai, e procuram refutar até mesmo a hipótese de que a experiência da paternidade tende a ser um momento de crise para o sujeito e para o casal. Estes autores reagem inclusive lingüisticamente, repudiando a palavra "crise" e se permitindo utilizar apenas a palavra "transição" para descrever a natureza desta experiência.

Este é o caso de Hobbs e Cole (1976) que supervalorizam o que de bom os filhos trazem para a vida dos pais. As pesquisas de Hobbs sobre a transição para a paternidade e suas vicissitudes se desenvolveram ao longo de uma década e, através de uma freqüente revisão e atualização de seus resultados, o autor confirma que uma grande parte dos casais que desejam filhos considera a paternidade uma experiência muito gratificante, mesmo observando alguns aspectos aborrecidos a ela inerentes.

O fato é que, considerando a paternidade um momento crítico ou não na vida do sujeito e do casal, e descrevendo crise como um fenômeno absolutamente natural e superável ou como algo diante de que os meios disponíveis de administração se mostram insuficientes, estas pesquisas são unânimes em avaliar a chegada de um filho como um momento de transição na vida do casal que, pelas mudanças que introduz, pode gerar um

certo grau de tensão conjugal.

E esta tensão, acredita-se, pode ser incrementada por uma atmosfera social de aparente modernização que não oferece uma prescrição clara de como marido e mulher devem se comportar quando se tornam pais e, ao contrário, parece conceder aos casais uma ampla liberdade de escolha sobre como desempenhar seus papéis, fornecendo poucas linhas de conduta e colocando sobre os pais uma carga considerável de responsabilidade pessoal pelas escolhas que fazem. O nascimento de um primeiro filho como um evento social, dentro deste contexto de modernização, precisa ser levado em conta quando se quer entender os seus efeitos para a relação conjugal.

2.4 - PATERNIDADE E MODERNIZAÇÃO DA SOCIEDADE

Clulow (1982) cita em sua pesquisa dois trabalhos de Rapoport (1971 e 1977) que tratam da modernização da sociedade no que diz respeito à paternidade. Rapoport considera que existe um movimento em direção a uma maior flexibilidade na distribuição de papéis entre os pais, o que sugere que cuidar dos filhos está sendo cada vez mais reconhecida como uma responsabilidade de ambos os cônjuges e não apenas de um deles, em geral da mulher.

Ao examinar as mudanças de atitudes que tiveram lugar no período pós-guerra Rapoport confronta velhos e novos costumes. Os velhos costumes caracterizavam uma disposição autoritária de formulações que, em sua época, idealizava uma concepção de família nuclear marcada por uma composição relativamente padronizada e por uma divisão de tarefas bem demarcada. Dentro desta concepção esperava-se que o homem "normal" e "maduro" fosse um provedor econômico, e que a mulher "normal" e "madura" fosse esposa e mãe. Esta concepção era considerada "natural" - no sentido de biologicamente determinada, universal entre as sociedades humanas e "funcional" - na medida em que refletia um imperativo humano adaptado à sociedade em que vivia o sujeito.

Já os novos costumes, segundo Rapoport, tendem a privilegiar os cuidados paternos compartilhados por ambos os pais; este tipo de atitude é muito valorizada, em detrimento daquela outra, considerada antiquada, em que cuidar dos filhos é tarefa da mãe. Da mesma forma, há a valorização de um sacrifício relativo dos pais em favor dos filhos e da família mas, não mais de um sacrifício total. A paternidade tende a ser apreciada considerando-se os prazeres e desprazeres que traz em seu bojo, pois os novos costumes apontam para a necessidade de se evitar criar uma imagem irreal e idealizada da vida familiar.

No Brasil, Almeida (1987), preocupada em avaliar os efeitos da modernização da sociedade sobre a estrutura dos sujeitos por ela atingidos, compara as representações da maternidade de mulheres que se tornaram mães na década de 50

com as representações da maternidade das filhas destas mulheres, gestantes dos anos 30, passando por sua primeira experiência de gravidez.

Na pesquisa desenvolvida por Almeida as mães da década de 50, quando se referem ao papel dos maridos durante a gravidez e posteriormente na maternidade, enfatizam o apoio e a assistência material por eles prestados. Em sua fala, o marido aparece como o provedor das condições essenciais para a manutenção da segurança doméstica e a mulher como aquela que se ocupa das tarefas de preparação para a chegada do bebê. Na hora do parto o marido muitas vezes está ausente, e quando presente permanece na sala de espera aguardando notícias. Após o nascimento o que se verifica é a pouca ou nenhuma participação do pai na execução das tarefas típicas como trocar fraldas, dar mamadeiras ou atender aos chamados do filho durante a noite. O discurso destas mulheres revela, portanto, uma clara demarcação de áreas e papéis pertinentes a cada um dos sexos na paternidade.

O mesmo já não acontece nas representações das gestantes da década de 80, segundo as quais o marido aparece como presença importante e insubstituível tanto ao longo da gravidez quanto na hora do parto. Ele participa ativamente dos grupos de preparação e orientação para a gravidez e o parto freqüentados pelas gestantes, dos exercícios respiratórios, dos trabalhos de corpo e das consultas mensais de acompanhamento da gravidez. São muitas as expectativas quanto ao seu desempenho na ocasião do bebê nascer - sua colaboração nos exercícios e no massageamento da mulher,

o corte do cordão umbilical e o primeiro banho da criança. E assim, os papéis antes segregados pelo gênero adquirem, conforme Almeida, ampla margem de negociação, agora baseada em diferenças pessoais e não mais posicionais e de status.

Outro forte contraste é aquele entre as relações que ambas as gerações desenvolvem com as famílias de origem durante a gravidez. Para as mães de 50, em especial suas mães e depois as avós, tias e irmãs mais velhas constituem modelos significativos de aprendizado, experiência e saber sobre a maternidade, são fontes de aconselhamento e exemplos a serem seguidos. A mãe destas mães é freqüentemente referida como tendo sido a pessoa que forneceu, naquela ocasião, um auxílio indispensável na preparação e escolha das peças do enxoval do bebê, nas regras a respeito da amamentação, choro e medicamentos a serem ministrados à criança.

Em contraposição, para as gestantes de 80, segundo Almeida, as famílias de origem chegam mesmo a representar um obstáculo e uma interferência negativa ao que consideram a "vivência genuína" da gravidez e da maternidade. Sendo assim, estas gestantes procuram estar afastadas da rede de aconselhamento e do assédio familiar, afastando principalmente suas próprias mães que, enquanto referência potencial de transmissão de regras e autoridade, perdem seu lugar de destaque no atendimento às dificuldades específicas das filhas.

No que diz respeito ao círculo de amigos, para as mães de 50 as relações de amizade não diferem muito das

relações familiares e apenas endossam e confirmam as regras e procedimentos correntes na esfera familiar. Já para as gestantes de 80 os amigos representam uma das principais estruturas de apoio e legitimação na construção de um novo estilo de maternidade, é entre amigos que o casal se sente mais à vontade para conversar e expressar suas opiniões sobre assuntos relacionados à gravidez e ao parto. Assim, as gestantes dos anos 80 empreendem uma gradual substituição da rede familiar pelo grupo de amigos que configura como a "família que se escolhe".

Outro ponto de contraste que Almeida investiga é a relação destas mulheres com os profissionais de saúde que acompanham a gravidez. As mães dos anos 50 recordam uma relação impessoal com seus médicos, de caráter essencialmente profissional e caracterizada por uma hierarquia explícita. As gestantes de 80, por sua vez, escolhem seus médicos não apenas em função da competência técnica e do reconhecimento da autoridade mas, principalmente, de acordo com critérios como afetividade, simpatia e informalidade.

Além disso, como as gestantes dos anos 80 encaram corpo e psiquismo como noções indissociáveis, acabam se utilizando de um trabalho integrado de pelo menos três profissionais: o médico ginecologista e obstetra, o especialista em trabalhos de corpo e exercícios específicos para a gravidez e o parto, e o psicólogo. Este tipo de atendimento expressa a postura "alternativa" à visão tradicional da gravidez que estas gestante abraçam, questionando os padrões médicos pré-estabelecidos, as relações

hierárquicas entre médico e gestante, e o uso indiscriminado de recursos técnicos.

Quanto aos aspectos ligados à relação destas mulheres consigo mesmas neste período, as mães dos anos 50 enfatizam a experiência do parto - delimitadora de fronteiras entre as vivências anteriores e sucessivas a ele - com suas dores, repuxos e longa duração do trabalho de parto. A gravidez é pouco mencionada e apenas como um processo inevitável para o momento do nascimento. Em compensação, as gestantes de 80, quando se referem às relações que desenvolvem consigo mesmas, falam da opção e da oportunidade de vivência da gravidez, e da preparação psíquica e corporal desenvolvidas durante este período. As experiências da gravidez e do parto não estão mais setorizadas no imaginário das mulheres que se encontram grávidas nos anos 80 e revelam, para elas, um significado profundamente transformador da "consciência", da "sexualidade" e do "prazer".

Almeida conclui, a partir dos resultados de sua pesquisa, que os contrastes marcantes entre as representações das mães dos anos 50 e das gestantes de 80 indicam que a maternidade tem se modernizado, em grande parte, ao longo das últimas décadas na sociedade brasileira. E a modernização, segundo a autora, dissolve fronteiras entre papéis, funções e qualidades consideradas intrinsecamente diferentes pela geração de mães dos anos 50: pai e mãe, marido e mulher, mulher "normal" e mulher grávida, feto e filho, cliente e profissional, corpo e psiquismo. Mas Almeida adverte que, por outro lado, a modernização vem estabelecer novas fronteiras,

desta vez entre: família arcaizante e família moderna, grávidas "caretas" e grávidas "alternativas", medicina tradicional e medicina informal, parto medicalizado e parto "natural".

Alguns dos pontos levantados por Almeida são investigados por Lo Bianco (1985) em uma pesquisa realizada com mulheres primíparas de dois grupos sociais do Rio de Janeiro. O grupo I é composto por 19 mulheres, a maioria residindo na zona sul da cidade, com instrução de nível secundário completo ou nível universitário. A idade média destas mulheres é de 26 anos, quase todas são casadas e moram com o pai do bebê. Algumas vêm de outros estados do Sul do país, não têm parentes residindo na cidade mas, moram próximas a parentes do marido. O grupo II é formado por 21 mulheres, residentes nos subúrbios, com instrução primária incompleta. Sua idade média é 23 anos, muitas são solteiras e não moram com o pai da criança, vêm de estados do Nordeste e não têm parentes residindo na cidade.

Todas estas mulheres, com a exceção de apenas uma do grupo II, trabalham ou trabalharam fora em algum momento de suas vidas. Dentre aquelas do grupo I, as que deixaram de trabalhar o fizeram ou porque estão no final da gravidez, ou para fazer faculdade. Em contrapartida, as do grupo II não estão trabalhando ou porque estão desempregadas, ou porque seus maridos não querem que trabalhem, ou porque "não precisam", uma vez que se casaram.

Lo Bianco demonstra que para as mulheres do grupo I a

gravidez é um estágio transitório da maternidade e constitui uma etapa importante do estabelecimento da relação materno-infantil. Desde o início da gestação a condição de mãe e todas as mudanças que ela acarreta já se fazem presentes para estas mulheres. De acordo com o seu ponto de vista a gravidez é já a "maternidade" e, nesta ocasião, elas se sentem exercitando o papel de mãe já em relação com um bebê, como se ele existisse já fora do útero materno e a quem, por isso, se pode atribuir qualidades mais ou menos concretas, gostos e preferências.

Conforme Lo Bianco as mulheres do grupo I se utilizam de diversos expedientes para tornar o feto um bebê concreto. Muitas, por exemplo, conversam com o feto e, mais do que isso, esperam dele nestas conversas uma reação e interpretam esta reação como uma mostra da "vontade própria" e da "independência" do bebê. Outro procedimento é o de guardar e exibir filmes e fotografias, realizadas através do aparelho de ultra-sonografia, e gravações dos batimentos cardíofetais. Lo Bianco considera este procedimento um início precoce do tradicional "álbum do bebê", onde tradicionalmente eram registradas suas características ao nascer e durante a infância. Um terceiro expediente compreende os cursos de "preparação" para o parto que, paradoxalmente, nestas mulheres está associada à idéia de um parto "natural", isto é, um parto que necessite da menor intervenção tecnológica possível.

Com as gestantes do grupo II a situação é bastante diferente. Estas mulheres vêem a gravidez como um período

transitório para a maternidade e assim, não se preocupam com a gestação em si, mas com as suas conseqüências para o futuro, depois que o bebê nascer. A gravidez tem pois, para elas, o valor de uma etapa passageira que vai levar a uma nova posição social, mas a maternidade propriamente dita é colocada no futuro e as expectativas em relação ao bebê permanecem como expectativas. Desta forma, durante a gestação, elas apenas fazem planos e preparam as condições materiais para quando o bebê nascer.

Segundo Lo Bianco, as mulheres do grupo II não percebem em si mesmas mudanças significativas ao longo da gravidez, acreditam que sua condição muda após o nascimento do filho. As mudanças a que se referem são aquelas típicas da gestação, que consideram que acabam logo que a gravidez acabar, e não remetem de forma alguma a qualquer relação com o bebê. Além disso, Lo Bianco relata que, a exceção de duas mulheres, as gestantes do grupo II não mencionam a "conversa" com o feto e quando questionadas a este respeito tecem comentários que, favoráveis ou não, indicam sua pouca familiaridade com este procedimento. E ainda, constata que nenhuma mulher deste grupo está fazendo ou tem a intenção de fazer um curso de preparo para o parto.

Por tudo isso, Lo Bianco conclui que o grupo I é o grupo social no qual se pode falar em uma psicologização do feto, ou seja, uma busca de um aperfeiçoamento da relação materno-infantil que começa a ser feita antes mesmo do nascimento do bebê, quando o feto é percebido e tratado como se já existisse fora do útero materno, como se fosse já um

indivíduo relativamente independente, com gostos e preferências singulares a serem respeitados, parceiro de uma diálogo e sujeito-objeto de vigilância cuidadosa e detalhada.

Lo Bianco considera também que esta psicologização do feto é uma tentativa de construir uma nova maternidade. E isso porque a maternidade nos moldes tradicionais define socialmente a mulher por redução ao seu papel de mãe e esta definição é vista por estas mulheres do grupo I "como limitadora, aprisionante, excludente, enfim, de tantas outras possíveis facetas definidoras de si próprias" (P.113). A psicologização do feto, então, vem redefinir a experiência materna, recriando a maternidade, antes mesmo dela se concretizar, atribuindo-lhe a mesma importância e centralidade anteriores mas, simultaneamente, procurando distanciá-la destas, a fim de que como uma maternidade não exclusiva ela possa conjugar-se com outros papéis sociais que hoje a mulher assume e dos quais não quer abrir mão.

A busca de uma nova maternidade tem sido acompanhada por uma tentativa de redefinição também da paternidade. Salem (1985) investiga, neste sentido, a proposta de certos casais de viverem a gestação e o parto, bem como a maternidade e a paternidade, de forma distinta da "tradicional", o modo como este projeto é atualizado e as reacomodações por ele sofridas. A autora utiliza a expressão "casal grávido" para condensar esta proposta que pretende avaliar e, com o objetivo de empreender tal avaliação, procura reconstituir a trajetória do casal grávido desde a gravidez até o pós-parto.

Salem realiza entrevistas com homens e mulheres que abraçaram este tipo de projeto no decorrer da primeira gestação e cujos filhos estão agora com idade variável entre um mês e três anos. Os entrevistados se inserem numa faixa etária entre 24 e 30 anos, pertencem às camadas médias e superiores da sociedade do Rio de Janeiro, residem em bairros da zona sul da cidade, são casados e têm curso superior. Todas as mulheres chegaram a se profissionalizar, embora tenham suspenso suas atividades profissionais pouco antes do nascimento do bebê. Algumas retornaram ao trabalho meses depois, ainda que em ocupações de meio expediente, outras não retornaram ainda. Em sua esmagadora maioria os entrevistados já fizeram tratamento psicanalítico embora apresentem hoje uma tendência para as terapias corporais, demonstrando profundas reservas às análises ditas "tradicionais".

Segundo Salem, o ideário do casal grávido comporta uma valorização do "natural" - caracterizada por um repulsa ao consumo de medicamentos químicos e por uma expectativa de que o parto se realize com um mínimo de intervenção médica; uma divisão de trabalho menos segregada entre o casal - incorporando o valor da igualdade entre gêneros; uma valorização do subjetivo, do emocional e dos aspectos psicológicos individuais; uma intenção de dedicação integral ao bebê associada à convicção de que o casal deve assumir tudo sozinho - sem a interferência das famílias de origem, de enfermeiras e babás; e um relacionamento mais igualitário e livre entre pais e filhos.

Salem observa que a ideologia dos "novos pais" acerca da maternidade e da paternidade é estruturada tomando como modelo negativo o modo como os seus próprios pais, a seus olhos, desempenharam estes papéis; sendo que a crítica à paternidade "tradicional" incide, sobretudo, na forma de conceber a criança e de lidar com os afetos. Assim, durante a gravidez o relacionamento do casal grávido com as famílias de origem fica afetado. Se as famílias buscam, neste momento, uma maior aproximação com relação ao casal, este desenvolve um processo de evitação que visa em última instância demarcar fronteiras simbólicas, permitindo ao homem e à mulher diferenciar-se com relação às gerações que lhes antecedem.

No decorrer da gravidez, conforme Salem, as relações de amizade também sofrem rearranjos significativos. O casal tende a ficar mais recluso e a afastar gradualmente os amigos solteiros e/ou sem filhos. Em compensação, há uma aproximação de outros casais que também estejam grávidos. A nova teia de relações é composta por amigos que compartilham da mesma experiência e da mesma ideologia, podendo assim referendar os mesmos temas, valores e posturas do casal grávido.

Os obstetras adeptos de idéias consideradas de vanguarda - como o parto de cócoras e a presença do futuro pai nas consultas e na hora do nascimento - e as equipes de profissionais de saúde que coordenam os cursos pré-natais, também têm lugar de destaque no projeto do casal grávido. Salem considera que o estímulo consciente destes profissionais à uma certa contração da sociabilidade do casal no que diz respeito em especial às famílias de origem, tem

como consequência direta uma sobrecarga de demandas sobre o casal que acaba por reforçar sua dependência para com estes especialistas.

Ainda de acordo com Salem, pelo relato dos entrevistados o parto condensa tudo o que foi projetado pelo casal durante a gravidez. Na maioria dos casos, conforme o idealizado, o marido presenciou e acompanhou o nascimento do bebê, o parto foi realizado em posição acocorada e as famílias foram mantidas afastadas. Salem observa que enquanto a mulher permanece na casa de saúde tudo parece correr conforme o esperado.

Entretanto, no período pós-natal a vida a três promove o "caos". Dois domínios são imediatamente afetados: o relacionamento entre marido e mulher e o relacionamento do casal com o mundo ao seu redor. E Salem acredita que boa parte das tensões conjugais que surgem após o nascimento do filho é engendrada pelo próprio projeto do casal grávido.

Em primeiro lugar, o princípio ideológico de que só os pais devem cuidar do bebê, associado ao fato de que em geral o homem continua envolvido em suas atividades profissionais após o nascimento da criança, coloca a mulher diante da inflação de um aspecto de sua personalidade, o de mãe, em detrimento de outros. Além disso, Salem observa que a crise conjugal se instala, muitas vezes, justamente porque é muito grande a demanda sobre os ombros do casal quando o homem e a mulher estão intensamente envolvidos nos cuidados com o bebê sem contar com nenhum tipo de ajuda familiar. E

por outro lado, quando o projeto do casal de assumir tudo sozinho mostra-se difícil ou mesmo impossível de concretizar, surge um hiato entre o que foi idealizado durante a gravidez e o que é efetivamente implantado no pós-parto, que é definido como crise e que gera uma tensão conjugal expressa através de cobranças e acusações mútuas.

Salem tece algumas considerações, de ordem sociológica, na tentativa de elucidar as discrepâncias entre o projeto do casal grávido e sua implementação prática. Sustenta que, entre outras coisas, a proposta inicial de fazer vingar a nuclearização da nova unidade familiar tem alta probabilidade de insucesso. Isso porque, no contexto sócio-cultural das camadas a que pertencem seus entrevistados, o nascimento de um bebê tende a estabelecer elos entre grupos, garantir e selar a continuidade não só dos pais como também dos avós, perpetuando a história familiar. Assim, o bebê que nasce não é assunto apenas do casal parental, mas também do grupo familiar mais amplo, o que justifica a reaproximação, após o nascimento, dos pais da criança com as famílias de origem, embora isso não se dê sem conflitos.

Salem entende também que o impasse conjugal vivido pelo casal grávido após o nascimento do bebê pode ser expressão da dificuldade que o casal encontra neste momento em atualizar o igualitarismo entre os sexos e o intercâmbio de funções apregoados como valores nodais neste segmento da

sociedade. A autora avalia que a gravidez, o parto e o pós-parto são ocasiões especialmente adversas para a verificação de uma ética da igualdade expressa no preceito da equivalência de papéis, na importância atribuída às atividades comuns e aos interesses compartilhados e, ainda, na idéia de que a união do casal deve estar baseada mais em suas semelhanças do que em suas diferenças.

Conforme Salem, o próprio projeto do casal grávido expressa uma demarcação nítida entre o feminino e o masculino, que tem lugar nestas fases da vida familiar e, especialmente, no puerpério, quando em comum acordo marido e mulher decidem que após o nascimento do filho a mulher deve suspender, por tempo indeterminado ou não, suas atividades profissionais, cabendo ao homem o papel de único provedor do novo núcleo.

Contudo, Salem conclui que não se pode falar em uma falência integral do projeto do casal-grávido, ainda que ele sofra revisões significativas com o nascimento do bebê pois, é fato que os homens se tornam mais participantes enquanto pais, que a criança e a infância passam a ser representadas de forma diversa do que eram na geração anterior, e que o modo como o casal vive a gravidez e o parto cumpre um papel simbólico relevante na medida em que o "casal e/ou seus membros tomados isoladamente atualizam movimentos, ou momentos, de individuação e de singularização" (P.60).

Assim, estas pesquisas apontam uma modernização da paternidade decorrente de uma modernização que, atingindo os mais diversos setores da sociedade, atua seus efeitos sobre a

construção da subjetividade e a família. E os trabalhos de Salem (1985), Lo Bianco (1985) e Almeida (1987) contextualizam estas questões na sociedade brasileira, nas camadas sociais médias e altas da cidade do Rio de Janeiro, mostrando que a modernização da paternidade, ao menos no Brasil, é mais complexa do que pode parecer a primeira vista.

2.5 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No início deste capítulo foi colocado que o pensamento de um pesquisador acerca de um determinado tema começa a ser construído, entre outras coisas, a partir de idéias e resultados apresentados em pesquisas de outros pesquisadores que se debruçaram sobre o mesmo campo de investigação, até que possa desenvolver-se e expandir-se no universo de sua própria pesquisa, produzindo algum conhecimento a ser somado aquele até então produzido.

Pois bem, as pesquisas acima apresentadas constituem o ponto de partida para a realização do presente trabalho. Em conformidade com elas, aqui também a paternidade é vista como um momento de transição na vida do sujeito e na vida do casal, e uma transição que, como tantas outras, não se dá sem um certo grau de tensão. Esta tensão transicional acredita-se, e mais uma vez de acordo com alguns dos estudos citados, tende a ser maior quando associada à primeira paternidade.

Ainda que existam casos especiais em que, por razões as mais diversas, é o segundo filho ou outro qualquer que engendra um aumento nos níveis de tensão na vida dos pais e/ou em sua relação conjugal, e que este trabalho não desconsidere a existência destes casos especiais, o foco de sua atenção está voltado para o estudo da tensão transicional que envolve a primeira paternidade. E o interesse maior é de investigar até que ponto esta tensão - esperada e considerada natural porque vinculada a uma série de alterações que têm lugar na vida do casal quando, pela paternidade, marido e mulher passam a ter que assumir outras atribuições, outras funções, outros papéis e outras posições dentro da família - pode ser exacerbada quando o casal está inserido em um contexto marcado por mudanças intensas resultantes de uma modernização acelerada da sociedade, e como isso se dá.

A hipótese da qual se parte aqui, como também foi exposto no início do capítulo, é de que mudanças sócio-culturais muito fortes criam um clima de confusão e incerteza no qual as confusões e incertezas típicas de momentos de transição na vida de um sujeito e de uma família ganham um significado especial e merecem maior atenção. Assim, pois, a crença é de que a modernização da sociedade, e principalmente um modernização acelerada, pode incrementar as tensões típicas da primeira paternidade experimentadas pelo casal parental, levando-o algumas vezes até mesmo a concordar com o antigo ditado popular que afirma que "dois, é bom e três, é demais".

E, se neste sentido, muitas são as vertentes que

acentuando o caráter transicional da primeira paternidade e as tensões a ela associadas possibilitam o estudo das interações mútuas entre paternidade e relação conjugal, dentro das limitações desta pesquisa fez-se a opção de seguir por uma destas vertentes, aquela que justamente busca compreender o incremento das tensões transicionais da primeira paternidade em função da desorientação e dos conflitos gerados nos jovens pais a partir dos descompassos que caracterizam a mudança cultural acelerada pela qual tem passado a sociedade em que estão inseridos.

Desta forma, no próximo capítulo cabe apresentar, inicialmente, alguns aspectos desta mudança cultural e suas conseqüências para os sujeitos, conforme vêm sendo discutidos por alguns autores. E, em seguida, analisar a primeira paternidade, seu significado e seus efeitos para a relação conjugal, dentro deste contexto de rápida mudança cultural.

3. PATERNIDADE E MUDANÇA CULTURAL: DESORIENTAÇÃO E CONFLITO

Há pelo menos quatro décadas o Brasil vem passando por um acelerado processo de mudança cultural, percebido como modernização, que afetando a sociedade como um todo, e em especial as camadas médias urbanas, atinge a formação da subjetividade e a família. Alguns autores têm se dedicado ao estudo desta modernização e de suas conseqüências e os resultados de suas pesquisas apontam, em geral, conflitos e crises pessoais, conjugais e familiares advindos deste processo.

Entretando, para compreender estes conflitos e crises faz-se necessário estar ciente de que as conseqüências da mudança cultural para os sujeitos podem não ser de fácil apreensão, posto que nem sempre são visíveis do ponto de vista da sociedade e das teorias sociológicas. É o maior ou menor grau de visibilidade sociológica, por sua vez, que vai definir se é ou não é possível explicar os diferentes aspectos da acelerada modernização da sociedade por meio das teorias sociológicas clássicas.

O fato é que as teorias clássicas limitam-se ao que é sociologicamente visível e, por isso, não são suficientes para a apreensão daquilo que acontece a nível dos sujeitos e

que corresponde ao imaginário, às emoções, às fantasias e aos desejos, sendo portanto sociologicamente invisível. É preciso então lançar mão de outras teorias que, integradas, possam fornecer os subsídios necessários à compreensão do processo de mudança cultural e de seus efeitos para os sujeitos que dele participam.

Nicolaci-da-Costa (1985, 1987) segue por este caminho, procurando empreender um estudo da dimensão psicológica do social no que se refere à modernização acelerada da sociedade e de suas conseqüências. Para isso busca construir um modelo conceitual integrado que lhe permita analisar os conflitos gerados nos sujeitos pelo processo de mudança sócio-cultural. E discute, com este fim, os conceitos de socialização primária e socialização secundária de Berger e Luckmann (1973) e o conceito de desmapeamento de Figueira (1981a, 1981b, 1985 e 1987).

É neste modelo conceitual de Nicolaci-da-Costa que se pauta a presente pesquisa, ele serve pois como referencial teórico, daí a importância de apresentá-lo aqui bem como as questões que ao longo de sua confecção Nicolaci-da-Costa levanta com o objetivo de entender algumas facetas da interação entre o sujeito e a mudança cultural nas camadas médias urbanas brasileiras.

3.1 - O SUJEITO E A MUDANÇA CULTURAL

Ao estudar a mudança social acelerada pela qual vem passando o Brasil, e principalmente os grandes centros urbanos, nas últimas décadas, Nicolaci-da-Costa (1987) confere especial atenção à questão da descontinuidade. Para esta autora o problema de descontinuidade entre sistemas simbólicos (1) internalizados em diferentes momentos da vida do sujeito pode estar presente em todo processo de socialização mas é, sem dúvida, uma questão que se coloca frequentemente em sociedades heterogêneas, complexas e sujeitas a mudanças sociais aceleradas. Quanto mais plural uma sociedade, maior a possibilidade de descontinuidade entre os sistemas simbólicos dos diversos segmentos que a compõem.

Mas, Nicolaci-da-Costa adverte que há diferentes tipos de descontinuidade dentro de uma sociedade complexa como a brasileira e, entre eles, a descontinuidade que é sociologicamente visível e a que é sociologicamente invisível. A primeira é facilmente percebida e pode ser apreendida, registrada e analisada pelas teorias sociológicas clássicas. A segunda, ao contrário, não se apresenta tão apreensível quanto a primeira, principalmente no que concerne ao que acontece ao sujeito que é confrontado por sistemas simbólicos conflitantes. A descontinuidade sociologicamente invisível só é captável por teorias sociológicas que levam em consideração a estruturação do sujeito.

(1) Nicolaci-da-Costa (1987) define "sistema simbólico" como o conjunto de valores, crenças, atitudes, expectativas e hábitos linguísticos e extralinguísticos.

A descontinuidade causada pelo processo acelerado de modernização que vem caracterizando a sociedade brasileira, bem como suas conseqüências, é sociologicamente invisível e Nicolaci-da-Costa considera que seu estudo pode ser facilitado, entre outras coisas, através da compreensão dos conceitos de socialização primária e socialização secundária de Berger e Luckmann (1973) que, apesar de apresentar falhas e limitações, permitem a apreensão da passagem do que é sociologicamente visível para o que é sociologicamente invisível.

3.1.1 - SOCIALIZAÇÃO PRIMÁRIA E SOCIALIZAÇÃO SECUNDÁRIA

É na infância mais remota que a criança se torna, aos poucos, membro da sociedade em que está inserida. Esta é a primeira etapa de um processo de socialização que se estende por toda a vida na medida em que o sujeito, já socializado, segue continuamente ligando-se a novos setores de sua sociedade. E este processo de socialização compreende, segundo Berger e Luckmann (1973), dois processos básicos: a socialização primária e a socialização secundária.

A socialização primária é aquela que se dá na infância, em um contexto de fortes laços afetivos já que o meio social da criança pequena é, por excelência, a família. Os primeiros agentes socializadores do sujeito são, portanto, em geral, seus pais ou outros familiares bastante próximos

com quem ele se identifica. Através da identificação, internaliza as versões que seus agentes socializadores lhe oferecem das principais características da sua cultura, versões integradas e coerentes com o "mundo" a que pertencem.

É este o pano de fundo sobre o qual o sujeito, nesta ocasião, faz sua leitura da sociedade em que vive e de si próprio nesta sociedade. E Berger e Luckmann acentuam que, por estas características e outras tantas, o que o sujeito internaliza durante a sua socialização primária dificilmente pode ser erradicado. Para estes autores o "mundo" internalizado durante a socialização primária é muito mais persistente e resistente à erradicação do que aquele internalizado em socializações posteriores.

Estas socializações posteriores correspondem ao que Berger e Luckmann chamam de processo de socialização secundária. Este processo pressupõe a socialização primária e torna o sujeito, já socializado, membro de outros setores da sociedade. Entretanto, não envolve altos graus de identificação com os agentes socializadores e, por isso, conforme os autores, os múltiplos aspectos da realidade internalizados ao longo dele são mais frágeis e suscetíveis de serem erradicados.

Contudo, Berger e Luckmann salientam que a "realidade" objetiva e subjetiva da socialização secundária sobrepõe-se aquela internalizada durante a socialização primária e está sempre presente o risco de incoerência entre as internalizações mais primitivas e as mais recentes.

Nicolaci-da-Costa (1987) reinterpreta estes dois conceitos de Berger e Luckmann procurando expandir alguns pontos e redefinir outros. Para ela, durante a socialização primária, através da identificação com os agentes socializadores, o sujeito internaliza uma certa inserção no social, uma certa leitura de como o social é estruturado, de como os adultos que o rodeiam se inserem nesta estrutura e de como a reproduzem. O sujeito internaliza, entre outras coisas, uma versão de identidades e papéis sexuais, do casamento (monogâmico ou não), da possibilidade ou impossibilidade do descasamento, da constituição familiar (extensa, nuclear, etc.), da reprodução biológica e de algumas entre várias formas culturais de se lidar com a mesma, do tipo de educação a que é submetido (autoritária, liberal, etc.), e assim por diante.

Enquanto para Berger e Luckmann o sistema simbólico internalizado durante a socialização primária define a inserção social do sujeito no presente, Nicolaci-da-Costa vai além e afirma que ela define também a sua inserção social no futuro. Isso porque, conforme a autora, ao fornecer um guia para uma primeira inserção no social, este sistema simbólico também gera no socializado expectativas ou representações de sua futura inserção na sociedade, fornecendo definições, resistentes à erradicação, dos papéis sociais que pode assumir na vida adulta. E a autora chama a atenção para o fato de que, pela identificação que o sujeito faz nesta ocasião com seus agentes socializadores, esta inserção futura tende idealmente a assemelhar-se à deles.

Com relação ao processo de socialização secundária, Nicolaci-da-Costa, ao contrário de Berger e Luckmann que nada dizem a respeito, salienta que a socialização em alguns setores/instituições/domínios de significado é mais fundamental e inescapável do que em outros e destaca, entre os momentos mais básicos da socialização secundária, aqueles em que o sujeito passa a se relacionar institucionalmente com um outro a partir de posições nas quais anteriormente viu seus agentes socializadores estarem - isto é, em posições de reprodutores da ordem social.

Segundo Nicolaci-da-Costa, quando o sujeito é chamado a ocupar uma posição institucional na reprodução da ordem social o momento é propício ao confronto dentro dele entre a primeira definição de seu papel adulto, internalizada durante a socialização primária, e as definições possíveis que se apresentam neste ponto da sua socialização secundária. Neste momento a inserção do sujeito no mundo adulto propriamente dito pode entrar em descontinuidade ou conflito com suas expectativas e representações de inserção neste mundo.

Assim, Nicolaci-da-Costa (1987) considera os momentos em que o sujeito ingressa nos mecanismos de reprodução da ordem social privilegiados para a observação da descontinuidade (ou continuidade) entre os sistemas simbólicos internalizados no processo da socialização primária e em processos de socialização secundária. E define o conceito de descontinuidade socializatória como: "o conflito, que ocorre dentro do sujeito, entre suas representações primitivas de inserção no mundo adulto, cujas

raízes se encontram no sistema simbólico internalizado durante o processo de socialização primária, e suas representações mais recentes e concretas de participação real na reprodução da ordem social, oriundas de sistemas simbólicos internalizados através de socializações secundárias" (P.67). E acrescenta ainda que esta descontinuidade tem como conseqüência o que Figueira (1981a, 1981b, 1985 e 1987) chama de desmapeamento.

3.1.2 - DESMAPEAMENTO

Em seus trabalhos Figueira (1981a, 1981b, 1985 e 1987) procura compreender a relação que existe entre as transformações que têm lugar na sociedade, fruto do intenso e extenso processo de modernização pelo qual vem passando o Brasil, e as transformações subjetivas. Observa que há uma diferença de ritmo de mudança entre a dimensão sócio-cultural e a dimensão da subjetividade, diferença esta que pode ser responsável pelas dificuldades, o mal-estar e a angústia que resultam da vida numa sociedade em constante transformação. O domínio da subjetividade é, conforme o autor, a área de maior inércia no processo de mudança social.

A transformação radical e rápida do país sem dúvida provoca alterações subjetivas mas, pela própria velocidade do processo de modernização, adverte Figueira, a rápida mudança só acontece na superfície e o "novo" e o "moderno" convivem

com o "arcaico" e o "antiquado". Novas identidades, articuladas a novos ideais, são adquiridas e sobrepõem-se às antigas identidades, vinculadas a ideais abraçados em momentos anteriores. sem, contudo, alterá-las substancialmente. Por isso o eu multifacetado é uma característica das sociedades modernas.

Pode-se dizer, segundo Figueira, que a modernização acelerada da sociedade leva à coexistência, em planos dissociados, de antigos e de novos ideais e identidades. Aparentemente o "arcaico" desaparece dando lugar ao "moderno", todavia, na verdade, ele continua presente, de modo invisível, mais ou menos inconsciente, razão pela qual o Brasil está cheio de situações em que pessoas "modernas" e "liberadas", súbita e inexplicavelmente, apresentam comportamentos ou assumem posições ditas "antiquadas".

O conceito de desmapeamento refere-se pois à convivência, no sujeito, em níveis diferentes de consciência, de dois ou mais conjuntos de valores (ou mapas) internalizados em momentos distintos de sua biografia. Conjuntos de valores mais primitivos são mantidos invisíveis (tanto do ponto de vista sociológico - porque ausentes da sociedade, pelo menos em certos grupos sociais -, quanto do ponto de vista psicológico - porque remetidos a um nível mais inconsciente e abstrato) no sujeito, em convivência com conjuntos de valores mais recentes e visíveis tanto do ponto de vista da sociedade quanto do sujeito.

De acordo com Figueira (1987), "o "desmapeamento",

então, ao contrário do que a metáfora parece sugerir de modo mais imediato, não é perda ou simples ausência de "mapas" para orientação, mas sim a existência de mapas diferentes e contraditórios inscritos em níveis diferentes e relativamente dissociados dentro do sujeito "(p.22-23). Os conflitos e contradições de papéis e de identidades são, portanto, manifestações, na consciência do sujeito, deste desmapeamento.

Nicolaci-da-Costa (1987) questiona o peso relativo atribuído aos mapas conflitantes e conclui que para chegar a uma resposta faz-se necessário definir quando e como estes mapas são adquiridos e porque um não pode substituir o outro ou sobrepor-se a ele. Com a finalidade de atingir este objetivo a autora utiliza os conceitos, previamente reinterpretados, de socialização primária, socialização secundária e descontinuidade socializatória.

Segundo Nicolaci-da-Costa o sujeito, quando criança, em sua socialização primária, internaliza um determinado mapa - um conjunto de valores, de ideais, de identidades e de normas - que define sua conduta no presente e gera expectativas quanto aos papéis sociais que poderá assumir quando adulto. Este mapa faz parte do sistema simbólico internalizado através do processo de socialização primária e, por isso, é muito resistente à erradicação.

Entretanto, por conta da mudança social acelerada, quando o sujeito se torna adulto este mesmo mapa já se encontra ausente da sociedade, tornou-se sociologicamente invisível, ainda que esteja, ao menos parcialmente, presente

no sujeito. Sua presença se faz em níveis mais primitivos, inconscientes, abstratos e menos passíveis de verbalização. E o sujeito, hoje, já não se identifica totalmente com este mapa.

Em contrapartida, novos mapas são parte integrante dos sistemas simbólicos internalizados em processos de socialização secundária. São mapas sociologicamente visíveis posto que estão presentes tanto na sociedade quanto no sujeito, e compreendem suas representações mais recentes e concretas de participação real na ordem da reprodução social.

Ao contrário do que afirmariam Berger e Luckmann (1973), para quem os conteúdos internalizados em socializações secundárias são intrinsecamente menos resistentes à erradicação do que aqueles da socialização primária, Nicolaci-da-Costa garante que os novos mapas também não podem ser erradicados, e isso porque são concretos, recentes, conscientes, verbalizáveis, próximos do cotidiano. Os novos mapas estão presentes na sociedade, são legitimados e apoiados por relativo consenso, e o sujeito parece identificar-se com eles no presente.

Para Nicolaci-da-Costa o desmapeamento é o resultado da descontinuidade socializatória. Dois conjuntos de mapas, oriundos de sistemas simbólicos internalizados em diferentes momentos do processo de socialização, coexistem em níveis diferentes de consciência dentro do sujeito, já que ambos são resistentes à erradicação. Se os mapas mais recentes estão conscientes, aquele internalizado lá na socialização

primária, embora rejeitado pelo sujeito quando os outros mapas vão sendo adquiridos ao longo das socializações subseqüentes, não é erradicado e nem é integrado a estes novos, é simplesmente deslocado para um nível inconsciente. E o desmapeamento, segundo Nicolaci-da-Costa, estabelece para o sujeito uma situação de conflito potencial.,

3.1.3 - CRISE

A crise corresponde à eclosão do conflito, o que tende a ocorrer de modo privilegiado quando o sujeito, ingressando nos mecanismos de reprodução social, precisa definir uma linha de conduta coerente. Quando assume posições em que anteriormente viu seus próprios pais estarem o sujeito experimenta o confronto, dentro dele, entre os conteúdos internalizados durante sua socialização primária e os conteúdos internalizados em socializações posteriores. São momentos críticos da vida tais como o casamento, o nascimento do primeiro filho, a entrada dos filhos na adolescência etc, em que a inserção do sujeito no mundo adulto pode entrar em descontinuidade ou conflito com suas expectativas e representações de inserção neste mundo.

Quando criança, ao longo do processo de socialização primária, o sujeito internaliza um sistema simbólico que, em geral, é o mesmo de seus pais, e que lhe fornece um mapa para orientação quanto aos valores, ideais, identidades e normas

que deve abraçar em seu convívio social. Mas, na medida em que cresce, já socializado, ele se liga aos mais diversos setores de sua sociedade e assim dá continuidade ao seu processo de socialização.

As socializações secundárias se dão fora do âmbito estritamente familiar e ao longo de um período de tempo em que se processa uma marcada mudança cultural resultado da acelerada modernização da sociedade. Com isso, os mapas internalizados mais recentemente contradizem aquele primitivo, internalizado na infância, que acaba sendo questionado, rejeitado e deslocado para um nível inconsciente dentro do sujeito.

São os novos mapas, com os quais ele se identifica agora, que orientam sua atual inserção social bem como suas expectativas e representações de futuras inserções. Entretanto, quando o sujeito atinge de fato um dos muitos momentos em que é chamado a reproduzir a ordem social, às vezes acaba agindo, pensando ou sentindo conforme aquele mapa primitivo que julgava já ter descartado mas que, como um submarino há muito tempo submerso, encontra nestas ocasiões a oportunidade de vir à tona. A realidade mostra-se, então, diferente do que vinha sendo idealizada.

Estas são manifestações do desmapeamento, consequência da descontinuidade socializatória, que provocam uma discrepância entre o que o sujeito idealizou e aquilo que ele consegue realizar, causando um certo desconforto, um mal-estar repleto de desorientação e conflito. A crise

sobrevém, em geral, por esta discrepância que se estabelece entre o "ideal" e a "realização" quando, dentro do sujeito, ocorre o embate entre os diferentes mapas internalizados em diferentes momentos de sua biografia.

Todavia, é preciso estar ciente de que os mapas internalizados ao longo do processo de socialização de um sujeito não são necessariamente contraditórios, uns em relação aos outros, em todos os seus aspectos. A descontinuidade não é homogênea e, muitas vezes, apesar da acelerada modernização da sociedade, a primeira definição que o sujeito tem de um determinado aspecto do seu papel adulto, internalizada durante a socialização primária, não contradiz as definições deste mesmo aspecto de seu papel adulto adquiridas mais recentemente, em sua socialização secundária. Assim, com relação a este aspecto específico não há conflito ou crise, ainda que o mesmo não ocorra em relação a outros diferentes aspectos.

Através da presente pesquisa o que se quer é estudar as interações entre dois aspectos do papel adulto de um sujeito inserido em um contexto de rápida mudança cultural: o papel de marido ou esposa e o papel de pai ou mãe. E com a finalidade de atingir este objetivo pretende-se analisar, primeiramente, as questões relativas ao sujeito que se torna pai ou mãe numa sociedade que se modernizou rapidamente e, em seguida, o modo como estas questões interferem na relação conjugal que este sujeito mantém com seu marido ou esposa.

3.2 - O SUJEITO E A PRIMEIRA PATERNIDADE EM UM CONTEXTO DE ACELERADA MUDANÇA CULTURAL

Diante de tudo o que já foi visto até aqui pode-se precisar que o nascimento do primeiro filho é um dos muitos momentos básicos de socialização secundária privilegiados para a observação da descontinuidade socializatória, do desmapeamento e da crise acima descritos.

Quando nasce o bebê os sujeitos mais diretamente envolvidos - ou seja, o pai e a mãe - passam a se relacionar entre si, com o filho e com o mundo ao seu redor a partir de posições em que anteriormente viram seus agentes socializadores, em geral seus próprios pais, estarem, reproduzindo, desta forma, a ordem social.

Nesta ocasião estes sujeitos vivem, dentro de si mesmos, o confronto entre as definições de seu papel de pai ou mãe adquiridas em momento distintos de suas vidas. Se estas definições não são muito diferentes entre si e o sujeito consegue ser o pai ou a mãe que sempre esperou ser, a situação, pelo menos neste aspecto, está livre de conflito. Entretanto, quando as definições chegam a ser contraditórias e o sujeito precisa delinear uma conduta coerente, o conflito está estabelecido e eclode enquanto crise quando o sujeito não consegue ser o pai ou a mãe que idealizou.

, Mas geralmente o que ocorre em uma sociedade que passou por um acelerado processo de modernização, caracterizada, conforme descrito anteriormente, pelo desmapeamento, é que as definições que o sujeito adquire em

sua socialização primária do seu papel adulto de pai ou mãe são diferentes e até mesmo contraditórias em relação aquelas oriundas das socializações secundárias. É isso se dá pelo fato de que, em uma sociedade que se moderniza rapidamente - como foi o caso do Brasil e, em especial, de suas camadas médias urbanas -, tende a ocorrer uma rápida superposição de ideais, aos quais estão articuladas novas identidades.

Sabe-se que as definições do papel adulto de pai ou mãe que o sujeito adquire em sua socialização primária estão de acordo com os ideais abraçados pelos seus agentes socializadores na sua infância e por ele internalizados através da identificação. Ora, pensando em termos de Brasil, um sujeito que hoje começa a constituir uma família e que está na faixa dos 25 aos 35 anos teve seu processo de socialização iniciado quando os ideais que prevaleciam na sociedade ainda eram aqueles do modelo de família hierárquica, se bem que, nesta ocasião, já mesclados a outros ideais, mais recentes, do modelo de família igualitária (2).

A família hierárquica, que hoje é percebida como "antiquada" e "tradicional", é relativamente organizada, mapeada. Os membros que a compõem consideram-se intrinsecamente diferentes e esta diferença expressa-se no tipo de roupa, linguagem, comportamento e até mesmo sentimento considerados próprios ao sexo e a idade de cada um. A identidade nesta família é posicional. seus membros são

(2) A este respeito ver Figueira (1985, 1987) e Nicolaci-da-Costa (1985).

definidos a partir de sua posição, sexo e idade. O poder do homem é maior do que o da mulher e os filhos têm um **status** inferior nas decisões da família porque os adultos são diferentes/superiores às crianças. Os pais estão na posição de quem sabe mais e melhor do que os filhos.

A família hierárquica é também marcada por idéia sem torno do que é "certo" e "errado" e por diversos mecanismos sutis, dentro e fora dos sujeitos, para tentar suprimir ou controlar as várias formas de desvio de comportamento, pensamento ou desejo. O código moral que rege esta família, entretanto, é assimétrico e legitima certas condutas masculinas, como a poligamia, enquanto qualifica os mesmo tipos de conduta por parte da mulher como ilegítimos ou reprováveis. Há fronteiras claramente demarcadas entre situações, ocasiões e pessoas, e uma alta segregação de papéis, posições e sexos.

Um sujeito que tenha internalizado este modelo de família, ao menos em parte, em sua socialização primária, internalizou também nesta ocasião definições do papel adulto de pai ou mãe pautadas nos valores e ideais deste modelo. E assim, definições de pai bem demarcadas e diferenciadas com relação às definições de mãe, já que partem ambas da premissa de que a hierarquia, a segregação e a complementariedade entre os papéis masculinos e femininos são valores inquestionáveis e auto-evidentes.

As expectativas e representações dos papéis de pai e mãe adquiridos por este sujeito em sua socialização primária

são pois, basicamente, de um pai provedor, com pouca ou nenhuma participação na execução de tarefas típicas como trocar fraldas, dar mamadeiras, atender aos chamados do filho durante a noite etc. e de uma mãe que, ao contrário, é quem se dedica quase que exclusivamente à criança, já que vive a maternidade como uma experiência totalizadora - dentro da ideologia de uma família hierárquica o papel da mulher não comporta outras definições que não estejam subordinadas à esfera materna.

Internalizado este modelo o sujeito continua crescendo e, aos poucos, vai se ligando a novos setores da sociedade em que está inserido. Com a ampliação do seu universo e com o próprio passar do tempo ele começa a internalizar, em sua socialização secundária, um outro modelo de família, mais recente, "moderno", fruto da acelerada transformação da sociedade, e passa a questionar, e mesmo a rejeitar, o modelo anterior e os ideais e os valores a ele vinculados. Estes, como não podem ser simplesmente erradicados, são mantidos dentro do sujeito em um nível mais inconsciente.

Os novos valores e ideais fazem parte do modelo de família igualitária, modelo este pautado no igualitarismo que é um dos principais idiomas da ideologia da modernização. A ideologia igualitarista busca dissolver as fronteiras rigidamente estabelecidas entre categorias sociais até então percebidas como intrinsecamente diferentes, e assim acarreta mudanças de papéis sociais e reformulações de padrões tradicionais de comportamento e representações existentes na

sociedade. A família igualitária procura romper, entre outras coisas, com a hierarquia, a desigualdade e a diferença de privilégios entre marido e mulher, pais e filhos.

Os membros de uma família igualitária percebem-se como diferentes pessoal e idiossincraticamente, mas como iguais porque são todos indivíduos. A identidade nesta família é idiossincrática e as diferenças pessoais subordinam as diferenças sexuais, etárias e posicionais. As noções de "certo" e "errado" não são nitidamente demarcadas, bem como a noção de desvio de comportamento, pensamento ou desejo. Há, pelo menos aparentemente, uma pluralidade de escolhas que só são limitadas pelo respeito à individualidade do outro.

Com este modelo de família o sujeito internaliza também novas definições dos papéis de pai e mãe. Para começar, estes papéis passam a ser percebidos e atuados pelo marido e pela mulher antes mesmo do nascimento do bebê, pois dentre as fronteiras dissolvidas pelo igualitarismo estão aquelas estabelecidas entre feto e filho. Durante a gravidez o feto já é percebido como um bebê, como se já existisse fora do útero materno, e assim, nesta ocasião, o homem e a mulher já começam a se sentir e a se comportar como pais. Além disso há uma alteração significativa no lugar que a criança ocupa na família; através do ideal de igualdade ela ganha uma importância muito maior da que tinha na família hierárquica e passa a ser tratada, mesmo quando ainda está na barriga da mãe, como alguém com vontade própria, gostos e preferências a

serem respeitados (3).

Esta antecipação dos papéis de pai e mãe traz características novas para a gestação e o parto. Já durante a gravidez espera-se que os pais possam estabelecer uma boa relação com o bebê e, para isso, eles "conversam" com o filho, preparam juntos seu enxoval e seu quarto, procuram compartilhar entre si leituras de literatura especializada. O futuro pai deve se sentir "grávido", acompanhar a mulher nas consultas médicas, nos exames de ultrassom, e participar do parto.

Após o nascimento da criança, ao contrário do que acontece no modelo de família hierárquica, segundo o ideal da família igualitária pai e mãe executam indistintamente toda e qualquer tarefa. Ambos cuidam da alimentação, da higiene e do bem-estar do bebê. Desta forma, as novas definições do papel de pai incluem uma participação mais direta do homem na vida e na rotina do filho. Em contrapartida, as novas definições do papel de mãe giram principalmente em torno do fato de que a maternidade já não é mais o conteúdo exclusivo da realidade feminina. A vinculação exclusiva que era mantida entre o papel da mulher e o de mãe perde a força e a homogeneidade com que se impunha. Os papéis disponíveis para a mulher já não se limitam à maternidade e a redefinição do papel materno é um corolário das alterações nos papéis femininos em geral.

Ora, não é preciso muito para perceber que as

(3) Estas questões são tratadas com profundidade por Lo Rianco (1985).

definições dos papéis de pai e de mãe internalizados pelo sujeito em sua socialização primária - quando predominava o modelo de família hierárquica - e em sua socialização secundária - quando um novo ideal se apresenta: o da família igualitária - são em sua maior parte contraditórias. .

As definições adquiridas na infância fazem parte de um sistema simbólico internalizado pelo sujeito em um contexto de fortes laços afetivos e, sendo assim, por menos que ele se identifique com elas no presente, não podem ser erradicadas. Passam pois para um nível inconsciente, enquanto as definições mais recentes estão conscientes e orientam as atuais expectativas e representações do sujeito de inserção no universo da paternidade e da maternidade. Está estabelecido o desmapeamento e, com ele, uma situação de conflito potencial.

Quando o sujeito é chamado a mais uma vez reproduzir a ordem social tendo filhos, o momento é propício à eclosão do conflito. O sujeito, enquanto pai ou mãe, precisa definir uma conduta coerente mas, dentro dele, os dois modelos ideais internalizados em diferentes ocasiões entram em confronto.

Definições dos papéis de pai e mãe adquiridas na infância e mantidas inconscientes disputam lugar com aquelas definições mais recentes, e o pai ou a mãe que se propunha a agir conforme seus ideais mais "modernos" vez por outra se pega, confusamente, agindo, pensando ou sentindo "arcaicamente". Isso assusta, frustra, principalmente porque cria um abismo entre o "ideal" e a "realização" do sujeito.

Ele, desorientado, dificilmente consegue concretizar na íntegra o papel de pai ou mãe que idealizou para si mesmo.

Estas questões, analisadas aqui no que refere ao sujeito, tornam-se ainda mais complexas quando pensadas em termos do casal que enfrenta a primeira paternidade em um contexto de rápida mudança cultural. Isso porque quando é o casal que está sendo analisado, não são apenas os dois sujeitos que o compõem que estão em jogo, mas também a relação estabelecida entre eles, a relação conjugal.

3.3 - O CASAL E A PRIMEIRA PATERNIDADE EM UM CONTEXTO DE ACELERADA MUDANÇA CULTURAL

Quando neste contexto de rápida mudança cultural um casal tem o seu primeiro filho, os dois sujeitos envolvidos diretamente - ou seja, o marido e a mulher - estão passando pelas mesmas dificuldades, aquelas acima descritas e resultantes da descontinuidade socializatória e do desmapeamento. Ambos estão confusos e desorientados frente aos papéis de pai e mãe que têm que assumir e, muito facilmente, suas vivências de paternidade e de maternidade podem entrar em descontinuidade ou conflito com as expectativas e representações que delas faziam. Mas, mais do que isso, cada um deles pode estar também confuso com relação ao papel de pai ou mãe que espera que o seu cônjuge assuma e suas expectativas e representações a respeito do outro como

marido-pai ou esposa-mãe podem também não corresponder à realidade.

Com a acelerada modernização da sociedade hoje, ao contrário do que acontecia há 30 ou 40 anos atrás, é comum uma mulher esperar do marido uma participação ativa na gravidez, no parto e no pós-parto quando, em suas representações, ele, feliz e satisfeito, compartilha com ela os cuidados para com o bebê. Da mesma forma, dentro da concepção moderna da maternidade, o marido espera da esposa que consiga ser, além de mãe dedicada, a amante, a companheira e a profissional que vinha sendo antes do bebê chegar, ou seja, que o tornar-se mãe não acabe sendo para ela uma experiência totalizadora.

As expectativas que a mulher tem sobre o marido e que o marido tem sobre a mulher são as mesmas que cada um tem sobre si próprio. Entretanto, estas são suas expectativas conscientes, representações de um casal "moderno" que se dispõe a viver a paternidade e a maternidade dentro dos padrões considerados também "modernos" e legitimados pela sociedade em que ambos os cônjuges estão inseridos.

Em um nível inconsciente, pelo desmapeamento, é sabido que existem outros padrões, articulados a velhos costumes, internalizados por estes mesmos sujeitos quando, em sua infância remota, estavam profundamente identificados com seus pais. Ao se tornarem pais eles próprios, estes padrões "antigos", até então adormecidos, podem ser redespertados

manifestando-se através de condutas "antiquadas" que marido e mulher podem começar a ter independentemente de sua vontade.

O marido pode não ter a postura tão participativa que ele e sua mulher esperavam que tivesse. A mulher pode não conseguir desempenhar tão bem os outros papéis que ela e seu marido esperavam que desempenhasse, tornando-se mais mãe do que qualquer outra coisa. E a insatisfação consigo mesmo e com o cônjuge pode ser inevitável, quando ambos não conseguem concretizar a paternidade e a maternidade que haviam idealizado, atingindo em cheio a relação conjugal.

O nascimento do primeiro filho talvez seja, mais do que qualquer outro evento que possa ter lugar na vida de um casal, ocasião especialmente privilegiada para a eclosão do conflito gerado pela descontinuidade socializatória e pelo desmapeamento, porque traz uma demarcação muito nítida entre papéis masculinos e papéis femininos, o que contraria a ideologia do igualitarismo que marca a modernização da sociedade.

Por mais que o homem queira participar da gravidez e do parto, é dentro do corpo da mulher que o bebê se desenvolve e é dela que ele nasce. Por mais que o pai queira executar tarefas ligadas ao cuidado com o filho, é a mãe quem alimenta o bebê no seio - pois a modernidade referenda a importância da amamentação - e a vinculação da tarefa materna à alimentação torna, querendo ou não, a relação entre mãe e filho, pelo menos nos primeiros meses, mais próxima e intensa do que a relação entre pai e filho. Estes fatos, entre

outros, servem para marcar as diferenças entre o homem e a mulher, o que é problemático quando o que se busca é justamente a igualdade.

Assim, um casal jovem que tenha estruturado sua relação nos moldes do ideal igualitário e que tenha conseguido, de uma forma ou de outra, realizar o tipo de casamento que idealizou baseando sua vida a dois nos preceitos da igualdade entre os gêneros e do intercâmbio de funções, pode, com o nascimento do primeiro filho e a demarcação mais nítida entre papéis masculinos e femininos que ele inevitavelmente traz, passar a encontrar dificuldades em concretizar este mesmo ideal do igualitarismo que vinha abraçando em sua relação conjugal. Isso leva este casal a questionar sua relação desvendando, por vezes, equilíbrios precários.

O nascimento do primeiro filho, especialmente num contexto de acelerada mudança cultural, tem pois efeitos sobre a relação conjugal na medida em que vem alterar as bases em que esta relação tem sido fundamentada. Entretanto, estes efeitos podem ter repercussões positivas ou negativas dependendo, em grande parte, da própria estruturação do casamento, de sua solidez ou precariedade. Por isso, embora muitos casais vivenciem, conforme explicitado, a descontinuidade socializatória, o desmapeamento e a crise provocada pela chegada do bebê, o modo como superam esta fase crítica difere significativamente.

São estes fatos que se pretende mostrar com a

pesquisa realizada neste trabalho. Só que, ainda que o interesse se estenda ao casal, é o ponto de vista da mulher que é analisado aqui. A opção de centrar esta pesquisa no discurso da mulher, e não no de ambos os membros do casal, corresponde à necessidade de restringir o máximo possível o foco de atenção do pesquisador neste seu primeiro contacto com o tema e com a pesquisa científica.

O discurso da mulher é escolhido como objeto desta análise, e não o do homem, pelo simples fato de que existe um número maior de pesquisas que têm a mulher como objeto de estudo. A incursão por um caminho já muitas vezes percorrido, embora menos original, tende a ser mais segura e, por isso mesmo, conveniente a um primeiro trabalho de pesquisa.

O próximo capítulo então, apresenta a pesquisa realizada e discute os seus resultados.

4 . RELACAO CONJUGAL E PRIMEIRO FILHO EM UM CONTEXTO DE ACELERADA MUDANCA CULTURAL: ESCUTANDO A MULHER

Neste capítulo é apresentada a pesquisa realizada com 25 mulheres pertencentes às camadas médias da sociedade da cidade do Rio de Janeiro, e discutidos os seus resultados.

4.1 - APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de avaliar os efeitos da chegada de um primeiro filho sobre a relação conjugal, a partir do ponto de vista da mulher, em um contexto sócio-cultural marcado por um acelerado processo de modernização. O principal interesse foi de investigar uma possível vinculação entre alguns efeitos da rápida e intensa mudança cultural pela qual tem passado a sociedade brasileira nas últimas décadas, como a descontinuidade socializatória e o desmapeamento (4), e a maior ou menor facilidade com que jovens casais assimilam a chegada de um bebê em sua relação conjugal.

(4) Conceitos apresentados e discutidos no capítulo anterior.

A hipótese da qual se partiu foi de que grande parte dos casais jovens que hoje têm no Brasil, e especialmente nos grandes centros urbanos, o seu primeiro filho, encontra dificuldades em concretizar suas expectativas e representações mais recentes acerca da interação entre relação conjugal e primeiro filho. E isso porque o modelo de família em que se baseiam as expectativas e representações que estes casais têm hoje a respeito dos papéis sociais de pai e mãe seria descontinuo em relação ao modelo por eles internalizado na infância, responsável por suas expectativas e representações primitivas acerca destes mesmos papéis. A descontinuidade socializatória e o desmapeamento causariam pois, desorientação e conflito, que atuariam seus efeitos diretamente sobre a relação do casal. Desta forma, a chegada do primeiro filho corresponderia a uma crise conjugal.

Crise aqui foi compreendida, não necessariamente como caos iminente mas, como uma desestruturação momentânea que demanda uma redefinição e uma reacomodação, podendo corresponder a uma evolução no desenvolvimento da relação conjugal e da organização familiar.

Para a pesquisa foram entrevistadas 25 mulheres e, como já foi exposto anteriormente, a opção por ouvir neste momento apenas o ponto de vista das mulheres se deu em função da necessidade de restringir o máximo possível o foco de atenção do pesquisador a fim de que, sendo esta sua primeira pesquisa, ele não corresse o risco de, alargando o campo de sua visão (e de sua escuta), cair na superficialidade.

Após algumas entrevistas-piloto observou-se que entrevistando o casal ao mesmo tempo o discurso obtido acabaria sendo, muitas vezes, predominantemente o de apenas um dos membros do casal. Por outro lado, para entrevistar homens e mulheres separadamente o tempo gasto com a pesquisa teria que ser longo por demais, ou então a amostra muito pequena e pouco representativa.

A opção pelas mulheres, e não pelos homens, ocorreu em virtude de ser maior o número de trabalhos e publicações sobre mulheres. Sendo este um primeiro trabalho de pesquisa, optou-se pela prudência de abrir mão, ainda que temporariamente, da originalidade e seguir por um caminho já muitas vezes percorrido, explorando apenas algumas de suas trilhas ainda pouco exploradas.

Assim, a proposta desta pesquisa foi, em suma, de escutar a mulher e analisar o seu discurso sobre a relação conjugal e o primeiro filho em um contexto de acelerada mudança cultural.

4.1.1 - SUJEITOS (5)

Os sujeitos desta pesquisa foram 25 mulheres com idades entre 26 e 34 anos, residentes na zona sul da cidade

do Rio de Janeiro e pertencentes às camadas médias da sociedade. Todas estas mulheres tinham instrução de nível universitário completo e trabalhavam ou já haviam trabalhado fora de casa em algum momento de suas vidas.

Apenas duas mulheres (Elizabeth e Flávia (6)) tiveram sua infância vivida em cidades do interior do Estado de Minas Gerais, e uma terceira (Sandra) em Vitória, no Estado do Espírito Santo, mas passaram a juventude em grandes centros como Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

Todas as mulheres entrevistadas estavam casadas na ocasião em que a entrevista foi realizada. Em geral os casamentos foram realizados no civil e no religioso, a exceção de três casos: o de Cristina, que por ter sido casada anteriormente só estava casada agora no civil; o de Vanessa, que pelo mesmo motivo não estava casada agora nem no civil e nem no religioso; e o de Flávia, que embora não tivesse nenhum impedimento legal, os dois eram solteiros, não estava casada nem no civil e nem no religioso.

As 25 mulheres entrevistadas moravam com seus maridos, que também tinham nível de instrução superior e idades entre 27 e 35 anos, e com seus filhos. Todas elas só tinham tido o primeiro filho até a ocasião da entrevista, e duas (Sandra e Marta) estavam no início da segunda gravidez. As idades das crianças variavam entre os 06 meses e 04 anos.

(b) Todos os nomes citados nesta pesquisa foram trocados. Estes, portanto, são nomes fictícios.

Foram escolhidas mulheres pertencentes às camadas sociais médias e residentes na cidade do Rio de Janeiro porque alguns trabalhos sugerem que esta camada social e os grandes centros brasileiros tenham sido os mais atingidos pela acelerada modernização que assolou a sociedade brasileira nas últimas quatro décadas (Velho, 1981; Costa, 1984; Figueira, 1985 e 1987; e Nicolaci-da-Costa, 1987). O Rio de Janeiro foi escolhido entre os grandes centros porque a entrevistadora reside nesta cidade.

A faixa etária das mulheres entrevistadas correspondeu aos interesses que motivaram a realização desta pesquisa na medida em que mulheres que nos dias de hoje estão com mais ou menos 30 anos viveram sua infância, juventude e início da vida adulta exatamente no período em que se processou esta rápida mudança no país. Possivelmente então, nelas seriam encontrados sinais da descontinuidade socializatória e do desmapeamento.

Só foram entrevistadas mulheres que ainda não tivessem tido o segundo filho porque o objetivo era, justamente, analisar o impacto causado pelo primeiro filho na vida do casal quando esta experiência estivesse ainda muito prenante. Era a primeira paternidade, como um momento de transição na vida do casal e uma nova ocasião de reprodução social, que estava sendo o foco de maior atenção. Além disso, a presença de outros filhos na família poderia trazer para a pesquisa outras variáveis que não eram de interesse a esta altura.

Não houve preocupação específica quanto à idade das crianças, filhos das entrevistadas, mesmo porque nas entrevistas-piloto este dado não pareceu relevante.

As mulheres entrevistadas eram conhecidas da entrevistadora (a própria autora do trabalho e realizadora da pesquisa) ou conhecidas de conhecidos, o que, acredita-se, facilitaria a abordagem de temas que tratavam diretamente de questões muito íntimas das próprias mulheres e de suas relações conjugais.

4.1.2 - METODOLOGIA

A princípio foram realizadas três entrevistas-piloto com casais - ambos os membros do casal presentes à entrevista, o que pareceu ser uma proposta inviável para a situação específica que envolve esta pesquisa e seus objetivos. Com este procedimento constatou-se, primeiro, que a disponibilidade de tempo para as entrevistas, por parte do entrevistador e dos entrevistados, teria que ser bem maior que o previsto no cronograma, e segundo, que o discurso obtido acabaria sendo, muitas vezes, predominantemente o de apenas um membro do casal.

Então, procedeu-se a realização de quatro entrevistas-piloto com mulheres casadas, legalmente ou não, a fim de escutar o que elas tinham a dizer, o mais livremente

possível, sobre as interações entre a chegada do seu primeiro filho e sua relação conjugal. Nesta etapa chamou a atenção o fato de que as quatro mulheres tivessem passado por dificuldades em seus casamentos por ocasião da gravidez, do parto e do pós-parto de seu primeiro filho, e que atribuíssem essas dificuldades à não realização de expectativas que elas tinham construído com relação à conciliação dos papéis femininos de profissional e de mãe e ao desempenho masculino do papel de pai.

A partir destas entrevistas-piloto foram definidas as linhas mestras a serem seguidas na realização das entrevistas e os tópicos a serem abordados, que foram testados e aprovados em outras três entrevistas-piloto.

Em seguida foram realizadas entrevistas informais com estas 25 mulheres, em local e hora por elas designados conforme sua conveniência (sua própria casa, seu local de trabalho ou no consultório da entrevistadora, de dia ou à noite), desde que elas pudessem estar sozinhas com a entrevistadora durante toda a entrevista (7). A informalidade era definida pela realização da entrevista nos moldes de uma conversa corriqueira do dia-a-dia, o que permitiu que as mulheres entrevistadas ficassem mais a vontade e descontraídas. A escolha de uma situação informal para a realização das entrevistas se deu em função do objetivo que se pretendeu alcançar com a pesquisa de tornar visíveis processos íntimos e por vezes inconscientes para os sujeitos

(7) Em alguns casos as entrevistas foram realizadas na presença constante ou intermitente dos filhos.

entrevistados, e calcada em experiência anterior de Nicolaci-da-Costa (1988a):

"... Diferentes objetivos podem requerer diferentes técnicas de entrevista (...) Meu objetivo era, pelo menos em parte, o de tornar visíveis processos íntimos que, por serem muitas vezes inconscientes eram desconhecidos mesmo para os entrevistados. Para ser bem-sucedida, a entrevista deveria, portanto, ser conduzida numa situação informal que permitisse que os sujeitos se sentissem à vontade e descontraídos" (p.7).

‡ A estruturação das entrevistas baseou-se em trabalhos sobre metodologia e análise de discurso de Nicolaci-da-Costa (1988a e 1988b). Assim, as entrevistas tinham o que esta autora chama de "estruturação invisível", ou seja, elas eram altamente estruturadas em termos de tópicos a serem abordados, mas estes tópicos não tinham uma ordem de abordagem previamente determinada, não havia um roteiro escrito a ser seguido, e perguntas só eram colocadas diretamente quando um determinado tópico não era abordado espontaneamente pela entrevistada. Entretanto, cuidou-se para que todos os tópicos fossem abordados em todas as entrevistas. Desta forma, não havia uma estruturação prévia da entrevista no papel, embora ela estivesse estruturada na mente do entrevistador. Daí sua invisibilidade, segundo Nicolaci-da-Costa.

Os tópicos abordados foram:

- Modelo de estruturação da família de origem, durante sua infância, quanto aos papéis sociais de pai e de mãe.

- Expectativas e representações mais recentes quanto ao desempenho destes papéis de pai e de mãe (8) pela entrevistada e por seu marido.

- Modo como marido e mulher desempenharam de fato e vêm desempenhando estes papéis de pai e de mãe desde a gravidez e o parto até o momento atual.

- Modo como estava estruturada a relação do casal antes do bebê chegar.

- Efeitos da chegada do bebê sobre a qualidade da relação do casal.

- No caso de dificuldades: percepção que a entrevistada tem dos motivos que teriam levado a elas e o modo como puderam lidar com estas dificuldades.

A opção pela formulação de tópicos e não de perguntas veio de encontro à escolha de uma situação de entrevista prioritariamente informal pois, mais uma vez citando Nicolaci-da-Costa (1988a):

"... Perguntas prontas tendem a soar excessivamente formais dentro de uma entrevista que pretende ser o mais informal possível" (p.9).

- Perguntas objetivas foram feitas no final da entrevista a fim de obter dados como idades dos cônjuges.

(8) Especialmente no que concerne à conciliação dos papéis femininos de profissional e de mãe e ao desempenho masculino ao papel de pai.

profissões, tempo de casados, tipo de casamento - civil, religioso ou não legalizado, idade do filho e se foi ou não desejado pelo casal. }

O gravador foi utilizado em todas as entrevistas, posto que nenhuma mulher entrevistada mostrou-se inibida ou fez qualquer objeção a sua utilização. Mas as entrevistas não foram transcritas na íntegra, dado que sua própria estruturação permitiu a abordagem de temas, tanto por parte da entrevistada quanto por parte da entrevistadora, que não estavam diretamente ligados aos interesses que motivaram a realização da pesquisa. Conforme a experiência de Nicolaci-da-Costa (1988a):

"O gravador era usado somente nos casos em que os entrevistados a ele não faziam qualquer objeção explícita (admitindo que não gostariam que o que estavam dizendo fosse gravado) ou implícita (demonstrando inibição)" (p.p 8 - 9).

"Dado que a estruturação invisível das entrevistas dava aos entrevistados espaço para a abordagem de temas não diretamente vinculados ao objetivo da pesquisa, foram transcritas somente as falas que versavam sobre o tópico investigado" (p.p 10 - 11).

Foram transcritas apenas falas que diziam respeito aos tópicos investigados e as transcrições foram feitas de modo a preservar e registrar o mais fiel possível as falas originais, mantendo características como expressões coloquiais, vícios de linguagem, hesitações, erros de concordância e ênfases. Isto porque, também segundo Nicolaci-da-Costa (1988a):

"Na realidade, dada a dificuldade (ou quase impossibilidade) de se atingir um registro realmente completo, pode-se dizer que, ao fazer uma transcrição, um pesquisador deve ter como objetivo pelo menos o registro de todas as características do discurso que julgar relevantes para sua pesquisa" (p.ii).

Por fim, as unidades de análise foram, nesta pesquisa, trechos dos discursos das mulheres entrevistadas. E as principais categorias de análise, os conceitos de socialização primária e socialização secundária, descontinuidade socializatória e desmapeamento, conforme apresentados e discutidos no segundo capítulo deste trabalho.

4.2 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

As 25 mulheres entrevistadas, quando questionadas sobre seus casamentos e o modo como estavam estruturados antes da gravidez e do nascimento de seus filhos, são unânimes em afirmar que estavam felizes com seus maridos e plenamente satisfeitas com o tipo de casamento que vinham tendo (Tabela II do Apêndice). Exemplos:

VANESSA - "Eu tinha uma vida anterior de casada excepcionalmente boa. Quer dizer, fantástica! Tipo quando você se dá super bem, você viaja, você não tem horário pra nada, enfim, você é namorado daquela pessoa. A convivência, ela é tão agradável, tão gostosa ... Não há a coisa chata da rotina, da obrigação".

SANDRA - "O meu casamento era melhor do que eu tinha imaginado que seria, um convívio bom, um

relacionamento muito franco, talvez porque a gente tenha tido a mesma formação, a idade muito próxima, os mesmos anseios (...) O Carlos, excelente marido, muito legal. Por isso eu sempre fui apologista do casamento ..."

ELAVIA - "Quando a gente casa é tudo oba - oba . Uma maravilha. Eu tava super feliz. Tudo dava certo (...) Antes de ter filho nada é problema pro casal, nada te prende, você é totalmente independente. Então, você tá sempre de bom humor, todo dia você tá com o maior tesão, querendo transar porque ninguém te aborreceu, você tá trabalhando normalmente, não tem nada de errado..."

LUCIA - "Meu casamento era ótimo, a gente se entendia muito bem, saía, viajava. O Maurício era super companheiro, um maridão."

Grande parte delas, 22 mulheres (88% do total de mulheres entrevistadas), descreve um casamento que vinha transcorrendo, antes da chegada do primeiro filho, baseado predominantemente nos preceitos da igualdade entre os gêneros e do intercâmbio de funções, conforme os valores e ideais igualitários:"

BIANCA - "A gente procurava sempre fazer as coisas na base do meio-a-meio né. Os dois trabalhavam fora. Isso era importante pros dois. Mas era desgastante também. Então, quando chegava em casa, a gente procurava dividir tudo. Enquanto um tomava banho, o outro colocava a comida no microondas, quando um tirava a mesa, o outro colocava a louça pra lavar né, tudo assim, desse jeito ..."

TATIANA - "No início do casamento tudo era ótimo. Acho que era uma coisa assim da novidade, tá. Tudo é novo, diferente, aí a gente curte fazer. Não tinha esse papo de isso é coisa de homem e isso é coisa de mulher, um ajudava o outro e eu sinto que era uma coisa que a gente até curtia fazer."

GILDA - "Antes dela nascer ele ajudava muito na casa ... a coisa das compras, da arrumação, com frequência ele fazia. Só tinha uma coisa que não fazia mesmo e que no dia que fez ninguém conseguiu comer, a comida. Isso era impossível! Mas ... nesse sentido de companheirismo eu acho que ele correspondeu às minhas expectativas, eu acho ele bastante companheiro, essa coisa de partilhar muito, da gente trocar muito as coisas mesmo, em termos de trabalho, das dificuldades ... ele se envolve muito."

JOANA - "Antes o Chico sempre me ajudou bastante. Houve um período em que ele ficou sem trabalho, então a gente dividia mesmo. Digamos, eu fazia o almoço e ele lavava a louça, ele arrumava a cozinha, varria. Então, nesse período havia uma divisão bem mais definida ..."

E 3 mulheres (12% do total de mulheres entrevistadas) descrevem, ao contrário, um casamento que, antes da chegada do bebê, vinha transcorrendo baseado, predominantemente, em um modelo "tradicional", "hierárquico", caracterizado por uma nítida demarcação de papéis masculinos e femininos:

ANDREA - "O meu modelo de casamento sempre foi tradicional, então nada de divisão de tarefas em casa. Isso nunca rolou não. Eu sou muito rainha do lar. E sempre achei que ia ser assim mesmo. Eu nunca deixei meu marido pagar uma conta em banco, ele nunca foi ao supermercado. Eu nunca pedi, eu fui criada, direcionada pra isso. Pra mim essas tarefas nunca foram um peso, eu curto muito fazer essas coisas então eu nunca dividi com ele."

SANDRA - "Eu tenho um temperamento que tudo o que eu faço, eu gosto muito de tomar a frente das coisas (...) e no relacionamento do casamento eu acabei assumindo um pouco mais as tarefas de casa naturalmente. Não acho ruim, faço com prazer, não porque isso tenha sido uma decisão, da gente pensar em fazer isso, eu não programei muito como ia acontecer (...) Tudo o que aconteceu entre a gente em termos de casamento não foi imposição tipo: você tem que fazer isso, tem que lavar

pratos porque eu tô cansada e tem que dividir as tarefas. Não, na nossa casa a gente não dividia as tarefas não - eu tô temporariamente na casa da minha mãe - eu fazia mesmo mais do que ele, mas não como um peso porque ele não fizesse. Eu nunca esperei que ele fizesse ..."

ROSA - "Ah, não! Nada desse negócio de homem fazendo trabalho doméstico, de homem se metendo nas coisas da casa. Isso não dá certo. Não leva jeito, não adianta. São mesmo coisas de mulher e pronto. Na minha casa sempre ficou por minha conta. As coisas dele são lá com o trabalho dele."

Quando questionadas a respeito da gravidez, se havia sido desejada, 23 mulheres (92 % do total de mulheres entrevistadas) relatam que sim, que o bebê foi muito bem vindo, embora nem sempre a gravidez tenha sido planejada pelo casal. Como exemplos:

GABRIELA - "A gente não tava pensando em ter filho naquele momento, mas quando eu descobri que tava grávida foi a maior alegria. Desde a época do namoro que a gente já falava em ter filhos, já escolhia nomes ..."

OLGA - "Eu e o Eduardo, a gente queria dar um tempo, se curtir mais primeiro, viajar, sair bastante. Aí, de repente a minha menstruação atrasou, eu fui ao médico, fiz o exame e tava grávida. Minha filha pintou na minha vida assim, totalmente desprogramada! Mas foi super bem vinda. Eu lembro que cada um pegou um telefone e a gente saiu dando a notícia pra todo mundo, pra família, pros amigos, foi a maior comemoração!"

GILDA - "Quando a gente engravidou, a gente queria muito ter filho né. A gente já vinha há algum tempo, inclusive, tentando e quando vimos que eu tava grávida ficamos super felizes."

CLARA - "A gente queria ter o filho. Então, ele foi super planejado. E aí eu engravidei ..."

Mas 2 mulheres (8% do total de mulheres entrevistadas) relatam que não desejavam a gravidez, pelo

menos não naquele momento, e que acabaram tendo o bebê porque este era o desejo de seus maridos:

ANDREA - "Primeira vez que eu parei de tomar pílula eu engravidei. Eu nem queria. Eu fiquei arrasada quando eu soube que eu tava grávida. Eu nunca pensei em ter filho. Chorei a noite inteira querendo tirar mas pra ele (o marido) aquele filho era muito importante, ele achava que era estéril e ficou felicíssimo quando conseguiu me engravidar (...) Foi muito mais ele que quis do que eu."

ELIZABETH - "Planejar nós não planejamos. Aconteceu a gravidez. Depois que aconteceu, os três primeiros meses eu ainda não aceitava (...) pensava no meu corpo todo alterado, barriga grande, aquilo mexeu muito na minha cabeça. Mas ele curtiu a bessa, se sentiu o máximo, falava pra todo mundo com orgulho e aí, quando passaram esses três primeiros meses eu comecei a aceitar. Não vou dizer que eu curti não."

Todas as mulheres entrevistadas admitem que a chegada do filho trouxe mudanças significativas para a vida do casal. Há, entretanto, variações no modo como estas mudanças foram recebidas e elaboradas dentro da relação conjugal e, sendo assim, através das respostas obtidas nas entrevistas, estas mulheres puderam ser classificadas em dois diferentes grupos: o grupo "tranquilo" e o grupo "crítico".

A palavra "tranquilo" surgiu nas falas de duas mulheres que relataram a chegada de um bebê na família como algo que pôde ser perfeitamente assimilado pelo casal sem alterar a qualidade da sua vida. Um exemplo é o discurso de uma delas:

CRISTINA - "A gestação e o nascimento dela não alteraram em nada a relação da gente. Mudanças aconteceram na nossa vida em termos práticos porque de dois que nós éramos, um casal, nós passamos

a ser três, uma família. Mas a nossa relação ... a ligação da gente, o carinho, a vida sexual ... continuou tudo ótimo, não mudou nada. Então, foi super tranquilo."

E algumas outras mulheres entrevistadas também usaram este termo *tranquilo* para designar o que não aconteceu nos seus casos, ou o modo como gostariam que os acontecimentos tivessem se desenrolado com a chegada de seus filhos.

Já as palavras "crítico" ou "crise" apareceram nas falas de muitas das mulheres entrevistadas que relataram a chegada do filho como um acontecimento que teve efeitos perturbadores sobre a relação do casal, ainda que a criança tenha ao mesmo tempo trazido muitas alegrias, causando conflitos e brigas que diminuíram, naquele instante, a satisfação destas mulheres com seus casamentos. É o que ilustra a fala de uma delas:

MONICA - "Acho que eu vivi a primeira crise no meu casamento quando a minha filha nasceu. Eram brigas atrás de brigas. Agora que já passou eu costumo dizer que é quando nasce o filho que a lua de mel acaba".

O primeiro grupo, que foi chamado de grupo *tranquilo*, reúne 5 mulheres (20% do total de mulheres entrevistadas) que consideraram a chegada do seu primeiro filho como um acontecimento tranquilo para a relação do casal. E tranquilo então, porque o filho, embora tenha de alguma forma introduzido mudanças em sua relação conjugal, pôde ser por ela assimilado sem maiores problemas e sem alterá-la substancialmente em termos da sua qualidade. Exemplos:

SANDRA - "Realmente as mudanças são grandes. Apesar de serem naturais, são grandes. Por isso é preciso ter um preparo, um preparo de ordem psicológica, um preparo de ordem financeira (...) As responsabilidades aumentam (...) A vida social fica menos ativa, a gente sai menos (...) Você tem muito mais pra contornar, pra abrir mão (...) O neném divide demais a atenção que antes era exclusiva pro marido (...) Mas eu considero que eu tenha tido um casamento absolutamente maravilhoso desde o dia que eu entrei na igreja. Não tive problema nenhum. Quer dizer, discutíamos, pontos de vista diferentes, coisas normais. Mas problemas não tive. Eu me considero extremamente feliz e continuei muito feliz depois que o Felipe nasceu."

GILDA - "O meu casamento antes da Aline era bom e eu continuo achando ele bom independentemente da Aline. Ela veio pra gente de forma muito tranqüila. Mudou alguma coisa, é claro, é uma disponibilidade muito grande que a gente tem que ter pro filho. É uma terceira pessoa na relação e tá ali, solicita cuidados, carinho. Então muda a relação, muda pra acomodar essa terceira pessoa, mas continua muito boa".

Já o segundo grupo, que foi chamado de grupo "crítico", reúne 20 mulheres (80% do total de mulheres entrevistadas) que, ao contrário das cinco primeiras, consideraram a chegada do seu primeiro filho como um acontecimento crítico para a relação conjugal. Crítico porque o casal teve dificuldades para assimilar a criança em sua relação, houve uma quebra da estrutura anterior e necessidade de uma nova estruturação, criando uma situação instável permeada por conflitos e brigas que, embora correspondessem a tentativas de reacomodação, acabaram atuando seus efeitos sobre a qualidade das trocas afetivas e do relacionamento sexual do casal. São exemplos as falas de:

FLAVIA - "... a Laurinha veio como uma porrada, veio demolindo tudo, abalou as estruturas. Aí a gente teve que construir de novo (...) Foi quando

veio por água abaixo toda aquela imagem do companheiro que eu sonhei pra minha vida inteira e que eu achava que o Luiz era (...) Eu me sentia uma merda e pensava: que bosta foi essa que eu que sou tão inteligente arrumei pra me casar! A relação da gente tava horrorosa, eu não queria transar com ele, não queria nem ver ele. Ai meu Deus, eu queria ir embora sabe, e eu não fui embora naquela época não sei nem porque (...) Tudo isso serviu pra questionar toda a relação ...".

CLARA - "Filho atrapalha muito a relação do casal né. Muda muito a vida. Você viaja menos. Tem que fazer muitas ginásticas pra conseguir sair (...) e às vezes acaba não saindo. Você acaba tendo um outro tipo de vida, os seus programas mudam (...) Eu acho que você fica em algum nível frustrado de não poder fazer as coisas que você fazia antes (...) A criança atrapalha muito as atividades do casal e o que acontece na maioria das vezes é que a gente fica esgotado de noite (...) Aquela coisa dos pais poderem jantar tranquilos, conversar, ver uma televisão, um vídeo, não é possível na minha casa (...) A vida sexual fica atrapalhada, prejudica porque você não pode transar na hora que você quer, tem que ser na hora que dá. E na hora que dá você às vezes, já tá um bagaço (...) um filho desestabiliza muito a relação do casal. Você tem que conseguir preservar um relacionamento homem-mulher independente do filho e isso é muito difícil..."

VANIA - "A chegada do João na nossa vida em alguns pontos foi muito ruim. Quando você tem filho né, você passa a ser uma família e a coisa assim do casal fica muito descaracterizada. Um casal pode viver de acordo com uma série de regras próprias, a família já é uma coisa muito social né, e a sociedade eu acho que espera mais que você seja uma mãe e um pai do que você seja uma mulher e um homem. Isso é ruim. Pra mulher eu acho difícil conseguir se manter mulher, ela é muito exigida como mãe e como dona de casa, por conta dessas tarefas mesmo de filho. A entrada do filho muda completamente a estrutura do relacionamento do casal. Comigo foi assim e a gente acabou brigando muito, chegou uma hora que eu percebi que o Fábio e eu, a gente tinha deixado de ser companheiros e estávamos sendo só pais".

KATIA - "As pessoas sempre dizem que um filho desestrutura muito um casamento né. Então, pra ter filho o casal tem que tá bem. Agora, o que eu sei

é que você pode tá muito bem com seu marido e o filho desestruturar da mesma maneira. É que por mais que a gente tente no dia-a-dia segurar a relação dos dois como um casal né, acaba o filho se transformando na figura principal. É muito difícil contrabalançar isso (...) E a relação muda muito. Eu me sinto ainda um pouco traumatizada com a experiência da maternidade. Fiquei sobrecarregada, me senti injustiçada, e acabei discutindo muito, muito mesmo com o Daniel por causa disso. Às vezes acho que, pelo menos no comecinho, o Junior afastou muito a gente. Eu era um poço de mágoa com o Daniel porque tudo sobrava pra mim, e eu não tinha nem vontade de ficar com ele, de fazer um carinho, transar, nada. Agora foi que começou a melhorar ..."

VANESSA - "Quando chega o filho a vida do casal passa a ser um aprendizado contínuo, um ajuste contínuo. Na minha relação com o Pedro houve um período em que a gente brigou muito, muito mesmo, porque eu não aceitava certas coisas que ele fazia e ele, por outro lado, achava que eu tava sendo uma chata, intransigente enfim, uma pessoa muito dura. Mas pra mim era duro, duro, por exemplo, chegar final de semana ele querer jogar futebol, ir jogar futebol e eu ter que ficar com a minha filha (...) A gente só conseguiu um ajuste depois de muito suor, de muito sacrifício, de muita briga, e mesmo esse ajuste ainda é delicado (...) A crise acontece porque há uma demanda muito grande do bebê e a tua relação original é transformada completamente. Você não tem mais um espaço seu, um espaço do outro e o nosso (ênfase) espaço. Você tem agora um terceiro que ocupa isso tudo e ainda acha pouco (...) A própria relação sexual passa a ter altos e baixos. Se você não tá bem, se você brigou, se você discutiu, se você tá impaciente, você não vai ter vontade de transar com ninguém. Eu, pelo menos, não tenho (...) Um filho é o primeiro cataclisma que atinge a relação do casal, é o primeiro embate sério que a gente tem que enfrentar."

As mulheres pertencentes ao grupo "crítico", quando questionadas sobre os possíveis motivos que as teriam levado a viver a chegada do primeiro filho como um acontecimento crítico para a sua relação conjugal, deram respostas que, invariavelmente, giraram em torno de duas questões principais: as dificuldades que elas tiveram na tentativa de

conciliar os papéis femininos de profissional e de mãe, e as dificuldades que encontraram em concretizar as expectativas que haviam depositado sobre seus maridos quanto ao papel deles de pai.

As expectativas destas mulheres quanto ao papel de pai do marido compreendiam uma participação intensa dele na gravidez - acompanhando a mulher nas consultas médicas, nos exames, no interesse em leituras e cursos sobre gravidez, parto e puericultura - no parto - participando do nascimento do filho ao lado da mulher na sala de parto - e nos cuidados com o bebê - executando tarefas típicas como trocar fraldas, dar banho, dar comida, levar ao pediatra e à escola, atender aos chamados do filho durante a noite e etc.

Avaliando os dois grupos, "*tranquilo*" e "*crítico*", quanto às expectativas e realizações das mulheres entrevistadas no que concerne à conciliação dos dois papéis femininos de profissional e de mãe (Tabelas III e IV), os resultados obtidos foram os seguintes:

No grupo "*tranquilo*", composto por 5 mulheres, em todos os 5 casos (100% do total de mulheres do grupo "*tranquilo*") as mulheres entrevistadas realizaram na íntegra as suas expectativas. Sendo que, 3 mulheres (60% do total de mulheres do grupo "*tranquilo*") não esperavam conciliar os papéis femininos de profissional e de mãe quando tivessem o seu primeiro filho e sim priorizar, nesta ocasião, o aspecto materno do seu papel feminino, interrompendo suas atividades profissionais ou diminuindo sua carga horária de trabalho. Um

exemplo disso é o discurso de:

ROSA - "Eu sempre pensei que quando eu tivesse os meus filhos eu ia mesmo dar um tempo com o trabalho e ficar só por conta deles. Acho que a presença constante da mãe é muito importante enquanto os filhos são pequenos. Parei de trabalhar quando o Bruno nasceu e a minha intenção é ficar ainda um bom tempo em casa com ele. Depois que ele já tiver crescido e também os outros filhos que eu vier a ter, aí eu procuro alguma coisa pra fazer, na minha área ou em outra área qualquer".

E as outras 2 mulheres (40% do total de mulheres do grupo "tranquilo") que esperavam conciliar estes dois papéis, não encontraram dificuldades em realizar esta conciliação. Como exemplo:

CRISTINA - "Eu não me desliguei totalmente do trabalho nem durante os quatro meses da licença. Agora, eu senti assim, eu tava muito satisfeita por estar esse tempo maior em casa, com a minha filha. Eu tava feliz por poder estar disponível. E depois, foi bom também voltar a me dedicar mais ao trabalho... No final de quatro ou cinco meses você já tá mesmo querendo voltar um pouco mais às suas atividades e eu não me via por muito mais tempo ficando quase que só com as coisas de criança. Voltei a trabalhar na hora certa, embora os quatro meses iniciais com minha filha tenham sido ótimos."

Assim, todas as mulheres do grupo "tranquilo" (100% do total de mulheres deste grupo) concretizaram, na íntegra, suas expectativas quanto à conciliação dos papéis femininos de profissional e de mãe.

No grupo "crítico", composto por 20 mulheres, todas (100% do total de mulheres do grupo "crítico") esperavam conciliar estes dois papéis. Mas, apenas 2 mulheres (10% do

total de mulheres do grupo "crítico") conseguiram fazê-lo sem dificuldades. É o que mostra a fala de:

HELENA - "Antes de ter o Gustavo eu achava que depois do nascimento dele eu ficaria mesmo o tempo da licença, os quatro meses, em casa né, com ele, sem trabalhar. Depois colocava ele na creche, e voltava às minhas atividades profissionais (...) E foi assim mesmo. Achei super legal ficar aqueles meses só como mãe, paparicando ele o dia todo. Tinha também a coisa da amamentação que eu valorizava muito. Mas no quinto mês eu voltei ao trabalho achando ótimo e ele se adaptou super bem à creche. Foi tudo muito tranquilo nesse sentido ..."

As outras 18 mulheres (90% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam que encontraram muitas dificuldades em conciliar a profissional e a mãe que esperavam ser ao mesmo tempo, priorizando o aspecto materno de seu papel feminino, o que contrariou suas expectativas a este respeito, fazendo com que se sentissem, às vezes, "incompletas" ou "culpadas". São exemplos:

ELIZABETH - "Olha, nos quatro meses que eu parei de trabalhar quando a Carol nasceu eu me senti péssima, eu me senti assim ... improdutiva. Eu me senti em casa (ênfase). Olha, não tenho nem palavras para descrever. Eu ficava tão desesperada que eu às vezes largava tudo e ia andar na rua. Não consegui nem ficar os quatro meses direto (...) e voltei a trabalhar antes do que eu deveria voltar. Senti muita falta do meu trabalho (...) mas quando voltei eu ainda não tava preparada praquilo. Na hora que eu me vi obrigada a colocar minha filha com babá foi um estorvo na minha vida, foi um loucura. Eu não sabia conciliar as coisas, eu não trabalhava direito, eu tava sempre preocupada. Depois eu comecei a insistir um pouquinho sobre isso né. Mas eu me sentia sempre culpada por não dar atenção à minha filha. E ... eu realmente não havia pensado sobre isso. Eu achava que ia ser diferente. Sei lá ..."

NADIA - "... na época eu tinha o meu escritório montado. Ai a gente quando vai ter filho acha assim que uns quatro meses, no máximo, e eu tô de volta. Tá (...) Quando o Gabriel nasceu eu não tinha ninguém que me ajudasse. Era uma loucura. Eu vivia super cansada. E a gente acaba ficando só voltada praquilo mesmo. Filho suga muito (...) Acabei não voltando pro escritório, pelo menos não até agora, e ele já tá com três anos (...) Por um lado acho que tá certo eu ficar com o meu filho. A criança precisa muito da mãe. Mas também me pergunto onde é que tá a Nádia arquiteta, que batalhou tanto pela profissão, e fico angustiada. Eu me sinto meio incompleta. Parece que tá sempre faltando alguma coisa."

VANESSA - "Antes da Paula nascer eu achava que seria fácil conjugar vida profissional e filhos. Achava que eu ficaria com ela seis meses, sei lá, ou talvez até mais, depois colocaria ela numa creche e voltaria a trabalhar (...) Mas não foi isso o que aconteceu. A Paula é uma criança que ... primeiro, ela deu realmente muito trabalho quando era bebezinha. Chorava demais à noite com cólicas terríveis. Então eu fui sempre alargando os espaços dela, tipo: Deixa ela ficar mais um pouquinho, tá com seis meses mas tá muito novinha, um ano, um ano e meio ... Ela faz dois no mês que vem e eu acho que ela ainda não tá completamente preparada pra ficar longe da gente, principalmente longe de mim ..."

FLAVIA - "Eu tinha montado consultório, tava muito feliz, começando minha clientela né. Passei minha gravidez inteira pensando: tudo bem, vou ter neném e daí há uns três, quatro meses, eu volto pro consultório (...) Depois que o neném nasce você fica muito absorvida naquilo (...) e passaram-se os tais três meses que eu achei que ia voltar a trabalhar e eu não tinha ninguém pra ficar com a menina (...) A realidade foi totalmente diferente da teoria (...) Desmontei o consultório e o tempo foi passando. A coisa foi ficando horrível. Foi amontoando aquele monte de mágoa, entendeu ? Eu ali o dia inteiro dentro de casa, uma profissional formada, competente, cuidando do bebê no maior mau humor, é óbvio, e de casa, coisa que eu sempre abominei (...) A minha filha chorava, gritava, e eu ficava assim: ai meu Deus, é dor de barriga ? Não, sou eu que não sei cuidar. Será que eu sou tão nervosa que eu passo isso pra minha filha e ela tá ficando paranóica porque eu tô infeliz aqui cuidando dela ? Então eu passava o dia inteiro me punindo..."

MONICA - "Quando a Jessica nasceu eu interrompi totalmente as minhas atividades profissionais durante um ano. Muito mais do que eu esperava. E durante esse período eu não fiquei muito legal não. Eu me sentia muito limitada, sei lá ... Depois fui voltando aos poucos, uma carga horária menor. E aí eu não conseguia trabalhar direito, preocupada com ela, se estava bem, se precisava de mim (...) As vezes eu não tinha com quem deixar a Jessica e desmarcava os pacientes e às vezes eu ia e levava ela, bebezinho, deixava com a secretária. Uma confusão ..."

Avaliando os dois grupos, "*tranquilo*" e "*crítico*", quanto às expectativas e realizações das mulheres entrevistadas no que diz respeito ao desempenho de seus maridos do papel de pai (Tabelas V e VI), os resultados obtidos foram os seguintes:

No grupo "*tranquilo*", composto por 5 mulheres, todas as 5 mulheres (100% do total de mulheres do grupo "*tranquilo*") consideram que concretizaram na íntegra suas expectativas. Sendo que:

- 3 mulheres (60% do total de mulheres do grupo "*tranquilo*") relatam que esperavam e obtiveram do marido intensa participação na gravidez. Um exemplo:

CRISTINA - "Eu sempre achei que o Guilherme ia participar de todo o processo. Na verdade nunca nem passou pela minha cabeça que pudesse ser diferente (...) e ele realmente participou (...) O Guilherme me acompanhou em todas as consultas, todos os exames, sempre muito interessado. Fizemos logo juntos, exercícios de preparação pro parto ..."

- 2 mulheres (40% do total de mulheres do grupo "*tranquilo*") relatam que não esperavam e não obtiveram intensa participação do marido na gravidez. Um exemplo:

ANDREA - "... consultas, ultrassonografias, ele nunca foi a nada. Não era importante pra mim. Ele tava trabalhando, o horário era incompatível."

- 3 mulheres (60% do total de mulheres do grupo "tranquilo") relatam que esperavam e obtiveram a presença do marido na sala de parto. Um exemplo:

GILDA - "... o parto foi um parto longo né, mas foi um parto normal. Ricardo participou (...) A coisa do filho era uma coisa que ele queria muito também. A gente sempre quis muito ter filho. Então pra ele, assim, a coisa de ter participado do pré-natal, do parto, ele não via de outro jeito, nem eu."

- 2 mulheres (40% do total de mulheres do grupo "tranquilo") relatam que não esperavam e não obtiveram a presença do marido na sala de parto. Um exemplo:

ANDREA - "Gilberto não assistiu o parto. Eu não quis de jeito nenhum que ele participasse porque eu acho que não tem nada a ver. Essa história de homem ficar filmando parto acaba com o romance."

- 2 mulheres (10% do total de mulheres do grupo "tranquilo") relatam que esperavam e obtiveram do marido uma participação, tão grande quanto a delas próprias, na execução de tarefas típicas do cuidado com crianças. Um exemplo:

GILDA - "Depois de ter a Aline, a sensação que eu tive quando cheguei em casa né, essa coisa da gente não ter família, foi tipo: Deus do céu, não vem com manual de instrução. E Ricardo falou: É, realmente não vem. Como é que a gente faz? Aí cuidamos né. Dividíamos todas as tarefas. Ele tinha tirado férias, o que foi ótimo pra gente. A única coisa que ele não fazia era amamentar, por falta de condições né (...) Ele realmente ajudou muito, acordava durante a noite, pra trocar uma fralda ele ia comigo (...) e até hoje, ajuda bastante (...) Atualmente as coisas acontecem de

acordo com as necessidades né. Vai levar pra escola quem pode levar naquele dia. Comida, banho, não sei mais o que, às vezes é com o pai, às vezes é com a mãe (...) tudo pode ser feito por qualquer um dos dois."

- 3 mulheres (60% do total de mulheres do grupo "tranquilo") relatam que não esperavam e não obtiveram do marido uma participação, tão grande quanto a delas próprias, na execução de tarefas típicas do cuidado com crianças. Um exemplo:

ROSA - "O João é excelente pai..Adora brincar com o Bruno. Agora, não participa nessas coisas de troca de fraldas, banho, se tá chorando ... E eu acho que não tem que participar disso mesmo. De vez em quando até tudo bem. Mas homem não tem jeito pra essas coisas, é muito duro, tem a mão pesada ... E o filho quando pequeno requisita mais é a mãe mesmo."

. No grupo "crítico", composto por 20 mulheres, apenas 3 mulheres (15% do total de mulheres do grupo "crítico") consideram que concretizaram na íntegra suas expectativas quanto ao desempenho de seus maridos do papel de pai. Todas três esperavam e obtiveram do marido uma participação intensa na gravidez, presença na sala de parto e participação - tão grande quanto a delas próprias - na execução de tarefas típicas do cuidado com crianças. São exemplos:

VANESSA - "A gravidez, e o parto também, foram muito tranquilos. A participação do Pedro foi fantástica! Ele ia sempre comigo às consultas, eu ia fazer tipo ultrassom e ele ia junto. Nossa, participou muito, muito mesmo! Na alimentação, no controle, no acompanhamento, tudo. Ele esteve sempre muito presente. E também no parto foi ótimo. Ele foi junto e eu até brinco porque às

vezes parece que foi ele que teve a Paula, ele tava muito mais nervoso do que eu. E eu é que tive que acalmar ele... A gente teve realmente um momento de gravidez e de parto muito amigo, muito solidário. Exatamente como eu esperava (...) Eu sempre imaginei um marido que dividisse as tarefas comigo (...) O Pedro, desde que a Paula era pequena, troca fralda, dá banho, cuida dela, bota ela pra dormir, vai passear com ela. Ele ainda hoje faz tudo isso. Ele só não dá comida porque isso ele não consegue. Mas enfim, eu acho que ele já ajuda bastante."

PAULA - "Bom, eu achava que o Alexandre ia ser um marido ultra-participativo nessas coisas de gravidez, parto ... E eu achava mesmo que ele ia ser um marido que ia ajudar com os filhos. E de fato ele acompanhou o pré-natal todo, ia às consultas médicas. Tudo isso. E eu queria que ele me acompanhasse. Ele me deu muito apoio durante a gravidez (...) assistiu o parto e até levou máquina pra tirar foto mas, ficou tão emocionado e tão assustado ao mesmo tempo que não conseguiu tirar foto nenhuma, só conseguiu chorar (...) Ele dá comida ao Rodrigo, dá banho, troca roupa, leva pra passear. A única coisa que ele não faz é limpar cocô. Isso ele atribui só a mim, de resto faz tudo."

As outras 17 mulheres (85% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam que ou não concretizaram nenhuma de suas expectativas no que diz respeito ao desempenho de seus maridos do papel de pai, o que aconteceu com 4 mulheres, ou concretizaram algumas expectativas e não concretizaram outras no que se refere a este mesmo tema. No geral:

- Todas as mulheres do grupo "crítico", ou seja, 20 mulheres (100% do total de mulheres do grupo "crítico"), relatam que esperavam do marido uma participação intensa na gravidez. Como exemplos:

ANA - "Participação total. Era isso o que eu esperava mesmo dele, que me acompanhasse sempre no médico, interessado, perguntando, que lesse muito

comigo tudo sobre bebês, que participasse do grupo de orientação pra pais que prepara pro parto, essas coisas ..."

DENISE - "Filho né, é um negócio que mobiliza muito. Então eu achava que ele ia se envolver ao máximo, achava que ia querer curtir a gravidez, a minha barriga, ver lá o bebezinho na ultrassonografia..."

MARTA - "Eu sempre achei que o Nelson ia querer participar de tudo. Ele também queria muito o filho. Então eu não tinha dúvidas de que ele ia colar em mim quando eu tivesse grávida, que ia querer ir ao médico, ver o bebê na ultrassonografia, cuidar da minha alimentação..."

IVANA - "Eu esperava mesmo que ele tivesse muito presente durante a gravidez, que quisesse participar de tudo, que ficasse assim... um pouco grávido também."

JOANA - "Eu tinha imaginado um marido tipo paizão, que ia brincar com a barriga, conversar, sentir o bebê chutar, que ia participar da vida do filho assim desde o início. Ia gravar a ultra no vídeo e mostrar pra todo mundo, ia comigo às consultas do pré-natal, ia aprender um monte de coisas sobre bebês..."

- 14 mulheres (70% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam que obtiveram esta participação do marido na gravidez. São exemplos:

IVANA - "Foi engraçadíssimo porque o Alvaro entrou tanto na minha gravidez que ele sentia enjoão, cansaço, dores na barriga. Coisas que normalmente ele nunca teve! Me acompanhava sempre no médico pro pré-natal e acredita que no início, quando o médico me receitou umas vitaminas, ele perguntou se podia tomar também!"

ANA - "(...) então eu dei a notícia de que eu tava grávida e ele ficou todo feliz. No dia seguinte quando cheguei do trabalho ele tinha vindo mais cedo e tinha preparado um jantar especial, esquentou congelado no microondas né, mas botou

velas na mesa, aquela onda toda e me deu umas rosas super lindas. Na minha cadeira tinha uma pilha de livros sobre bebês que ele tinha comprado pra gente (...). Foi assim, uma gravidez ótima. O Haroldo participou muito, curtiu muito. No grupo de pais era o que mais fazia perguntas e acabou ficando muito amigo do meu médico."

BIANCA - "Da gravidez também o Hugo participou bastante. A gente fez ioga junto e ele aprendeu um monte de coisas... Então me massageava, fazia os exercícios comigo. Sempre dava um jeito de estar livre no dia que eu tinha médico e aí me levava... Até a dieta que tive que fazer ele fez junto!"

MARTA - "... e realmente ele fez isso. Telefonava várias vezes por dia pra saber se eu tava bem. Fazia carinho na minha barriga, se preocupava com o que eu tava comendo. A primeira coisa que ele quis foi que eu parasse de fumar, e eu ia parar mesmo, mas ele não permitia que ninguém fumasse perto de mim (...). Foi ao médico comigo várias vezes e a ultra que ele não assistiu pediu preu gravar e viu no vídeo..."

- 6 mulheres (30% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam que não obtiveram a participação que esperavam obter do marido na gravidez. Como exemplos:

DENISE - "... e o Henrique ficou assim meio indiferente à gravidez. Eu acho que ele só realizou mesmo que a gente ia ter um filho quando o Antônio nasceu (...). Eu me lembro que um dia eu gravei uma ultrassonografia e cheguei em casa toda empolgada pra mostrar pra ele. Aí quando eu ia colocar a fita no vídeo sabe o que ele perguntou, assim meio sem saco? Será que não dava pra gente jantar primeiro? Fiquei chateada né. Briguei. E aí ele resolveu ver o vídeo. Só que não ligou a mínima, disse que não estava vendo nada, só uns borrões... O que me magoou foi que ele não demonstrou nem vontade de ver alguma coisa."

TATIANA - "O Afonso não participou muito da minha gravidez não. Bem menos do que eu gostaria. Acho que só foi ao médico comigo uma vez..."

FLAVIA - "As minhas desavenças com o Luiz começaram na gravidez sabe. Porque eu sempre imaginei aquele marido que ia curtir a gravidez junto comigo, que ia querer ir no médico comigo, entendeu? Que ia curtir ouvir o coraçãozinho do bebê, que ia na ultrassonografia comigo... E o Luiz se apresentou da seguinte maneira: Eu peguei o resultado do exame, cheguei em casa e falei: Tô grávida. Aí eu achei que ia ter a maior comemoração. Ele disse: Que tá o que, esse exame tá errado (...) Então não teve aquele romantismo do meu sonho. Já começou aí. Eu comecei a ir no médico e ele nunca quis ir. Não quis ir a uma ultrassonografia (...) Ele ficou completamente alheio e aquelas coisas todas daqueles sonhos que você tem de que vai ser perfeito já começaram a ir por água abaixo (...)"

- 18 mulheres (90% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam que esperavam que o marido estivesse presente na sala de parto. Entre elas:

LUCIA - "Ah, eu era bem romântica! Pensava que ele ia tá lá na hora do filho nascer segurando a minha mão."

HELENA - "Otávio tinha participado de todo o pré-natal né. Então eu achava que ele ia tá presente no parto também..."

TATIANA - "... mas mesmo ele não se envolvendo muito com a gravidez, eu ficava achando que ele ia querer assistir o parto... Sei lá, hoje em dia todo pai assiste... E depois... Ah, eu queria tanto que ele tivesse do meu lado pra gente conhecer o bebê junto..."

GABRIELA - "Eu sempre quis que o Júlio tivesse comigo na hora de ter a Bia, minha mãe até se ofereceu, mas eu queria ele do meu lado durante o parto."

VANIA - "Nunca nem passou pela minha cabeça que o Fábio pudesse não estar comigo durante o parto. Eu até pensei se ele ia agüentar, se não ia desmaiar como tantos maridos que eu conheço que desmaiaram, ou quase... Mas eu sempre pensei mesmo que ele ia tá lá."

- 13 mulheres (69% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam que obtiveram a presença do marido na sala de parto. Como exemplos:

OLGA - "Eduardo foi muito amigo durante todo o trabalho de parto, não saiu do meu lado, me deu a maior força (...) e na hora da Marina nascer, nossa! Ele só faltou ter ela pra mim."

MONICA - "Enquanto o médico tava lá fazendo a cesária ele (o marido) ficou numa boa junto de mim. Mas tava super nervoso. Aí quando a neném chorou acho que ele relaxou, foi ficando branco e alguém teve que ajudar ele a sentar no chão assim encostado na parede."

GABRIELA - "E ele realmente ficou do meu lado o tempo todo. Só se afastou um pouco quando ela já tava nascendo pra tirar fotografia."

VANIA - "E ele assistiu sim, o parto todo. Não desmaiou não."

- 7 mulheres (35% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam que não obtiveram a presença do marido na sala de parto. São exemplos:

HELENA - "...mas o parto ele não assistiu. Tava trabalhando e não conseguiu chegar a tempo. Disse que o trânsito tava ruim. Sei lá, acho que deu foi medo. O que eu sei é que foi tudo muito rápido. Aí quando ele chegou no hospital eu já tava tendo o Gustavo. Senti a maior falta, mas ele ficou na sala de espera junto com a família."

TATIANA - "Até a última hora ele ainda não tinha resolvido se ia assistir ou não. Daí quando a gente tava indo pra casa de saúde ele falou que preferia não entrar comigo na sala, perguntou se eu ia ficar chateada. É claro que não. O que eu ia dizer? Então, foi minha mãe que assistiu o nascimento da Patty."

DENISE - "Do parto também ele não quis participar, disse que não ia agüentar o cheiro de éter, e coisa e tal..."

- 2 mulheres (10% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam que não esperavam e não obtiveram a presença do marido na sala de parto. Um exemplo:

ELIZABETH - "... do parto ele nunca quis participar, e não participou mesmo. Achou que ia ficar muito nervoso, como realmente ficou. Mas eu nunca esperei que ele participasse. E ... depois, desde o início tava programado pra ser cesária."

- Todas as mulheres do grupo "crítico", ou seja, 20 mulheres (100% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam que esperavam que o marido executasse com o filho, tanto quanto elas próprias, tarefas típicas do cuidado com crianças. Exemplos:

OLGA - "Eu esperava mesmo que ele tivesse muito presente durante a gravidez e na hora de ter a neném. Agora, o que eu mais queria era que ele dividisse comigo, de igual pra igual, as tarefas do dia-a-dia, que levantasse no meio da noite quando ela tivesse chorando, que trocasse fralda, desse banho, colocasse pra arrotar, todas essas coisas que a gente tem que fazer."

NADIA - "Antes de ter filho eu achava que o Sérgio ia ser um pai que ia curtir essas coisas de criança. Primeiro porque ele gosta de criança. E depois, porque a gente sempre dividiu as tarefas em casa. Então eu achava que ele ia dividir as tarefas do filho também."

KATIA - "Eu sempre considerei que as responsabilidades com a família, os cuidados com os filhos, e mesmo as tarefas mais simples deveriam ser compartilhadas pelo casal. Então eu achava que ele também ia trocar as fraldas do filho, dar banho, comida, acudir na hora da

cólica, do sono... Eu esperava isso dele."

LUCIA - "Achava que eu ia ter babá, enfermeira, essas coisas. Mas eu esperava mesmo ter um marido que me ajudasse, que na hora H dividisse o trabalho comigo."

- 3 mulheres (15% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam que obtiveram esta participação intensa do marido nos cuidados com o filho. Mas, estas são aquelas mesmas três mulheres que parecem ter concretizado todas as suas expectativas quanto ao desempenho de seus maridos do papel de pai.

- 17 mulheres (85% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam, ao contrário, que não obtiveram do marido uma participação, tão grande quanto a delas próprias, na execução de tarefas típicas do cuidado com crianças. Alguns exemplos:

ELIZABETH - "Depois que a Carolina nasceu houve uma cobrança da minha parte em relação a ele pra gente dividir as tarefas. Na verdade eu queria que à noite ele acordasse também, pegasse ela também no colo e ninasse. Ele até fazia, mas não era com a mesma frequência que eu. Não era como eu queria. E eu queria que ele limpasse a Carolina, que ele desse a mamadeira. Que não só eu ficasse acordando à noite porque, afinal de contas, no dia seguinte nós dois acordávamos no mesmo horário e eu não achava justo que só eu sacrificasse a minha noite de sono."

OLGA - "Mas ele nunca levantou à noite porque ela tava chorando, nunca deu uma mamadeira, e só troca a fralda se eu tiver morrendo..."

DENISE - "Eu paguei pela boca! Sempre preguei aquelas coisas de que o casal tem que fazer tudo junto, tem que dividir as tarefas. Então eu achava que o marido também tinha que cuidar do filho. E

eu ainda acho. Não me conformo! Mas o Henrique não quer nem saber. Eu tô sempre cobrando dele. Não adianta. Ele diz assim: Não quero saber, não gosto disso e não vou fazer. Nunca pegou o filho no colo, diz que tem medo. No início era porque o bebê era muito molinho. Agora não sei. Nem chupeta ele coloca na boca da criança quando tá chorando. Trocar fraldas (risos) nem pensar."

GABRIELA - "O Júlio nunca quis dar um banho, trocar uma roupinha. Gosta de pegar ela no colo, cheirosinha, e ficar olhando pra ela todo bobo. Agora, cuidar não é muito com ele (...) Segura a filha como se fosse um troféu e mostra pra todo mundo. Mas nada que dê trabalho, sabe. Mesmo quando tá no colo, se ela chora, ele entrega correndo pra mim. E eu nunca achei que fosse ser assim né."

NADIA - "O Sérgio é um pai muito querido. Paparica, enche de presentes, joga bola, leva pra passear. Mas não me ajuda nas coisas do dia-a-dia com o Gabriel. Não dá banho, não dá comida, não troca roupa, não leva pra escolinha, não leva ao pediatra, não leva pra tomar vacina (...) É pai pras coisas boas. Compensa, é claro, porque é um bom pai, muito amigo (...) Eu é que fico um pouco decepcionada porque esperava que ele fosse mais atuante nas outras coisas também, na rotina, nas horas chatas. Sempre achei que a gente ia dividir isso."

BIANCA - "... ele até faz, mas muito pouco, bem menos que eu e só quando ele quer. É a tal história, quando ele faz é por escolha dele (ênfase), é quando tá com vontade. Agora eu não, eu tenho (ênfase) que fazer sempre porque se eu não fizer ninguém faz."

MARTA - "Com o Bernardo não, ele faz muito pouco e mais nos finais de semana. Quem acaba ficando mais com o filho mesmo é a mãe (...) Por exemplo, se ele fica doente, com febre, essas coisas de criança, e não vai pra escola, o Nelson vai pro trabalho dele normalmente, só telefona pra saber notícias, e eu desmarco os meus pacientes porque tenho que ficar com o Bernardo. Sempre fiquei muito mais com ele do que o Nelson. E antes eu achava que ia ser mais equilibrado..."

FLAVIA - "Ele não fazia nada, então um dia ela tava com uns 10 meses e eu falei: Nossa Senhora!

Eu tô horrorosa, cabeluda, cabelo feio, gorda, eu tenho que me cuidar. Era um sábado. Ai eu falei com ele assim: Olha, fica com ela um minutinho que eu vou ali e já volto. Fui pro salão (...) passei o dia inteiro. Pensei: Eu tenho que fazer isso porque eu tô fazendo tudo sozinha e pra ele tá super prático. Sabe o que aconteceu quando cheguei em casa? Encontrei ele correndo pela sala com ela enfiada aqui no braço com a bunda pro alto. Ela, gritando. Ai eu entrei no banheiro, tinha uma fralda de cocô dentro da pia e o chão todo vomitado. Em resumo: Ela fez cocô, como deve ter começado a chorar e ele sentiu o cheiro, foi trocar a fralda. Quando viu o cocô começou a vomitar. Ele vomitou o banheiro inteiro e corria com a menina de um lado pro outro porque não tinha coragem de botar a mão no cocô da bunda da filha dele. Eu achei isso um absurdo! Dei um esporro. Ai ele falou assim: Toma que o filho é teu. E saiu..."

Comparando os resultados dos dois grupos, "tranquilo" e "crítico", no que concerne à concretização tanto das expectativas quanto à conciliação dos papéis femininos de profissional e de mãe quanto das expectativas quanto ao desempenho do cônjuge de seu papel de pai (Tabelas VII e VIII), pode-se observar que apenas as mulheres do grupo "tranquilo" conseguiram, de fato, concretizar na íntegra todas as suas expectativas. No grupo "crítico" nenhuma mulher conseguiu realizar todas as suas expectativas.

Tal resultado sugere que a concretização de todas as expectativas que as mulheres entrevistadas criaram para si mesmas e que, de certa forma, também envolviam seus maridos, no que se refere a estes dois temas aqui abordados e por elas mesmas levantados - a conciliação dos papéis de profissional e de mãe e o desempenho do papel de pai - pode contribuir para a tranquilidade com que elas, juntamente com seus maridos, recebem seu primeiro filho em sua relação conjugal.

Da mesma forma, pode-se inferir que, ao contrário, a não concretização destas expectativas tende a ser um fator complicador a mais para que estas mulheres percebam a chegada do seu primeiro filho como um acontecimento crítico para a sua relação de casal.

Mas, porque algumas mulheres têm maior facilidade do que outras em concretizar suas expectativas quanto à conciliação dos papéis femininos de profissional e de mãe e quanto ao desempenho de seus maridos de seu papel de pai? Para tentar responder a esta pergunta empreendeu-se uma avaliação nos dois grupos, "tranquilo" e "crítico", das bases em que as famílias de origem destas mulheres estavam estruturadas durante sua infância (Tabelas IX e X). Os resultados obtidos foram os seguintes:

. No grupo "tranquilo", composto por 5 mulheres, as respostas das 5 mulheres entrevistadas (100% do total de mulheres do grupo "tranquilo") indicam coerência entre o modelo de família em que estava baseada a estruturação de suas famílias de origem, durante sua infância, quanto aos papéis sociais de pai e de mãe, e o modelo de família em que se baseia a construção de suas expectativas mais recentes de realização destes papéis de pai e de mãe. Sendo que:

- As respostas de 3 mulheres (60% do total de mulheres do grupo "tranquilo") retratam o modo como suas famílias de origem estavam estruturadas, durante sua infância, quanto aos papéis sociais de pai e de mãe, baseadas predominantemente em ideais e valores hierárquicos. E o modo

como suas expectativas mais recentes de realização destes papéis também foram construídas predominantemente com base em valores e ideais hierárquicos. São exemplos os discursos de:

ANDREA - "Minha mãe cuidava de mim. Mas meu pai foi pai tutor. Ele assinava os cheques e só. Eu nem via o meu pai, ele saía e eu tava dormindo, ele chegava e eu tava dormindo. Eu via o meu pai aos domingos (...) Os dois trabalhavam fora, mas ela num ritmo bem contido. Ela fazia tudo em casa, cuidava de mim, ele não fazia nada. Um casamento bem tradicional (...) Eu nunca pensei num casamento moderno, eu sempre pensei num casamento tradicional. Casamento moderno pra mim não existe (...) Então eu achava assim que eu ia ter um casamento bem tradicional (...) nada de divisão de tarefas em casa, eu nunca deixei meu marido trocar uma fralda de criança..."

SANDRA - "Minha mãe, como mãe, sempre foi fantástica. Meu pai tinha momentos de ausência por causa do trabalho dele até os meus 14 anos. Ele viajava muito a trabalho e às vezes viagens longas, 3 ou 4 meses (...) Eu criança, ele foi muito ausente (...) Eu tenho recordações ótimas de momentos, ele presente quando a gente ia ao clube, à piscina (...) E a minha mãe foi sempre dona de casa, então ela teve uma presença muito forte porque foi constante (...) A rotina da casa era com a minha mãe (...) Eu nunca questioneei o fato da minha mãe ficar em casa com a gente. Eu achava isso ótimo. Então isso foi uma coisa que eu sempre quis fazer. Eu sempre pensei que quando chegasse a hora de ter filhos eu gostaria de poder me dedicar aos filhos (...) Minha intenção é ficar um bom tempo em casa com os meus filhos (...) O Carlos ajuda muito pouco (nos cuidados com o filho) nos fins de semana. Mas eu compreendo, é a natureza dele. Eu também não impus no início, então não tem porque impor agora."

- Enquanto isso, as respostas das outras 2 mulheres (40% do total de mulheres do grupo "tranquilo") retratam o modo como suas famílias de origem estavam estruturadas, durante sua infância, quanto aos papéis sociais de pai e de mãe, baseadas predominantemente em ideais e valores

igualitários. É o modo como suas expectativas mais recentes de realização destes papéis também foram construídas predominantemente com base em valores e ideais igualitários. Um exemplo disso é a fala de:

CRISTINA - "Meus pais trabalhavam fora, todos dois. Tinha a empregada que assumia mesmo essas coisas de comida e não sei o que ... Mas nos finais de semana os dois iam pra cozinha e preparavam juntos almoço, lanche, essas coisas (...) Com a gente também eles se revezavam. Muitas vezes era o meu pai quem dava banho, comida, botava a gente pra dormir... É engraçado, eu tô falando aqui e tô lembrando dele sentado ao lado da minha cama contando estorinhas até eu dormir. As estórias dele eram o máximo! (...) Bom, eu sabia que eu queria do meu lado um homem que pensasse mais ou menos como eu, então eu achava que ele ia compartilhar tudo, as coisas da casa, as coisas dos filhos (...) Sempre achei que os direitos e os deveres iam ser iguais pro meu marido e pra mim, era assim com os meus pais né ..."

No grupo "crítico", composto por 20 mulheres, apenas no caso de 1 mulher (5% do total de mulheres do grupo "crítico") suas respostas indicam coerência entre o modelo em que estava baseada a estruturação de sua família de origem, durante sua infância, quanto aos papéis sociais de pai e de mãe - modelo igualitário - e o modelo em que se baseia a construção de suas expectativas mais recentes de realização destes papéis - também igualitário:

FLAVIA - "Eu já nasci tendo minha mãe trabalhando fora, meu pai também trabalhava, então quer dizer, tinha aquele pique mesmo de uma casa que ... Entendeu? Não tem aquele negócio do pai trabalha fora e a mãe fica em casa de doméstica (...) Os dois trabalhavam período integral e a gente ficava com a empregada (...) Sempre teve empregada né ... Então meu pai não fazia essas coisas assim de arrumar, lavar, mas nem minha mãe fazia. Agora,

compras os dois faziam juntos. Tarefa doméstica deles era mais isso (...) Com os filhos meu pai sempre dividiu. Eu me lembro até hoje o meu pai me dando banho, e à noite eu tinha terror noturno e meu pai vinha com a maior paciência, ficava lá esperando eu dormir (...) Ele foi bem participativo (...) Ah, desde que eu nasci eu vi minha mãe trabalhando fora. Então eu ia ter que trabalhar né. Eu não vi outro exemplo! (...) Em casa eu pensava, de preferência ter uma empregada mas, não tendo, aí dividir tudo (...) Eu imaginava que o meu marido me ajudaria na criação dos filhos. Claro! Eu lembrava demais do meu pai, a gente lá pequenininho (...) Era o meu pai quem dava banho, trocava fraldas..."

As respostas das outras 19 mulheres deste grupo (95% do total de mulheres do grupo "crítico") retratam o modo como suas famílias de origem estavam estruturadas, durante sua infância, quanto aos papéis sociais de pai e de mãe, baseadas predominantemente em ideais e valores hierárquicos, enquanto suas expectativas mais recentes de realização destes papéis estavam baseadas predominantemente em valores e ideais igualitários. São exemplos:

CLARA - "Minha mãe era uma mãe assim que dava muita atenção, cuidava muito dos filhos, da casa. Meu pai já era assim ... é ... era mais voltado pras coisas dele (...) Meu pai trabalhava. Minha mãe começou a trabalhar quando eu já era maior mas, era assim umas aulas que ela dava duas ou três vezes por semana (...) A casa, mamãe administrava e as empregadas tomavam conta. Papai não fazia nada (...) Os filhos também era minha mãe que cuidava. Eu ajudava muito. Meu pai não (...) Eu nunca quis um namorado que fosse parecido com o meu pai. Eu queria uma pessoa completamente diferente (...) Eu queria um homem que fosse mais ativo, que fosse mais ligado, que se preocupasse mais com as coisas de casa (...) Com relação aos filhos eu também sempre imaginei que meu marido dividiria tudo comigo..."

JOANA - "Minha mãe que tomava conta dos filhos. E a gente tinha babá. Meu pai não ajudava em nada. Ele só trabalhava. Do tipo: minhas obrigações são

com o trabalho, em casa é com a mulher (...) Nunca cuidou das crianças, pegou no colo, nada. Papai sempre foi mais distante (...) Pro meu casamento eu queria uma coisa diferente da que eu via na minha casa, uma coisa mais dividida entre os dois. Queria que dividissem mais as coisas da casa, as tarefas, a educação dos filhos, o próprio casamento (...) A gente quando é nova não tem muito uma noção de como a coisa vai ser, é sempre uma idéia romântica que é a pessoa que você gosta, que vai dividir tudo com você."

VANESSA - "No casamento dos meus pais existem campos definidos, quer dizer, é uma coisa separada: O seu espaço é esse, o meu espaço é aquele. Não há muita troca não (...) Meu pai não é de fazer nada em casa, pra ele, ele já cotribuiu né, com o trabalho dele, acabou. Sempre foi assim (...) Eu achava que não ia usar nada da relação deles numa futura relação minha com alguém. Nada eu queria daquele jeito, aquela fórmula não me servia. Eu achava que eu ia jogar aquilo no lixo ia reformular tudo (...) Eu via o que acontecia na minha casa né, principalmente em função da dependência financeira da minha mãe em relação ao meu pai. Então essa era uma coisa definida: Eu vou trabalhar, vou ter o meu dinheiro (...) E o marido tem responsabilidade sim, pela casa, pelos filhos. Afinal de contas também é dele, não é?! Então tem que dividir as tarefas ..."

KATIA - "Meu pai trabalhava e minha mãe sempre foi de casa mesmo, de cuidar de filho (...) Meu pai, super-machista, não lavava um copo. Minha mãe cuidava de tudo em casa e ele trabalhava fora e ganhava dinheiro. Ele assinava os cheques. Essa era a obrigação dele com a família (...) Eu nunca quis isso pra mim. E eu sempre procurei um homem que fosse o oposto do meu pai naquilo que eu achava que ele era falho. Eu não queria ter um marido machista, que controlasse a minha área de trabalho, que fosse infiel (...) Eu queria uma coisa de igual para igual, um homem que me respeitasse como pessoa e que dividisse tudo comigo (...) Eu acho que eles tinham aquela formação muito rígida sobre casamento. Acho que hoje casamento deve ter outra concepção. É claro que ainda tem aqueles tradicionais que tão ali fazendo tudo que nem o pai e a mãe fizeram, sem questionar muita coisa. Mas eu acho que tem uma porcentagem bem grande, e eu me incluo nela, que raciocina, que escolhe o companheiro numa boa, que batalha e quer ser feliz mesmo."

Os resultados obtidos demonstram que há uma correlação entre a coerência (ou a incoerência) entre os modelos em que estão baseadas a estruturação da família de origem das mulheres entrevistadas durante sua infância, quanto aos papéis sociais de pai e de mãe, e a construção de suas expectativas mais recentes de realização destes papéis, a concretização (ou não) das expectativas erguidas acerca da conciliação dos papéis femininos de profissional e de mãe e do desempenho do papel de pai, e a percepção que elas acabam por ter da chegada do primeiro filho como um acontecimento tranqüilo (ou crítico) para a sua relação conjugal.

Todas as mulheres que relatam a chegada do primeiro filho como um acontecimento tranqüilo para o casal (20% do total de mulheres entrevistadas) relatam também que concretizaram na íntegra as suas expectativas quanto à conciliação de seus papéis femininos de profissional e de mãe e quanto ao desempenho de seus maridos do seu papel de pai. E em todos os cinco casos as expectativas destas mulheres quanto à realização dos papéis de pai e de mãe estavam baseadas em um modelo de família coerente com aquele que elas tiveram em sua infância quando inseridas em suas famílias de origem.

Em compensação, a imensa maioria das mulheres que relatam a chegada do primeiro filho como um acontecimento crítico para o casal, 19 mulheres (95% do total de mulheres do grupo "crítico" e 76% do total de mulheres entrevistadas), relata também que não concretizou na íntegra todas as suas expectativas quanto à conciliação de seus papéis femininos de

profissional e de mãe e quanto ao desempenho do marido do papel de pai. Estas 19 mulheres tinham expectativas quanto a realização dos papéis de pai e de mãe baseadas em um modelo incoerente, e portanto descontinuo, em relação aquele modelo que regia suas famílias de origem quando elas eram crianças.

Apenas 1 mulher (4% do total de mulheres entrevistadas) mostra uma situação diferente. No seu caso ela relata a chegada do primeiro filho como um acontecimento crítico para a sua relação conjugal e relata também que não concretizou todas as suas expectativas quanto à conciliação de seus papéis femininos de profissional e de mãe e quanto ao desempenho de seu marido do papel dele de pai. Mas, suas expectativas quanto à realização dos papéis de pai e de mãe parecem ter sido baseadas, de acordo com suas respostas, em um modelo coerente com aquele que regia sua família de origem durante sua infância - o modelo igualitário.

Dentre as mulheres entrevistadas que admitem que a chegada do seu primeiro filho foi um acontecimento crítico para o casal, 4 mulheres (20% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam que já superaram esta crise, 9 mulheres (45% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam que estão superando, e 7 mulheres (35% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam que ainda se encontram no auge dela (Tabela XI).

Quando questionadas sobre os meios que utilizaram ou vêm utilizando para lidar com as dificuldades surgidas em sua relação conjugal a partir da chegada do filho, e assim

superar a crise, as respostas das mulheres do grupo "crítico" foram as seguintes:

- 2 mulheres (10% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam que esperam ou esperaram o tempo passar e, com o crescimento da criança e sua maior independência, as dificuldades cessarem. Um exemplo:

MONICA - "As minhas dificuldades foram muitas porque eu não conseguia trabalhar direito, minha carreira tava ficando prejudicada, e porque eu não conseguia ficar bem com o Rafael. Ele não tava sendo o pai que eu precisava que ele fosse (...) Então a relação da gente naquela época desandou, e ficou ruim por muito tempo (...) Isso tudo só passou porque a Jessica cresceu, começou a não dar muito trabalho e aí a vida foi voltando ao normal e as dificuldades foram desaparecendo naturalmente."

- 7 mulheres (35% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam que os ajustes na relação conjugal têm sido ou foram procurados através de intenso diálogo com o cônjuge sobre as dificuldades surgidas, o que é ilustrado pelas falas de:

ELIZABETH - "Quando ela nasceu eu cobrei muito dele a divisão de tarefas, houve atrito por causa disso, mas ele começou a dividir (...) A gente sempre foi de conversar muito, de trocar idéias, de falar do ponto de vista de cada um (...) Nós nunca fomos de discutir muito não. As poucas vezes que a gente briga é mais conversando mesmo. A gente fica um pouquinho chateado um com o outro mas rapidinho ele pede desculpas, eu também peço. A gente tem uma relação muito aberta."

VANESSA - "Sem dúvida filhos é uma coisa complicada pro casal e eu acho mais pra mãe porque embora haja toda a divisão de tarefas ou uma tentativa de, no frigar dos ovos quem assume normalmente as coisas é a mãe (...) Quem vai lá abrir a asa é a mãe, é a mulher. E toda vez que a

mãe entra em cena, a mulher fica em segundo plano (...) Quando ela nasceu, esse bloco que era eu e ele teve que se desmembrar e se recriar, teve que se fazer uma outra unidade e até você achar essa outra unidade leva tempo, aprendizado, tudo isso (...) É um aprendizado, um ajuste contínuo (...) Era problemático e ainda é, mas de uma forma mais leve porque hoje a gente divide mais as coisas. Se ele fica, por exemplo, jogando futebol e eu com ela, depois a gente troca, eu vou andar de bicicleta e ele fica com ela. Mas só com muito diálogo (...) E mesmo esse ajuste ainda é delicado (...) É preciso o casal fortalecer muito a relação antes porque quando o filho chega tudo vai ser posto a prova. É como um jardim (...) se você não tem um solo preparado, não dá, não cresce nada, cresce tudo torto. Aí, só com muito diálogo."

FLAVIA - "Um casal que esteja começando uma vida hoje, constituindo uma família, tem que saber que não pode fazer o que fiz, não pode se calar, abrir mão, um tem que poder dizer pro outro o que quer, como quer, mesmo que pra isso os dois tenham que quebrar o pau (...) Tudo isso serviu pra questionar toda a relação (...) A Laurinha abalou as estruturas mas amadureceu muito a gente (...) Sempre soube que haveria uma diferença de idade grande entre a Laurinha e o meu segundo filho porque logo de cara senti que ia ter que reestruturar um monte de coisas. Agora já amadurecemos um pouco (...) Hoje eu vou lá, boto pra quebrar: Não é assim que eu quero. E aí acho que o relacionamento tá se reestruturando."

- 5 mulheres (25% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam que encontraram ou estão encontrando ajuda para a compreensão e resolução dos conflitos através basicamente de psicoterapias. São exemplos:

CLARA - "Um filho é uma coisa que desgasta muito, atrapalha muito suas atividades profissionais e sua vida pessoal (...) Às vezes eu penso que eu nunca mais quero ter filho, porque que eu fui inventar de ter filho? Essas coisas assim (...) Tem mulheres que, ao se tornarem mães, não conseguiram mais ter sua vida própria. Então, quando os filhos crescem e vão embora, o marido não significa mais nada. Elas só foram mães né. Eu acho que tem que ser mãe sim mas, em primeiro lugar tem que ser mulher. Eu vi muito isso na minha análise (...) É que você se deixa, deixa de

valorizar as suas coisas, você se sacrifica muito por esse filho, e você acaba esquecendo de cultivar a sua relação."

PAULA - "Eu quase pirei com a coisa de parar de trabalhar pra ficar mais com o meu filho, aquela divisão interna depois quando eu me virei pra recomeçar, e toda a dificuldade que eu tô encontrando agora, que consegui montar o consultório de novo pra conquistar clientes. E é claro que isso tudo acaba caindo como um caminhão em cima da relação. Eu tô insatisfeita comigo. Como é que posso tá satisfeita com ele? E depois, ele continua lá com o trabalho dele né. Às vezes eu não consigo controlar uma raiva meio doida, inveja, sei lá ... Minha terapia tem sido muito importante. Eu sinto que é o que tá segurando o meu casamento nesse momento de crise porque eu tô muito destrutiva."

- 6 mulheres (30% do total de mulheres do grupo "crítico") relatam que procuram superar, estão superando ou já superaram a crise surgida em sua relação conjugal a partir da chegada do primeiro filho com a ajuda tanto de psicoterapias quanto de intenso diálogo com o cônjuge sobre as dificuldades encontradas. Entre elas:

LUCIA - "O que aconteceu comigo foi que eu me senti passada pra trás, e logo eu, uma psicóloga, que deveria ter o maior discernimento ... O maridão que eu achava que o Maurício era, super companheiro, e coisa e tal, simplesmente desapareceu. Aquela imagem que eu tinha sumiu, assim de repente, num estalo. E durante a minha gravidez, e depois que o Thiago nasceu, o que pintou foi um Maurício super egoísta (...) Eu fui mãe solteira durante muito tempo porque ele não assumia nada (...) Tava frustada comigo mesma, todo o investimento que eu já tinha feito na minha profissão pra virar babá do meu filho ... Eu me sentia morrendo na praia (...) Em vez de botar a boca no trombone eu me fechei, fiquei mal, mal comigo e mal com o Maurício. Precisei de muita análise pra começar a me abrir de novo, e aí isso foi ajudando com ele também porque eu procurava conversar mais. Hoje a gente já se coloca mais um pro outro, já fala o que não tá bom e aí as coisas tão começando a melhorar."

DENISE - "Houve um momento em que eu achei que eu ia me separar. A gente já não se entendia mais, se tentava conversar acabava brigando, um saco ... Não vou dizer que passou não, continua difícil mas eu tenho tentado falar com ele o que penso, o que eu preciso, sem discutir (...) Comecei até uma terapia, não sei se vai ajudar mas eu tô tentando (...) Agora, é verdade que com o filho muito casal entra em crise e às vezes chega a se separar, nossa isso é super verdade! (...) Com a minha terapia quero tentar um equilíbrio de novo, porque às vezes eu me pego pensando: Ah meu Deus! Era tão bom naquela época que a gente se curtia, viajava, que era assim, que era assado..."

Então, estes são basicamente os resultados encontrados nesta pesquisa, através das respostas obtidas nas entrevistas. E estes resultados são analisados e discutidos a seguir.

4.3 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em primeiro lugar é de suma importância lembrar que os resultados encontrados nesta pesquisa são passíveis de alguma generalização apenas quando aplicados ao grupo social restrito do qual a amostra de sujeitos entrevistados pode ser considerada representativa. Sendo assim, a discussão destes resultados pode ser útil para a compreensão do que se passa com casais jovens, cujos membros se encontram dentro de uma faixa etária compreendida entre 26 e 35 anos, residentes na zona sul da cidade do Rio de Janeiro e pertencentes às camadas médias desta sociedade, quando se tornam pais pela primeira vez.

Importante também ter em mente que estes resultados foram obtidos através de uma escuta do discurso de mulheres pertencentes a este grupo social, que se tornaram mães e que falam basicamente de suas relações conjugais e de suas experiências pessoais com a chegada do seu primeiro filho. Não foram ouvidos e, portanto, não foram analisados os discursos dos maridos destas mulheres, o que restringe ainda mais a aplicação dos resultados encontrados.

Feitas estas ressalvas é possível prosseguir observando, a partir dos resultados apresentados, que de fato para o grupo social em questão, a gravidez e o nascimento de um primeiro filho parecem introduzir mudanças significativas na vida do casal parental. Estas mudanças correspondem, entre outras coisas, a alterações que, com a chegada do filho, têm lugar na própria organização familiar - com o aumento no número de membros da família, com os novos papéis e posições que todos passam a assumir, etc - na organização do espaço físico em casa, na administração dos recursos financeiros da família, na vida social do casal, na rotina doméstica e na rotina profissional - especialmente da mulher.

O modo como o casal acomoda estas mudanças em sua vida dentro de sua relação conjugal, entretanto, é variável. E a discussão dos resultados desta pesquisa pode ser feita a partir de duas categorias que emergiram das respostas das mulheres entrevistadas quando questionadas sobre os efeitos da chegada do seu primeiro filho sobre a qualidade da sua relação conjugal, quando anteriormente todas haviam afirmado plena satisfação no casamento antes da gravidez e do

nascimento do bebê. Estas duas categorias são: a gravidez, o nascimento do filho e o convívio com ele como um acontecimento tranqüilo e como um acontecimento crítico para a relação do casal.

As mulheres entrevistadas foram classificadas, conforme estas categorias, em dois grupos. O grupo "tranqüilo", formado por mulheres que consideram que a chegada do seu primeiro filho tenha sido um acontecimento que não alterou a qualidade da sua relação conjugal, apesar de ter introduzido mudanças na vida do casal. E o grupo "crítico", formado por mulheres que consideram que a chegada do seu primeiro filho tenha sido um acontecimento perturbador, deflagrador de uma crise conjugal caracterizada por desentendimentos, conflitos e brigas.

De início já chama a atenção o fato de que o grupo "crítico" concentra o maior número de mulheres desta amostra (80%), o que vem de encontro a resultados obtidos em pesquisas realizadas anteriormente por diferentes autores. Rollins e Feldman (1970), por exemplo, que constataram uma diminuição da satisfação com o casamento após a chegada de filhos, especialmente em mulheres que tenderiam a experimentar nesta ocasião muitos sentimentos negativos em relação ao cônjuge. Burr (1970) que pôde verificar que as maiores quedas dos níveis de satisfação conjugal ocorrem, tanto para a mulher quanto para o marido, após o nascimento dos filhos e quando eles ainda são muito pequenos. Shereshefsky e Yarrow (1973) que encontraram evidências de que o relacionamento do casal deteriora após o nascimento do

primeiro filho. Oakley (1979) que na amostra de sujeitos de sua pesquisa encontrou um número muito grande de mulheres (73%) relatando um declínio da felicidade conjugal após a chegada do bebê. E até mesmo Le Masters (1957) que há mais de 35 anos realizou uma pesquisa em que a maioria dos casais entrevistados (83%) admite que a paternidade correspondeu a uma crise ampla e severa em sua vida.

Ora, que razões podem existir para que a chegada de um primeiro filho, introduzindo inevitavelmente mudanças na vida do casal conforme relatado por todas as mulheres aqui entrevistadas, se constitua para algumas delas - e de fato, para a maioria - em um elemento perturbador da harmonia conjugal, enquanto o mesmo não ocorre para as outras?

Bom, para começar, é preciso aventar a hipótese de que para algumas mulheres o filho tenha sido desejado e para outras não. Provavelmente quando um membro do casal, ou ambos, não quer ter o filho, a chegada da criança tende a ser mais conflitiva, o que pode trazer problemas para a relação. Mas, de acordo com os resultados desta pesquisa, desejar ou não o filho não é fator suficiente para justificar o modo como o casal lida com a paternidade dentro da sua relação conjugal. Dentre todas as mulheres entrevistadas apenas duas mulheres (8%) não desejavam a gravidez, uma do grupo "tranquilo" e outra do grupo "crítico".

Shereshefky e Yarrow (1973) procuram explicar a "crise" conjugal subsequente à chegada do primeiro filho, constatada em suas pesquisas, em função da pressão que é

exercida sobre a relação do casal quando marido e mulher empreendem esforços para se adaptar às necessidades da criança e aos novos papéis que agora têm que assumir. Entretanto, pode-se pensar que esta pressão é exercida sobre a relação de todo casal que tem um filho e, desta forma, precisa se adaptar a esta nova situação.

De fato, é de se esperar que para todo casal o nascimento do primeiro filho corresponda a um evento traumático, no sentido em que coloca Eiguier (1985), por equivaler a uma ruptura entre o que era a vida antes do filho e o que passa a ser depois, por acarretar mudanças profundas e implicar, entre coisas, na aquisição de um novo estatuto familiar e de um novo papel para cada um dos cônjuges. Mas aí, a pergunta permanece sem resposta e é apenas reformulada. Porque é que para alguns casais este evento traumático desencadeia uma crise e para outros não?

Brown e Harris (1978), quando se referem às experiências de perda que acompanham o período inicial de adaptação do casal à chegada do filho, falam da perda das ilusões, daquilo que o casal não conseguiu realizar, das idéias e expectativas depositadas sobre as experiências da maternidade e da paternidade que, com a chegada do bebê, não encontram correspondência na realidade. Oakley (1979) também chama a atenção para a discrepância entre o ideal e a realização das mulheres que ela entrevistou quanto às experiências de gravidez, parto e maternidade propriamente dita, e sugere que esta desilusão seja responsável pelo declínio da felicidade conjugal após a chegada do bebê

conforme relatado por estas mulheres.

Este tema volta a aparecer na presente pesquisa - a discrepância entre o ideal e a realização - quando são comparadas as expectativas e representações mais recentes das mulheres entrevistadas quanto ao desempenho dos papéis de mãe e de pai por elas e por seus maridos, e o modo como eles desempenharam e vêm desempenhando de fato estes papéis desde a gravidez. Mas aqui são investigadas basicamente as expectativas e realizações destas mulheres quanto à conciliação de seus papéis femininos de profissional e de mãe, e suas expectativas e realizações quanto ao desempenho de seus maridos do papel deles de pai. Estes dois pontos foram previamente determinados como áreas de maior conflito nas entrevistas-piloto.

Os resultados encontrados indicam que enquanto todas as mulheres do grupo "tranquilo" conseguiram realizar na íntegra suas expectativas no que concerne a estes dois pontos, nenhuma mulher do grupo "crítico" obteve esta façanha. As mulheres do grupo "crítico" ou não concretizaram nenhuma de suas expectativas quanto à conciliação dos papéis femininos de profissional e de mãe e quanto ao desempenho de seus maridos do papel deles de pai, ou concretizaram algumas delas e não realizaram outras. Estes resultados sugerem que a plena realização das expectativas seja, pelo menos, um fator facilitador que contribui para que a mulher receba o seu primeiro filho como um acontecimento tranquilo para a sua relação conjugal. As mulheres para quem a chegada do filho correspondeu a uma "crise" no casamento explicam esta

"crise", já nas entrevistas-piloto, como decorrente da não realização destas suas expectativas.

A partir dos resultados encontrados e discutidos até aqui pode-se inferir que a chegada do primeiro filho, como "evento traumático" que invariavelmente é, tende a desencadear uma "crise" conjugal, entre outras possibilidades, sempre que a mulher que se torna mãe encontra dificuldades em realizar o seu ideal de maternidade, que compreende não apenas suas expectativas de conciliação dos papéis femininos que lhe cabem de profissional e de mãe mas também suas expectativas quanto ao desempenho do seu marido do papel dele de pai.

Mas, o que faz com que para algumas mulheres a concretização destas expectativas seja mais difícil de alcançar, ou até mesmo impossível, do que para outras?

Os resultados da pesquisa mostram que o ideal de maternidade das mulheres do grupo "crítico" foi construído a partir do princípio do igualitarismo. É esta ideologia que permeia as expectativas e representações destas mulheres acerca do papel de mãe e do papel de pai. Por isso, antes da chegada do bebê elas esperavam de si mesmas saber conciliar os papéis femininos de profissional e de mãe sem privilegiar nenhum deles, e esperavam de seus maridos uma participação intensa tanto na gravidez e no parto quanto nos cuidados com o filho já nascido, executando tarefas típicas como trocar fraldas, dar banho, colocar para dormir, etc.

Ora, o igualitarismo, muito mais do que articula as relações entre os sujeitos de acordo com os preceitos da igualdade entre os gêneros e do intercâmbio de funções, produz uma situação virtualmente instável, como coloca Figueira (1985), na medida em que procura estabelecer uma igualdade formal entre pessoas diferentes que se relacionam tendo a igualdade como ideal regulador. Isso por si só já poderia explicar porque é tão difícil realizar, numa vida de casal ou numa família, expectativas fundamentadas em valores e ideais igualitários.

Mas o fato é que os resultados aqui encontrados indicam que estas mulheres do grupo "crítico", antes da chegada do bebê, vinham conseguindo, de uma forma ou outra, aplicar o princípio do igualitarismo a seus casamentos. Todas as mulheres do grupo "crítico" relatam que tinham, antes da chegada do primeiro filho, casamentos estruturados predominantemente com bases em ideais e valores igualitários. Para estas mulheres o filho veio, então, alterar as bases sobre as quais estavam fundamentadas sua relações conjugais.

É que a gravidez, o parto e o pós-parto do primeiro filho são ocasiões especialmente adversas à aplicação de valores e ideais igualitários a uma relação de casal, porque trazem, justamente, uma demarcação muito nítida entre papéis femininos e papéis masculinos, o que contraria a ideologia do igualitarismo. Por mais participativo que o homem seja na gravidez e no parto, é dentro do corpo da mulher que o bebê se desenvolve e é dela que ele nasce. Por maior que seja a divisão das tarefas típicas do cuidado com o filho, é a mãe

que alimenta o bebê no seio e a vinculação da tarefa materna à alimentação torna, querendo ou não, a relação entre mãe e filho, pelo menos nos primeiros meses, mais próxima e intensa do que a relação entre pai e filho, o que é, ao mesmo tempo, evidenciado e favorecido pela licença maternidade que concede à mãe quatro meses de dedicação exclusiva ao bebê, enquanto a licença paternidade concede ao pai oito dias. Estes fatos, entre outros, marcam as diferenças entre o homem e a mulher, o que é problemático quando o que se busca é exatamente a igualdade.

Salem (1985) também conclui que a gravidez, o parto e o pós-parto são ocasiões de difícil verificação de uma ética da igualdade expressa no preceito da equivalência de papéis, na importância atribuída às atividades comuns e aos interesses compartilhados e, ainda, na idéia de que a união do casal deve estar baseada mais em suas semelhanças do que em suas diferenças.

A partir dos resultados encontrados em sua pesquisa Salem deduz que a crise conjugal se instala, de fato, após o nascimento do primeiro filho, e entende que o impasse conjugal vivido pelo casal nesta ocasião pode ser expressão da dificuldade que marido e mulher encontram em atualizar, quando se tornam pais, o igualitarismo entre os sexos e o intercâmbio de funções apregoados como valores nodais nas camadas médias da sociedade brasileira.

Entretanto, os resultados apresentados agora, na presente pesquisa, sugerem que as vicissitudes do

igualitarismo e mesmo do igualitarismo dentro da situação específica da maternidade e da paternidade vividas numa relação de casal, não são suficientes para explicar porque determinadas mulheres conseguem realizar integralmente suas expectativas no que concerne à conciliação dos papéis femininos de profissional e de mãe e ao desempenho do marido do papel dele de pai, e outras não. Se todas as mulheres do grupo "crítico" construíram estas suas expectativas a partir de valores e ideais igualitários e não conseguiram concretizá-las, duas mulheres do grupo "tranquilo" também construíram as mesmas expectativas com embasamento igualitário e, ao contrário das primeiras, conseguiram concretizá-las sem maiores dificuldades. Então, o problema não está apenas no fato de basear expectativas e representações na ideologia do igualitarismo.

Sendo assim, é preciso prosseguir indagando porque algumas mulheres conseguem e outras não conseguem realizar integralmente suas expectativas a respeito da conciliação de seus papéis femininos de profissional e de mãe e do desempenho de seus maridos do papel deles de pai.

Nicolaci-da-Costa (1987) afirma que há determinadas ocasiões na vida do sujeito em que é possível mesmo verificar uma descontinuidade entre a sua inserção no mundo adulto propriamente dito e as suas expectativas e representações de inserção neste mundo. São momentos em que o sujeito é chamado a ocupar uma posição institucional na reprodução da ordem social. Segundo a autora, esta descontinuidade se dá em função da descontinuidade socializatória e do desmapeamento

comuns, especialmente, a uma sociedade que passa por um intenso e acelerado processo de mudança cultural.

Para Nicolaci-da-Costa o que acontece é que quando o sujeito ingressa em um determinado mecanismo de reprodução social, dentro dele ocorre o confronto entre as primeiras definições de seu papel adulto, internalizadas na infância, em sua socialização primária, e depois mantidas em um nível mais inconsciente, e as definições recentemente adquiridas deste mesmo papel, internalizadas ao longo de sua socialização secundária e, em grande parte, conscientes. Se estas definições mais primitivas e as definições mais recentes são incoerentes entre si, ou até mesmo contraditórias, o que ocorre com freqüência em sociedades que se modernizaram rapidamente, esta ocasião de reprodução social é propícia à eclosão de um conflito que faz com que o sujeito encontre dificuldades em concatenar suas expectativas e suas realizações.

Ora, a sociedade brasileira, e principalmente as camadas sociais médias dos grandes centros urbanos como o Rio de Janeiro, tem passado nas últimas décadas por um acelerado processo de mudança cultural. Por outro lado, mulheres que se tornam mães pela primeira vez estão neste momento novamente reproduzindo a ordem social. Se encontram dificuldades em concretizar suas expectativas acerca de certos aspectos do seu papel de mãe bem como de certos aspectos do papel de pai e ser desempenhado por seus maridos, talvez seja porque elas, inseridas nesta sociedade que vem rapidamente se modernizando, estejam vivendo estes conflitos

suscitados pela descontinuidade socializatória e pelo desmapeamento.

Os resultados encontrados nesta pesquisa demonstram que, do grupo "tradicional", as três mulheres que construíram suas expectativas e representações de conciliação dos papéis femininos de profissional e de mãe e de desempenho masculino do papel de pai baseadas, predominantemente, em ideais e valores típicos de uma família "tradicional" ou "hierárquica", como chama Figueira (1985, 1987), tiveram em sua infância famílias que também se posicionavam diante destes papéis de mãe e de pai segundo o modelo hierárquico. Pode-se pensar que mesmo dentro de uma sociedade que se modernizou, a descontinuidade socializatória não foi pregnante para estas mulheres, e talvez porque em sua socialização secundária elas tenham se mantido em um contacto muito intenso não apenas com suas famílias de origem mas também com grupos sociais que preservam valores e ideais hierárquicos. É o que mostram os discursos de:

ROSA - "Minha família sempre foi tradicional, o colégio em que eu estudei durante 13 anos também. Mantive as mesmas amizades a vida inteira e meus amigos sempre do mesmo meio social que eu, mesma mentalidade, mesma visão de mundo (...) Meu marido é primo de uma grande amiga minha, amiga de infância (...)"

SANDRA - "Meu pai, muito rigoroso (...) nós não podíamos sair fora do padrão que ele tinha estabelecido. Isso funciona até hoje, nós casadas, se a gente foge do padrão que ele tem dentro dele, que ele internalizou, ele se aborrece (...) Eu sempre fui muito presa (...) Não tive a oportunidade de observar outros casais com filhos muito de perto. Nós éramos muito família. E mesmo as minhas amigas, normalmente eram pessoas que

tinham os pais dentro de casa. As famílias das minhas amigas eram bem formadas e tal. Ainda hoje, comparativamente, eu tenho poucos amigos com pais separados (...) Como ideal, como modelo de família, eu não pensei em ter nada diferente dos meus pais (...)"

Estas três mulheres do grupo "tranquila" não encontraram dificuldades em realizar suas expectativas. O mesmo aconteceu com as outras duas mulheres deste grupo sendo que, no caso destas, se suas expectativas e representações de conciliação dos papéis femininos de profissional e de mãe e de desempenho masculino do papel de pai foram construídas com bases em valores e ideais igualitários, também suas famílias de origem, durante sua infância, estavam posicionadas diante destes papéis de acordo com o modelo igualitário. Assim, estas duas mulheres não sofreram a descontinuidade socializatória e o desmapeamento.

Em contrapartida, das mulheres do grupo "crítico", todas com exceção de uma, construíram suas expectativas e representações com relação a estes mesmos dois pontos, baseadas, predominantemente, em valores e ideais próprios ao igualitarismo, quando tiveram em sua infância famílias que se posicionavam diante dos papéis sociais maternos e paternos segundo o modelo hierárquico. Nenhuma destas mulheres conseguiu concretizar integralmente suas expectativas.

Se estas mulheres foram criadas dentro de famílias hierárquicas e recentemente construíram para si um ideal igualitário, é porque ao longo de sua socialização secundária internalizaram um sistema simbólico, pelo menos em alguns aspectos, diferente daquele internalizado na socialização primária.

Aí está a descontinuidade socializatória. Se hoje, quando são chamadas a ocupar um lugar em que viram anteriormente seus próprios pais estarem, elas não conseguem concretizar suas expectativas mais recentes de realização do papel feminino de mãe e do papel masculino de pai nos moldes igualitários, e acabam obtendo realizações muito próximas daquelas do modelo hierárquico talvez seja porque os valores e ideais hierárquicos estavam dentro delas tanto quanto os valores e ideais igualitários, ainda que em níveis diferentes de consciência, configurando-se assim o desmapeamento (9).

O conflito de papéis e de identidades que, segundo Figueira (1987), é manifestação na consciência do sujeito do desmapeamento, é facilmente captável nas respostas das mulheres do grupo "crítico" quanto às suas expectativas e realizações a respeito da conciliação de seus papéis femininos de profissional e de mãe.

Não só a maior parte destas mulheres não conseguiu conciliar estes dois papéis conforme esperava, como um número muito grande delas acabou privilegiando o papel materno em detrimento do papel profissional, como suas próprias mães, já que mesmo as que voltaram ao trabalho depois do período de licença, com freqüência relatam que sentiram-se "culpadas" ou excessivamente "preocupadas" com o bem-estar do filho durante sua ausência. Algumas mulheres chegam a demonstrar uma certa

(9) Em uma linha diferente, porque essencialmente psicanalítica, alguns autores - Diulow (1982) e Parseval (1988) - colocam que a chegada de um filho remete o homem e a mulher à própria infância e às figuras parentais, havendo por vezes, nesta ocasião, uma forte tendência a repetir os modelos fornecidos por seus pais quando eram eles próprios os filhos pequenos.

divisão entre considerar "certo" ficar com o filho e sentir falta de exercer a atividade profissional, sentindo-se "angustiadas" e "incompletas".

Estas mulheres então, não conseguiram concretizar suas expectativas de conciliar sem dificuldades seus papéis femininos de profissional e de mãe porque estas expectativas estavam baseadas fundamentalmente em ideais e valores igualitários, internalizados em sua socialização secundária, e quando elas tiveram que definir uma linha de conduta porque de fato tornaram-se mães, estas suas expectativas foram confrontadas com valores e ideais hierárquicos, contrários a elas, assimilados durante a socialização primária na infância e ainda presente dentro destas mulheres em um nível mais inconsciente.

Já com relação às expectativas das mulheres do grupo "crítico" quanto ao desempenho de seus maridos do papel deles de pai, pode-se pensar que estas expectativas também não chegaram a ser concretizadas pela maioria delas porque seus maridos, como sujeitos da mesma faixa etária e inseridos no mesmo meio social, podem também ser vítimas do desmapeamento e por isso ter, assim como elas, dificuldades em realizar o ideal mais moderno de paternidade, que compreende um papel de pai mais atuante e participativo tanto na gravidez e no parto quanto na execução de tarefas típicas do cuidado com crianças.

Mas estas são apenas suposições, já que os maridos não foram entrevistados nesta pesquisa. E, enquanto

suposições, ganham algumas consistência porque se fundamentam na observação de que, de acordo com as respostas destas mulheres, elas vinham tendo um casamento, antes da chegada do bebê, em que se verificava a vigência de valores e ideais igualitários. Se o casamento delas vinha transcorrendo dentro dos preceitos do igualitarismo, isso se dava com a anuência e a colaboração de seus maridos. Então, eles também abraçavam ideais igualitários que não conseguiram manter vigentes na sua relação conjugal quando se tornaram pais.

E, é válido pensar também que o fato destas mulheres terem escolhido para maridos e pais de seus filhos sujeitos desmapeados, e alguns até talvez hierárquicos mesmo, pode ser mais uma manifestação do desmapeamento delas. A escolha do cônjuge, pode-se imaginar, se deu conforme os valores e ideais assimilados na infância e não de acordo com aqueles internalizados ao longo da socialização secundária e que, em geral, regem as expectativas e representações mais recentes de inserção no social. Contudo, estas elocubrações constituem já material para um outro trabalho de pesquisa, não cabendo aprofundá-las aqui. E o mesmo acontece com uma leitura psicanalítica segundo a qual estas mulheres poderiam estar colocando em seus maridos, enquanto pais "arcaicos", "antiquados" ou "tradicionais", um lado delas mesmas que também não chegou a se modernizar.

A única mulher do grupo "crítico" que não parece ter sofrido descontinuidade socializatória e desmapeamento, construiu suas expectativas e representações de conciliação dos papéis femininos de profissional e de mãe e do desempenho

masculino do papel de pai de acordo com ideais e valores igualitários. teve na infância uma família regida também pelos preceitos do igualitarismo, mas não conseguiu concretizar nenhuma de suas expectativas, conscientes, acerca destes dois pontos inerentes à maternidade e à paternidade modernas. Em seu discurso ela faz uma avaliação dos motivos que podem ter levado seu marido a assumir uma postura "arcaica" diante da gravidez, do parto e das tarefas para com sua filha:

FLAVIA - "O que acontece com o Luiz: tem toda uma criação de uma mãe babaca e um pai machista (...) Minha sogra e meu sogro, meu Deus do céu, ela é um cordeirinho! Se ele diz pra ela "Joana você não pode sair," ela abaixa a cabeça e não vai naquele lugar, sabe?! (...) Por melhor cabeça que ele tenha isso aí tá entranhado nele. E ali comigo ele me dava o que ele tinha..."

Mas, deixando a exceção de lado, e pensando na maioria, a partir dos resultados encontrados nesta pesquisa foi possível evidenciar, em primeiro lugar, que a maior parte das mulheres entrevistadas recebeu seu primeiro filho como um acontecimento crítico para sua relação conjugal, e depois que existe uma correlação entre a vivência de crise e a dificuldade que elas encontraram em concretizar suas expectativas mais modernas, e vinculadas a ideais e valores igualitários, de conciliação dos papéis femininos de profissional e de mãe e de desempenho masculino do papel de pai. Esta dificuldade de concatenar ideal e realização, por sua vez, pôde ser explicada em virtude da descontinuidade socializatória e do desmapeamento, típicos de uma sociedade que passa por intenso e acelerado processo de mudança

cultural e sofridos por estas mulheres, que, no momento em que elas reproduzem a ordem social tornando-se mães, atuam seus efeitos gerando desorientação e conflito, caracterizando a situação de crise que elas diagnosticam.

Entretanto, resta explicar porque esta crise é percebida enquanto crise conjugal. Bom, é claro que a não realização das expectativas de conciliar sem dificuldades os papéis femininos de profissional e de mãe causa nestas mulheres, em algum nível - porque por outro lado também se sentem gratificadas, uma certa decepção consigo mesmas. É claro também que, da mesma forma, a não realização das expectativas que elas depositaram em seus maridos enquanto pais causa esta mesma decepção com relação a eles.

Agora, é interessante notar que a não realização das expectativas de conciliar os papéis femininos de profissional e de mãe gera também uma decepção nestas mulheres em relação ao cônjuge, associada a uma certa mágoa, que varia em intensidade de caso a caso, porque elas consideram que o marido poderia ter incentivado ou facilitado a volta delas ao trabalho, e se sentem injustiçadas porque ele "pôde manter as atividades profissionais dele". Um exemplo:

NADIA - "Quando eu fui falar pra ele que não tava dando pra voltar a trabalhar e que as despesas pra manter o escritório fechados tavam muito altas, ele falou assim: Ué, então desmonta esse escritório! Fiquei arreventada porque eu esperava que ele dissesse: Poxa, continua, não desmonta o escritório não porque você vai voltar daqui há pouco, isso é só uma fase, eu vou ajudar você a pagar esse aluguel (...) Fui na história do não tenho dinheiro e desmontei o escritório. Mas aí fui começando a ficar com raiva. Porra, que

sacanagem é essa?! A vida dele não mudou em nada, ele tá trabalhando, ganhando a grana dele, fica na rua o dia inteiro, chega em casa às dez horas da noite porque passou pra tomar um chopinho. E eu aqui, com filho nas costas, sem pode voltar às minhas atividades..."

Por outro lado, a não realização das expectativas depositadas sobre o cônjuge no que se refere ao desempenho dele do papel de pai, causa nestas mulheres também uma decepção consigo mesmas, com a "incompetência" que tiveram para escolher o marido. Isso aparece, de maneiras as mais diversas, nos discursos de muitas mulheres do grupo "crítico". Um exemplo:

TATIANA - "Ele não se envolvia com nada e eu ficava chateada. É óbvio. Mas ficava puta comigo mesma! Como é que eu fui escolher um homem desse pra pai dos meus filhos! Na hora da raiva eu só pensava na minha incompetência pra escolher um marido que fosse um pai decente, que realmente participasse (...)"

A decepção destas mulheres consigo mesmas e a decepção com o marido levam-nas a questionar, então, a escolha conjugal e, desta forma, o próprio casamento. A solidez da relação conjugal é, pois, posta a prova quando chega, nestas circunstâncias aqui descritas, o primeiro filho. Mas, na mesma medida, o modo como o casal vai receber este primeiro filho também é influenciado pela estruturação anterior da relação conjugal. Relações mais sólidas tendem a acomodar mais facilmente as mudanças que um filho inevitavelmente traz para a vida do casal.

Clulow (1982), através de seus estudos, conclui que o casamento e o primeiro filho exercem influências mútuas um

sobre o outro. E Eiguier (1985) aponta que a crise, decorrente de um "trauma familiar", sobrevém sempre que as alterações que têm lugar na vida do casal provocam, entre outras coisas, a reatualização de antigos problemas e desvendam equilíbrios precários.

Uma relação de casal sólida, pelo menos nos termos analisados nesta pesquisa, tende a ser aquela cujos membros não sofreram uma significativa descontinuidade socializatória e um desmapeamento. Ou seja, aquela das mulheres pertencentes ao grupo "tranquilo". Equilíbrios precários, por sua vez, não faltam na estruturação da subjetividade e, portanto, também na estruturação das relações mais próximas, em sujeitos desmapeados. A precariedade introduzida pela descontinuidade socializatória e pelo desmapeamento na estruturação das relações conjugais das mulheres do grupo "crítico", é constatada quando o filho vem alterar as bases igualitárias sobre as quais, até então, vinham sendo fundamentadas suas relações a dois.

Pode-se concluir assim que o primeiro filho, ao desvendar os equilíbrios precários mantidos nas relações entre seus pais, leva o casal - ou pelo menos a mulher, como é comprovado pelos resultados desta pesquisa - a questionar seu casamento, desestrutura a relação e demanda uma nova estruturação. Daí, a vivência, pelas mulheres do grupo "crítico", de uma "crise" conjugal quando da chegada do seu primeiro filho.

E para finalizar, os resultados apresentados nesta pesquisa indicam também que o tempo que estas mulheres que receberam o seu primeiro filho como um acontecimento crítico para sua relação conjugal levam para superar a crise é bastante variável. O mesmo já não ocorre com os meios por elas utilizados para alcançar esta superação. Há uma significativa busca de diálogo com o cônjuge e também de ajuda através de psicoterapias sendo que, algumas delas utilizam estas duas vias concomitantemente.

O fato de que muitas das mulheres entrevistadas (55%) se utilizam de psicoterapias para ajudá-las a superar as crises que sobrevêm com chegada do seu primeiro filho (10), justifica ainda mais a realização desta pesquisa junto ao departamento de Psicologia de uma Universidade. Se existe uma demanda por psicoterapia é preciso que os psicoterapeutas, sejam eles adeptos de qualquer linha teórica, estejam preparados para entender e trabalhar terapeuticamente com suas pacientes os diversos aspectos da questão, podendo perceber inclusive que o psicológico e o social são só dois lados do mesmo problema, e profundamente ligados um ao outro, e assim empreender um trabalho clínico mais contextualizado.

No mais, pode-se considerar que os resultados obtidos nesta pesquisa vêm confirmar, pelo menos em parte - já que só foram analisados os discursos de mulheres -, a

(10) E aqui a palavra crise é usada no plural porque o que se verifica é o surgimento, nesta ocasião, tanto de crises pessoais quanto de crises conjugais.

hipótese levantada, e da qual se partiu originalmente, de que um grande número de casais jovens que hoje têm no Brasil, e especialmente nos grandes centros urbanos, o seu primeiro filho, tende a encontrar dificuldades na concretização de suas expectativas e representações mais recentes de interação entre a relação conjugal e o primeiro filho. E isso, provavelmente, porque o modelo de família em que se baseiam as expectativas e representações que estes casais têm hoje a respeito dos papéis sociais de pai e de mãe é descontínuo em relação ao modelo por eles internalizado na infância, responsável por suas expectativas e representações primitivas acerca destes mesmos papéis. A descontinuidade socializatória e o desmapeamento, na medida em que dificultam a realização das expectativas, causam, pois, desorientação e conflito que atuam seus efeitos sobre a relação do casal. E assim, a chegada do primeiro filho corresponde a uma crise conjugal.

De resto, só é preciso lamentar a opção de não ouvir, por ora, os discursos dos maridos das mulheres entrevistadas, o que, sem dúvida, teria aberto novos caminhos para discussão destes mesmos, e de outros tantos, resultados.

5. CONCLUSOES

A gravidez, o parto e os primeiros meses ou anos de vida de um primeiro filho correspondem a um período de transição para o casal. O núcleo familiar, até então formado por dois, precisa ampliar-se para incluir um terceiro. O homem e a mulher deixam de ser apenas filhos de seus pais e passam a ser também pai e mãe de seu filho, deixam de ser apenas marido e esposa e passam a ser marido-pai e esposa-mãe. Há uma alteração nas posições e nos papéis dentro da família. E, com isso, muitas outras mudanças são introduzidas na vida do casal: na organização familiar, na distribuição do espaço físico em casa, na administração dos recursos financeiros, na vida social, na rotina doméstica e na rotina profissional - especialmente no que se refere ao trabalho da mulher fora de casa.

O modo como cada casal acomoda todas estas mudanças dentro de sua relação conjugal é variável, mas os resultados encontrados nesta pesquisa, em conformidade com resultados obtidos em estudos realizados anteriormente, no Brasil e no exterior, demonstram que um número muito grande de casais tende a viver a chegada do seu primeiro filho como um evento crítico para sua relação na medida em que vem alterar a

qualidade das trocas afetivas e do relacionamento sexual do casal.

Na presente pesquisa verificou-se que a maior parte das mulheres entrevistadas considera que a chegada do seu primeiro filho, apesar das inúmeras alegrias e gratificações a ela associadas, tenha sido um acontecimento perturbador da harmonia conjugal, deflagrador de uma "crise" caracterizada por freqüentes desentendimentos, brigas e cobranças mútuas entre os cônjuges, coisas que não eram comuns em sua vida a dois até este momento.

Estas mulheres, pertencentes às camadas sociais médias da cidade do Rio de Janeiro, moradoras da Zona Sul, com nível universitário completo e faixa etária entre 26 e 34 anos, relatam que seus casamentos, antes do bebê, estavam estruturados com bases em valores e ideais igualitários, posto que fundamentados nos preceitos da igualdade entre os gêneros e no intercâmbio de funções.

Com o nascimento do primeiro filho, e em alguns casos já na gravidez e no parto, elas encontram dificuldades em atualizar na relação conjugal estes mesmos princípios igualitários, constataam pois uma alteração nas bases sobre as quais estavam estruturados seus casamentos que, por vezes agora, parecem fundamentar-se mais em valores e ideais hierárquicos, por elas considerados "antiquados" e "arcaicos", apresentando uma acentuada demarcação de papéis masculinos e femininos.

O que desagrada a estas mulheres, basicamente, é que durante a gravidez e o parto e após o nascimento do primeiro filho, dificilmente elas conseguem concretizar suas expectativas, construídas nos últimos tempos e coerentes com os valores e ideais igualitários, acerca da conciliação dos papéis femininos de profissional e de mãe e do desempenho masculino do papel de pai.

Em geral, quando se tornam mães, ao contrário do que esperavam, estas mulheres percebem uma inflação do aspecto materno em detrimento do aspecto profissional de seu papel feminino. Algumas não conseguem voltar ao trabalho, outras retornam com uma carga horária reduzida, mas mesmo as que assumem integralmente suas atividades profissionais após o período de licença relatam que encontram dificuldades em trabalhar direito, ficam preocupadas com o bem-estar do filho durante sua ausência ou sentem-se culpadas por não poder dedicar maior atenção à criança.

Por outro lado, no que se refere à realização das expectativas quanto ao desempenho masculino do papel de pai, se a maioria delas, ainda que não todas, obtem do marido participação intensa na gravidez e no parto, muito poucas contam com uma contribuição dele significativa - tão grande quanto a delas próprias ou quase - na execução de tarefas típicas como trocar fraldas, dar banho, trocar de roupa, colocar para dormir, atender aos chamados noturnos, alimentar, levar para tomar vacina, etc.

O que se verifica é que há uma discrepância considerável entre o ideal e a realização destas mulheres quanto à conciliação dos papéis femininos de profissional e de mãe e ao desempenho masculino do papel de pai - nenhuma delas consegue concretizar todas as suas expectativas quanto a estes dois pontos - que pode ser atribuída ao desmapeamento.

Estas mulheres, em sua esmagadora maioria, internalizaram durante sua socialização primária, na infância, os valores e ideais hierárquicos que, predominantemente, regiam naquela ocasião o funcionamento de suas famílias de origem. Mais tarde, e ao longo de sua socialização secundária, tiveram contacto com a ideologia do igualitarismo e internalizaram valores e ideais igualitários. Os dois conjuntos de valores e ideais, contraditórios entre si e impossibilitados de simples erradicação, passaram a conviver dentro delas, mantendo-se apenas em níveis diferentes de consciência.

Quando estas mulheres, e também seus maridos, foram chamados a reproduzir a ordem social, tornando-se mães, os dois conjuntos de valores foram confrontados dentro delas, daí a dificuldade de concretizar as expectativas mais recentemente construídas, e por isso coerentes com os princípios do igualitarismo, de conciliar os papéis femininos de profissional e de mãe sem privilegiar este último, e de ter um marido muito participativo tanto da gravidez e do parto quanto das tarefas típicas do cuidado com crianças.

Se, por um lado, "modernas", elas esperam não privilegiar o aspecto materno do seu papel feminino, por outro, "antiquadas", elas acabam vivendo a maternidade quase como uma experiência totalizadora. Da mesma forma, se esperam um marido que acompanhe nos exames e consultas médicas do pré-natal, que assista o parto e que troque fraldas, dê banho, etc, acabam por encontrar um companheiro - que elas mesmas escolheram para casar - igualmente desmapeado ou francamente adepto dos valores e ideais hierárquicos.

Há dentro delas uma contradição, de papéis e de identidades que tem como consequência justamente a discrepância entre o ideal e a realização destas mulheres quando se tornam mães e que é uma manifestação do desmapeamento. E este desmapeamento que dificulta a atualização na relação conjugal, quando chega o primeiro filho, dos princípios do igualitarismo que, de uma forma ou outra, o casal vinha mantendo vigentes até então. Se as bases sobre as quais estava fundamentada a relação são alteradas, isso vem evidenciar a fragilidade, a precariedade da estruturação do casamento, daí a vivência de uma crise conjugal quando da chegada do primeiro filho.

Se a criança que chega inaugura para os pais uma nova ocasião de reprodução da ordem social e assim desperta neles os conflitos decorrentes do desmapeamento dificultando a realização do seu ideal mais recente de maternidade e de paternidade, este mesmo desmapeamento, alterando as bases sobre as quais estava estruturada a relação do casal, desvenda seus equilíbrios precários e instala a crise

conjugai.

A crise sobrevém porque de repente o casal percebe que aquele casamento que vinha tendo não existe mais, mudou, e algo que muda assim subitamente não pode ser considerado sólido, pelos menos não à primeira vista. Isso diminui o grau de confiança de ambos os cônjuges na relação. E mais, as regras mudam no meio do jogo, perde-se o chão, e é preciso mobilizar recursos para uma nova adaptação.

VANESSA - "... esse bloco que era eu e ele teve que se desmembrar e se recriar, teve que se fazer uma outra unidade e até você achar essa outra unidade leva tempo, aprendizado, tudo isso."

Entretanto, além de não reconhecer o próprio casamento na nova estrutura familiar, marido e mulher também não reconhecem mais um ao outro. Ambos apresentam agora características que se não são completamente novas para si mesmos, certamente o são para o companheiro.

FLAVIA - "Eu não conseguia entender como é que eu tinha me casado com aquilo (...) e ele também devia pensar: Que mulher louca é essa que antes era de um jeito e agora é de outro?"

O primeiro filho tem, pois, efeitos negativos sobre o casamento de mulheres inseridas em um contexto de intensa e acelerada mudança cultural, porque enquanto ocasião propícia à eclosão dos conflitos gerados pela descontinuidade socializatória e pelo desmapeamento, causa um desmoronamento em suas relações conjugais conforme vinham sendo estruturadas até então. Mas, tem também efeitos positivos na medida em

que, desvendando os equilíbrios precários, demanda uma nova estruturação e provoca um questionamento que é capaz de criar as condições necessárias para a construção de um embasamento mais sólido para seus casamentos.

Contudo, é preciso lembrar uma vez mais que estas conclusões emergiram a partir de uma análise do discurso de mulheres, e mulheres pertencentes a um determinado e restrito grupo social. Desta forma, são conclusões parciais. Uma maior precisão só poderá ser alcançada em um momento futuro através de um trabalho de pesquisa que inclua análises de discursos tanto femininos quanto masculinos a respeito destes mesmos temas, e que atinja mulheres e homens de diferentes grupos sociais.

De qualquer modo, por ora, este trabalho cumpre ao menos com os objetivos básicos de uma pesquisa científica, já que, apesar de suas limitações, abre mais uma porta, ultrapassa um novo limiar na incessante busca do saber característica da humanidade.

APÊNDICE

TABELA I *

NOME DA MULHER	IDADE	PROFISSÃO	NOME DO MARIDO	IDADE	PROFISSÃO	CASADOS HÁ	NO CIVIL	NO RELIGIOSO	NOME DO FILHO	IDADE
ANA	29 ANOS	ECONOMISTA	MARCOLO	34 ANOS	PUBLICITARIO	3A. 1 MES.	SIM	SIM	NATALIA	1A. 5 MES.
ANDREA	26 ANOS	ADVOGADA	GILBERTO	28 ANOS	ECONOMISTA	5 ANOS	SIM	SIM	ADRIANA	2 ANOS
BIANCA	28 ANOS	ECONOMISTA	HUGO	30 ANOS	ADVOGADO	3A. 6 MES.	SIM	SIM	SAMANTHA	2A. 1 MES.
CLARA	30 ANOS	PSICOLOGA	MARCOS	34 ANOS	ENGENHEIRO	6A. 6 MES.	SIM	SIM	PEDRO	2A. 6 MES.
CRISTINA	29 ANOS	MEDICA	GUILHERME	31 ANOS	MEDICO	2A. 6 MES.	SIM	NAO	FERNANDA	1A. 6 MES.
DENISE	26 ANOS	ASSIT SOCIAL	HENRIQUE	27 ANOS	ECONOMISTA	2 ANOS	SIM	SIM	ANTONIO	10 MESES
ELIZABETH	32 ANOS	PROFESSORA	ROBERTO	29 ANOS	ENGENHEIRO	4 ANOS	SIM	SIM	CAROLINA	3 ANOS
FLAVIA	29 ANOS	DENTISTA	LUIZ	33 ANOS	ENGENHEIRO	5 ANOS	NAO	NAO	LAURA	4 ANOS
GABRIELA	26 ANOS	ARQUITETA	JULIO	30 ANOS	DENTISTA	3A. 2 MES.	SIM	SIM	BEATRIZ	1A. 3 MES.
GILDA	33 ANOS	PSICOLOGA	RICARDO	35 ANOS	ENGENHEIRO	8 ANOS	SIM	SIM	ALINE	2A. 6 MES.
HELENA	28 ANOS	ENGENHEIRA	OTAVIO	29 ANOS	ENGENHEIRO	2A. 9 MES.	SIM	SIM	GUSTAVO	11 MESES
IVANA	27 ANOS	ADVOGADA	ALVARO	34 ANOS	ADVOGADO	3A. 1 MES.	SIM	SIM	ISABELA	2A. 2 MES.
JOANA	29 ANOS	PROFESSORA	FRANCISCO	34 ANOS	ARQUITETO	2A. 5 MES.	SIM	SIM	MARCELA	1A. 6 MES.
KATIA	30 ANOS	MEDICA	DANIEL	31 ANOS	ECONOMISTA	2A. 6 MES.	SIM	SIM	JUNIOR	1 ANO
LUCIA	32 ANOS	PSICOLOGA	MAURICIO	32 ANOS	ENGENHEIRO	5A. 10 MES.	NAO	SIM	THIAGO	2A. 1 MES.
MARTA	34 ANOS	PSICOLOGA	NELSON	32 ANOS	ENGENHEIRO	6A. 9 MES.	SIM	SIM	BERNARDO	3A. 10 MES.
MONICA	29 ANOS	DENTISTA	RAFAEL	30 ANOS	PUBLICITARIO	4 ANOS	SIM	SIM	JESSICA	3 ANOS
NADIA	31 ANOS	ARQUITETA	SERGIO	33 ANOS	PUBLICITARIO	4A. 3 MES.	SIM	SIM	GABRIEL	3 ANOS
OLGA	27 ANOS	JORNALISTA	EDUARDO	29 ANOS	ECONOMISTA	1A. 6 MES.	SIM	SIM	MARINA	6 MESES
PAULA	26 ANOS	DENTISTA	ALEXANDRE	29 ANOS	ADVOGADO	3 ANOS	SIM	SIM	RODRIGO	1 ANO
ROSA	28 ANOS	BIOLOGA	JOAO	35 ANOS	EMPRESARIO	1A. 10 MES.	SIM	SIM	BRUNO	8 MESES
SANDRA	28 ANOS	ADVOGADA	CARLOS	28 ANOS	ENGENHEIRO	5A. 6 MES.	SIM	SIM	FELIPE	1A. 5 MES.
TATIANA	30 ANOS	ECONOMISTA	AFONSO	32 ANOS	ECONOMISTA	4 ANOS	SIM	SIM	PATRICIA	2 ANOS
VANESSA	29 ANOS	PSICOLOGA	PEDRO	35 ANOS	ECONOMISTA	3 ANOS	NAO	NAO	PAULA	1A. 11 MES.
VANIA	29 ANOS	JORNALISTA	FABIO	33 ANOS	ARQUITETO	2A. 4 MES.	SIM	SIM	JOAO	1A. 2 MES.

* TODOS OS NOMES SAO FICTICIOS

TABELA II

NOME	CONSIDERAVAM-SE FELIZES NO CASAMENTO ANTES DO BEBE.	NAO SE CONSIDERAVAM FELIZES NO CASAMENTO ANTES DO BEBE.	ESTAVAM SATISFEITAS COM A ESTRUTURACAO DE SEU CASAMENTO ANTES DO BEBE.	NAO ESTAVAM SATISFEITAS COM A ESTRUTURACAO DE SEU CASAMENTO ANTES DO BEBE.	ESTRUTURACAO DO CASAMENTO BASEADA, PREDOMINANTEMENTE EM IDEIAS E VALORES HIERARQUICOS.	ESTRUTURACAO DO CASAMENTO BASEADA, PREDOMINANTEMENTE EM IDEIAS E VALORES IGUALITARIOS.	DESEJAVAM TER O FILHO.	NAO DESEJAVAM TER O FILHO.	ADMITEM QUE O BEBE TROUXE MUDANCAS P/A VIDA DO CASAL.	NAO CONSIDERAM QUE O BEBE TERIA TRAZIDO MUDANCAS P/A VIDA DO CASAL.	AS MUDANCAS FORAM ASSIMILADAS COM TRANQUILIDADE NA RELACAO CONJUGAL.	AS MUDANCAS FORAM CRITICAS PARA A RELACAO CONJUGAL.
	X		X		X	X	X		X		X	X
ANA	X		X			X	X		X			X
ANDREA	X		X			X		X	X		X	
BIANCA	X		X			X	X		X			X
CLARA	X		X			X	X		X			X
CRISTINA	X		X			X	X		X		X	
DENISE	X		X			X	X		X			X
ELIZABETH	X		X			X		X	X			X
FLAVIA	X		X			X	X		X			X
GABRIELA	X		X			X	X		X			X
GILDA	X		X			X	X		X		X	
HELENA	X		X			X	X		X			X
IVANA	X		X			X	X		X			X
JOANA	X		X			X	X		X			X
KATIA	X		X			X	X		X			X
LUCIA	X		X			X	X		X			X
MARTA	X		X			X	X		X			X
MONICA	X		X			X	X		X			X
NADIA	X		X			X	X		X			X
OLGA	X		X			X	X		X			X
PAULA	X		X			X	X		X			X
ROSA	X		X			X	X		X		X	
SANDRA	X		X			X	X		X		X	
TATIANA	X		X			X	X		X			X
VANESSA	X		X			X	X		X			X
VANIA	X		X			X	X		X			X
25 MULHERES (100 %)	25 MULHERES (100 %)	0 MULHERES (0 %)	25 MULHERES (100 %)	0 MULHERES (0 %)	3 MULHERES (12 %)	22 MULHERES (88 %)	23 MULHERES (92 %)	2 MULHERES (8 %)	25 MULHERES (100 %)	0 MULHERES (0 %)	5 MULHERES (20 %)	20 MULHERES (80 %)

TABELA III

EXPECTATIVAS E REALIZAÇÕES	ESPERAVAM CONCILIAR OS PAPEIS FEMININOS DE PROFISSIONAL E DE MAE	CONCILIARAM OS PAPEIS FEMININOS DE PROFISSIONAL E DE MAE	NAO ESPERAVAM CONCILIAR OS PAPEIS FEMININOS DE PROFISSIONAL E DE MAE	NAO CONCILIARAM OS PAPEIS FEMININOS DE PROFISSIONAL E DE MAE	CONCRETIZARAM NA INTEGRA SUAS EXPECTATIVAS
NOME					
ANDREA			X	X	X
ROSA			X	X	X
SANDRA			X	X	X
GILDA	X	X			X
CRISTINA	X	X			X
5 MULHERES (100 %)	2 MULHERES (40 %)	2 MULHERES (40 %)	3 MULHERES (60 %)	3 MULHERES (60 %)	5 MULHERES (100 %)

TABELA IV

EXPECTATIVAS E REALIZAÇÕES	ESPERAVAM CONCILIAR OS PAPEIS FEMININOS DE PROFISSIONAL E DE MAE	CONCILIARAM OS PAPEIS FEMININOS DE PROFISSIONAL E DE MAE	NAO ESPERAVAM CONCILIAR OS PAPEIS FEMININOS DE PROFISSIONAL E DE MAE	NAO CONCILIARAM OS PAPEIS FEMININOS DE PROFISSIONAL E DE MAE	CONCRETIZARAM NA INTEGRA SUAS EXPECTATIVAS
NOME					
ANA	X			X	
BIANCA	X			X	
CLARA	X			X	
DENISE	X			X	
ELIZABETH	X			X	
FLAVIA	X			X	
GABRIELA	X			X	
HELENA	X	X			X
IVANA	X			X	
JOANA	X			X	
KATIA	X			X	
LUCIA	X			X	
MARTA	X			X	
MONICA	X			X	
NADIA	X			X	
OLGA	X			X	
PAULA	X			X	
TATIANA	X	X			X
VANESSA	X			X	
VANIA	X			X	
20 MULHERES (100 %)	20 MULHERES (100 %)	2 MULHERES (10 %)	0 MULHERES (0 %)	18 MULHERES (90 %)	2 MULHERES (10 %)

TABELA V

EXPECTATIVAS E REALIZAÇÕES	ESPERAVAM DO MARIDO UMA PARTICIPAÇÃO INTENSA NA GRAVIDEZ:	OBTIVERAM INTENSA PARTICIPAÇÃO DO MARIDO NA GRAVIDEZ	NAO ESPERAVAM DO MARIDO UMA PARTICIPAÇÃO INTENSA NA GRAVIDEZ:	NAO OBTIVERAM INTENSA PARTICIPAÇÃO DO MARIDO NA GRAVIDEZ	ESPERAVAM QUE O MARIDO ESTIVESSE PRESENTE NA SALA DE PARTO
NOME					
ANDREA			X	X	
ROSA			X	X	
SANDRA	X	X			X
GILDA	X	X			X
CRISTINA	X	X			X
5 MULHERES (100 %)	3 MULHERES (60 %)	3 MULHERES (60 %)	2 MULHERES (40 %)	2 MULHERES (40 %)	3 MULHERES (60 %)

CONTINUAÇÃO DA TABELA V

EXPECTATIVAS E REALIZAÇÕES	OBTIVERAM A PRESENÇA DO MARIDO NA SALA DE PARTO	NAO ESPERAVAM QUE O MARIDO ESTIVESSE PRESENTE NA SALA DE PARTO	NAO OBTIVERAM A PRESENÇA DO MARIDO NA SALA DE PARTO	ESPERAVAM QUE O MARIDO EXECUTASSE TANTO QUANTO ELAS TAREFAS TÍPICAS DO CUIDADO COM AS CRIANÇAS	OBTIVERAM A PARTICIPAÇÃO DO MARIDO, TÃO GRANDE QTO. A DELAS PROPRIAS, NA EXECUÇÃO DE TAREFAS TÍPICAS DO CUIDADO ...
NOME					
ANDREA		X	X		
ROSA		X	X		
SANDRA	X				
GILDA	X			X	X
CRISTINA	X			X	X
5 MULHERES (100 %)	3 MULHERES (60 %)	2 MULHERES (40 %)	2 MULHERES (40 %)	2 MULHERES (40 %)	2 MULHERES (40 %)

CONTINUAÇÃO DA TABELA V

EXPECTATIVAS E REALIZAÇÕES	NAO ESPERAVAM QUE O MARIDO EXECUTASSE, TANTO QUANTO ELAS TAREFAS TÍPICAS DO CUIDADO...	NAO OBTIVERAM A PARTICIPAÇÃO DO MARIDO TÃO GRANDE QTO. A DELAS PROP. NA EXECUÇÃO DE TAREFAS TÍPICAS ...	CONCRETIZARAM NA ÍNTEGRA SUAS EXPECTATIVAS		
NOME					
ANDREA	X	X	X		
ROSA	X	X	X		
SANDRA	X	X	X		
GILDA			X		
CRISTINA			X		
5 MULHERES (100 %)	3 MULHERES (60 %)	3 MULHERES (60 %)	5 MULHERES (100 %)		

TABELA VI

EXPECTATIVAS E REALIZAÇÕES	ESPERAVAM DO MARIDO UMA PARTICIPAÇÃO INTENSA NA GRAVIDEZ:	OBTIVERAM INTENSA PARTICIPAÇÃO DO MARIDO NA GRAVIDEZ	NAO ESPERAVAM DO MARIDO UMA PARTICIPAÇÃO INTENSA NA GRAVIDEZ:	NAO OBTIVERAM INTENSA PARTICIPAÇÃO DO MARIDO NA GRAVIDEZ	ESPERAVAM QUE O MARIDO ESTIVESSE PRESENTE NA SALA DE PARTO
NOME					
ANA	X	X			X
BIANCA	X	X			X
CLARA	X	X			X
DENISE	X			X	X
ELIZABETH	X	X			
FLAVIA	X			X	X
GABRIELA	X	X			X
HELENA	X	X			X
IVANA	X	X			X
JOANA	X			X	X
KATIA	X	X			X
LUCIA	X			X	X
MARTA	X	X			X
MONICA	X			X	X
NADIA	X	X			
OLGA	X	X			X
PAULA	X	X			X
TATIANA	X			X	X
VANESSA	X	X			X
VANIA	X	X			X
20 MULHERES (100 %)	20 MULHERES (100 %)	14 MULHERES (70 %)	0 MULHERES (00 %)	6 MULHERES (30 %)	18 MULHERES (90 %)

CONTINUAÇÃO DA TABELA VI

EXPECTATIVAS E REALIZAÇÕES	OBTIVERAM A PRESENÇA DO MARIDO NA SALA DE PARTO	NAO ESPERAVAM QUE O MARIDO ESTIVESSE PRESENTE NA SALA DE PARTO	NAO OBTIVERAM A PRESENÇA DO MARIDO NA SALA DE PARTO	ESPERAVAM QUE O MARIDO EXECUTASSE TANTO QUANTO ELAS TAREFAS TÍPICAS DO CUIDADO COM AS CRIANÇAS	OBTIVERAM A PARTICIPAÇÃO DO MARIDO, TÃO GRANDE QTO. A DELAS PROPRIAS, NA EXECUÇÃO DE TAREFAS TÍPICAS DO CUIDADO ...
NOME					
ANA	X			X	
BIANCA	X			X	
CLARA	X			X	X
DENISE			X	X	
ELIZABETH		X	X	X	
FLAVIA			X	X	
GABRIELA	X			X	
HELENA			X	X	
IVANA	X			X	
JOANA	X			X	
KATIA	X			X	
LUCIA			X	X	
MARTA	X			X	
MONICA	X			X	
NADIA		X	X	X	
OLGA	X			X	
PAULA	X			X	X
TATIANA			X	X	
VANESSA	X			X	X
VANIA	X			X	
20 MULHERES (100 %)	13 MULHERES (65 %)	2 MULHERES (10 %)	7 MULHERES (35 %)	20 MULHERES (100 %)	3 MULHERES (15 %)

CONTINUAÇÃO DA TABELA VI

EXPECTATIVAS E REALIZAÇÕES	NAO ESPERAVAM QUE O MARIDO EXECUTASSE, TANTO QUANTO ELAS TAREFAS TÍPICAS DO CUIDADO...	NAO OBTIVERAM A PARTICIPAÇÃO DO MARIDO TÃO GRANDE QTO. A DELAS PROP. NA EXECUÇÃO DE TAREFAS TÍPICAS ...	CONCRETIZARAM NA INTEGRA SUAS EXPECTATIVAS		
NOME					
ANA		X			
BIANCA		X			
CLARA			X		
DENISE		X			
ELIZABETH		X			
FLAVIA		X			
GABRIELA		X			
HELENA		X			
IVANA		X			
JOANA		X			
KATIA		X			
LUCIA		X			
MARTA		X			
MONICA		X			
NADIA		X			
OLGA		X			
PAULA			X		
TATIANA		X			
VANESSA			X		
VANIA		X			
20 MULHERES (100 %)	0 MULHERES (00 %)	17 MULHERES (85 %)	3 MULHERES (15 %)		

TABELA VII

CONCRETIZAÇÕES DE EXPECTATIVAS	CONCRETIZARAM NA INTEGRA SUAS EXPECTATIVAS DE CONCILIAÇÃO DOS PAPEIS FEMININOS DE PROFISSIONAL E DE MÃE	CONCRETIZARAM NA INTEGRA SUAS EXPECTATIVAS QUANTO AO DESEMPENHO DO PAPEL DE PAI DE SEU MARIDO	CONCRETIZARAM NA INTEGRA TODAS AS SUAS EXPECTATIVAS QUANTO A ESTES DOIS ASPECTOS
NOME			
ANDREA	X	X	X
ROSA	X	X	X
SANDRA	X	X	X
GILDA	X	X	X
CRISTINA	X	X	X
5 MULHERES (100 %)	5 MULHERES (100 %)	5 MULHERES (100 %)	5 MULHERES (100 %)

TABELA VIII

CONCRETIZAÇÕES DE EXPECTATIVAS	CONCRETIZARAM NA INTEGRA SUAS EXPECTATIVAS DE CONCILIAÇÃO DOS PAPEIS FEMININOS DE PROFISSIONAL E DE MÃE	CONCRETIZARAM NA INTEGRA SUAS EXPECTATIVAS QUANTO AO DESEMPENHO DO PAPEL DE PAI DE SEU MARIDO	CONCRETIZARAM NA INTEGRA TODAS AS SUAS EXPECTATIVAS QUANTO A ESTES DOIS ASPECTOS
NOME			
ANA			
BIANCA			
CLARA		X	
DENISE			
ELIZABETH			
FLAVIA			
GABRIELA			
HELENA	X		
IVANA			
JOANA			
KATIA			
LUCIA			
MARTA			
MONICA			
NADIA			
OLGA			
PAULA		X	
TATIANA	X		
VANESSA		X	
VANIA			
20 MULHERES (100 %)	2 MULHERES (10 %)	3 MULHERES (15 %)	0 MULHERES (0 %)

TABELA IX

FAMÍLIA DE ORIGEM E EXPECTATIVAS RECENTES	ESTRUTURAÇÃO DA FAMÍLIA DE ORIGEM, QTO. AOS PAPEIS DE PAI E DE MÃE, BASEADA PREDOMINANTEMENTE EM VALORES E IDEIAS HIERARQUICOS.	CONSTRUÇÃO DAS EXPECTATIVAS MAIS RECENTES DE REALIZAÇÃO DOS PAPEIS DE PAI E DE MÃE BASEADA PREDOMINANTEMENTE EM VALORES E IDEIAS HIERARQUICOS.	ESTRUTURAÇÃO DA FAMÍLIA DE ORIGEM, QTO. AOS PAPEIS DE PAI E DE MÃE, BASEADA PREDOMINANTEMENTE EM VALORES E IDEIAS IGUALITARIOS.
NOME			
ANDREA	X	X	
ROSA	X	X	
SANDRA	X	X	
GILDA			X
CRISTINA			X
5 MULHERES (100 %)	3 MULHERES (60 %)	3 MULHERES (60 %)	2 MULHERES (40 %)

CONTINUAÇÃO DA TABELA IX

FAMÍLIA DE ORIGEM E EXPECTATIVAS RECENTES	CONSTRUÇÃO DAS EXPECTATIVAS MAIS RECENTES DE REALIZAÇÃO DOS PAPEIS DE PAI E DE MÃE BASEADA PREDOMINANTEMENTE EM VALORES E IDEIAS IGUALITARIOS.	COERÊNCIA ENTRE OS MODELOS EM QUE SE BASEIAM A ESTRUTURAÇÃO DA FAMÍLIA DE ORIGEM E A CONSTRUÇÃO DAS EXPECTATIVAS MAIS RECENTES.	
NOME			
ANDREA		X	
ROSA		X	
SANDRA		X	
GILDA	X	X	
CRISTINA	X	X	
5 MULHERES (100 %)	2 MULHERES (40 %)	5 MULHERES (100 %)	

TABELA X

FAMÍLIA DE ORIGEM E EXPECTATIVAS RECENTES	ESTRUTURAÇÃO DA FAMÍLIA DE ORIGEM, QTO. AOS PAPEIS DE PAI E DE MÃE, BASEADA PREDOMINANTEMENTE EM VALORES E IDEIAS HIERARQUICOS.	CONSTRUÇÃO DAS EXPECTATIVAS MAIS RECENTES DE REALIZAÇÃO DOS PAPEIS DE PAI E DE MÃE BASEADA PREDOMINANTEMENTE EM VALORES E IDEIAS HIERARQUICOS.	ESTRUTURAÇÃO DA FAMÍLIA DE ORIGEM, QTO. AOS PAPEIS DE PAI E DE MÃE, BASEADA PREDOMINANTEMENTE EM VALORES E IDEIAS IGUALITARIOS.
NOME			
ANA	X		
BIANCA	X		
CLARA	X		
DENISE	X		
ELIZABETH	X		
FLAVIA			X
GABRIELA	X		
HELENA	X		
IVANA	X		
JOANA	X		
KATIA	X		
LUCIA	X		
MARTA	X		
MONICA	X		
NADIA	X		
OLGA	X		
PAULA	X		
TATIANA	X		
VANESSA	X		
VANIA	X		
20 MULHERES (100 %)	19 MULHERES (95 %)	0 MULHERES (00 %)	1 MULHER (5 %)

CONTINUAÇÃO DA TABELA X

FAMÍLIA DE ORIGEM E EXPECTATIVAS RECENTES	CONSTRUÇÃO DAS EXPECTATIVAS MAIS RECENTES DE REALIZAÇÃO DOS PAPEIS DE PAI E DE MÃE BASEADA PREDOMINANTEMENTE EM VALORES E IDEIAS IGUALTARIOS.	COERENCIA ENTRE OS MODELOS EM QUE SE BASEIAM A ESTRUTURAÇÃO DA FAMÍLIA DE ORIGEM E A CONSTRUÇÃO DAS EXPECTATIVAS MAIS RECENTES.	
NOME			
ANA	X		
BIANCA	X		
CLARA	X		
DENISE	X		
ELIZABETH	X		
FLAVIA	X	X	
GABRIELA	X		
HELENA	X		
IVANA	X		
JOANA	X		
KATIA	X		
LUCIA	X		
MARTA	X		
MONICA	X		
NADIA	X		
OLGA	X		
PAULA	X		
TATIANA	X		
VANESSA	X		
VANIA	X		
20 MULHERES (100 %)	20 MULHERES (100 %)	1 MULHER (5 %)	

TABELA XI

NOME	JÁ SUPE- RARAM A CRISE	ESTÃO BU- PERANDO A CRISE	ESTÃO NO AUGE DA CRISE	ESPERAM OU ESPERA- RAM O TEMPO PAS- SAR	DIALOGO COM O CONJUGE SOBRE AS DIFICUL- DADES	ENCONTRAM OU ENCONTRA- RAM AJUDA ATRAVES DE PSICOTE- RAPIAS	DIALOGO COM O CONJUGE E AJUDA ATRAVES DE PSICOTERAPIAS
ANA		X			X		X
BIANCA		X					
CLARA		X				X	
DENISE			X				X
ELIZABETH	X				X		
FLAVIA		X			X		
GABRIELA			X		X		
HELENA		X					X
IVANA	X				X		
JOANA			X				X
KATIA			X			X	
LUCIA		X					X
MARTA	X						X
MONICA	X			X			
NADIA			X			X	
OLGA			X			X	
PAULA			X				
TATIANA		X		X			
VANESSA		X			X		
VANIA		X			X		
20 MULHERES (100 %)	4 MULHERES (20 %)	9 MULHERES (45 %)	7 MULHERES (35 %)	2 MULHERES (10 %)	7 MULHERES (35 %)	5 MULHERES (25 %)	6 MULHERES (30 %)

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ALMEIDA, M.I.M (1987) - A "nova maternidade": uma ilustração das ambigüidades do processo de modernização da família. in: FIGUEIRA, S.A. (org.) - Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro, Zahar. p.55-67
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. (1973) - A construção social da realidade. Petrópolis, Vozes.
- BROWN, G.W & HARRIS, T. (1978) - Social origins of depression. London, Tavistock.
- BURR, W.R. (1970) - Satisfaction with various aspects of marriage over the life cycle. Jnl. Marriage and the family 32, 29-37.
- CLULOW, C.F. (1982) - To have and to hold. Marriage, the first baby and preparing couples for parenthood. Aberdeen, Aberdeen University Press.
- COSTA, J.F. (1984) - Violência e psicanálise. Rio de Janeiro, Graal.
- EIGUER, A. (1985) - Um divã para a família. Do modelo grupal à terapia familiar psicanalítica. Porto Alegre, Artes Médicas.
- FELDMAN, H. (1971) - The effects of children on the family. in: MICHAEL, A. (ed) - Family issues of employed women in Europe and America. Leiden, Brill.
- FIGUEIRA, S.A. (1981a) - O contexto social da psicanálise. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

- FIGUEIRA, S.A. (1981b) - Psicanálise e antropologia: uma visão do mundo brasileiro. in: Jornal do Brasil, 20 de dezembro.
- FIGUEIRA, S.A. (1985) - Modernização da família e desorientação: uma das raízes do psicologismo no Brasil. in: FIGUEIRA, S.A. (org) - Cultura da psicanálise. São Paulo, Brasiliense. p. 142-146.
- FIGUEIRA, S.A. (1987) - o "moderno" e o "arcaico" na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. in: FIGUEIRA, S.A. (org) Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro, Zahar. p. 11-30
- HOBBS, D.F. & COLE, S.P. (1976) - Transition to parenthood: a decade replication. Jnl. Marriage and the family. 38, 723-731.
- LE MASTERS, E.E. (1957) - Parenthood as crisis. Marriage and Family Living 19, 352-355.
- LO BIANCO, A.C. (1985) - A psicologização do feto. in: FIGUEIRA, S.A. (org) - Cultura da psicanálise. São Paulo, Brasiliense. p. 94-115.
- LUCKEY, E.B. & BAIN, J.K. (1970) - Children: A factor in marital satisfaction. Jnl. Marriage and the family 32, 43-44.
- NICOLACI-DA-COSTA, A.M. (1985) - Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. in: FIGUEIRA, S.A. (org) - Cultura da psicanálise. São Paulo, Brasiliense. p. 147-168.
- NICOLACI-DA-COSTA, A.M. (1987) - Sujeito e cotidiano: um estudo da dimensão psicológica do social. Rio de Janeiro, Campus.
- NICOLACI-DA-COSTA, A.M. (1988a) - Questões metodológicas sobre a análise de discurso. Trabalho apresentado na 40ª Reunião anual da SBPC, São Paulo. Mimeo.

- NICOLCI-DA-COSTA, A.M. (1988b) - Análise de discurso e pesquisa qualitativa. Trabalho apresentado no Simpósio Abordagens Qualitativas em Pesquisa na 18ª Reunião anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto. Mimeo
- OAKLEY, A. (1979) - Becoming a mother. London, Martin Robertson.
- PARSEVAL, G.D. (1986) - A parte do pai. Porto Alegre, L & PM.
- RAPOPORT, R. & RAPOPORT, R. (1971) - Dual career families. Penguin Books.
- RAPOPORT, R. et al (1977) - Fathers, mothers and others. Routledge and Kegan Paul.
- ROLLINS, B.C. & FELDMAN, H. (1970) - Marital satisfaction over the life cycle. Jnl. Marriage and the family 32, 20-28
- SALEM, T. (1985) - A trajetória do "casal grávido": de sua constituição à revisão de seu projeto. in: FIGUEIRA, S.A. (org) Cultura da psicanálise. São Paulo, Brasiliense. p. 35-61.
- SHERESHEFSKY, P.M. & YARROW, L.J. (1973) - Psychological aspects of a first pregnancy and early post-natal adaptation. New York, Raven Press.
- THORNTON, A. (1977) - Children and marriage stability. Jnl. of Marriage and the family 39, 531-540.
- VELHO, G. (1981) - Individualismo e cultura. Rio de Janeiro, Zahar.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/Rio, pela aluna **Ana Paula Brandão Rocha**, intitulada **Dois, é bom. Três é demais?** Um estudo sobre a relação conjugal e o primeiro filho em um contexto de acelerada mudança cultural, a partir do ponto de vista da mulher. Fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:



ANA MARIA NICOLACI-DA-COSTA
PUC/Rio




JUNIA DE VILHENA
PUC/Rio



TÂNIA DAUSTER
PUC/Rio

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1993



ANA MARIA NICOLACI-DA-COSTA
Coordenadora dos programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas